

SIP

PPGL/UESC
APRESENTA:

CADERNO DE RESUMOS

DOUTORADO



LINHA A

LINHA B

LINHA C

PPPGL-UESC APRESENTA:



SEMINÁRIO INTERNO DE PESQUISA

Turma Doutorado 2024.01



DIAS 16, 17 E 18 DE JULHO DE 2024

Universidade Estadual de Santa Cruz
Departamento de Letras e Artes - DLA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES (DLA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES (PPGL)**

Reitor

Alessandro Fernandes de Santana

Vice-Reitor

Maurício Santana Moreau

Diretor do DLA

Élida Paulina Ferreira

Coordenador do PPGL

Rogério Luid Modesto dos Santos

Vice-coordenador do PPGL

Isaías Francisco de Carvalho

Secretária do PPGL

Jaíne Andrade Pereira

Patrícia Silva dos Anjos

Diagramação do Caderno de Resumos

Ana Paula Garcia Boscatti

Comissão Organizadora

Ana Paula Garcia Boscatti (presidente)

Marla Bispo Santos (Linha A)

Ariadna Gúzman Bejarano (Linha B)

Ádrian Ferreira Barboza (Linha C)



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES (DLA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES (PPGL)**

DEBATEDORES:

LINHA A: Dia 16/07/2024

Dr. Alexandre Fernandes e Dr. Adeíto Pinho

LINHA B: Dia 16/07/2024

Dra. Vânia Torga e Dra. Marcia Paraquett

LINHA B: Dia 17/07/2024

Dra. Élide P. Ferreira e Dra. Vivian Antonino da Silva

LINHA C: Dia 17/07/2024

Dr. André Mitidieri e Dra. Yarlenis M. Malfrán

LINHA C: Dia 18/07/2024

Dr. André Mitidieri e Dra. Tallýz Mann



Equipe Organizadora

Discentes



Linha A

Marla Bispo Santos

Desenvolve pesquisas a partir dos campos da História, Memória, Ancestralidade e Identidade com enfoque na Literatura negro-brasileira e Literatura Afro-latino-americana.



Linha B

Ariadna Gúzman Bejarano

Pesquisas na área de Educação e da Linguística Aplicada no relacionado com didática das línguas estrangeiras (inglês e francês), formação de professores, autonomia, autorregulação e inclusão.



Linha C

Ádrian Ferreira Barboza

Pesquisas em gênero, sexualidade na educação, e, na literatura, estuda narrativas de vidas sob a ótica do Transfeminismo e do Putafeminismo.

Docente



Linha C

Ana Paula Garcia Boscatti

Desenvolve pesquisas com abordagens dos Estudos de Gênero nos seguintes temas: Interseccionalidades, Culturas Visuais, Pensamento *Queer*, Relações Humanos e Animais, Estudos Culturais, Nacionalismos e Cultura de Massa.

Apresentação

O Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) é uma atividade de participação obrigatória curricular do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC), prevista em seu regimento interno, e é pré-requisito para a realização do Exame de Qualificação das dissertações e teses em andamento. A aprovação no SIP não se dá por nota, mas pelo conceito "Aprovação em Atividade", condicionada unicamente à participação de discentes e à apresentação das atividades solicitadas pela comissão organizadora. Atualmente, o SIP é realizado no primeiro semestre, reunindo as pesquisas desenvolvidas por pessoas doutorandas, e, no segundo semestre, com os trabalhos de pessoas mestrandas. Esses são momentos em que é possível compartilhar e discutir as pesquisas em desenvolvimento por discentes do PPGL-UESC.

Desde 2016, as programações e os resumos do SIP são disponibilizados na página do programa, contribuindo, desse modo, para uma relação de transparência com a comunidade e um aumento da visibilidade do conhecimento produzido pelo corpo discente e docente, com impacto positivo para os mecanismos de avaliação externa do PPGL/UESC.

Neste semestre, as discussões e apresentações serão realizadas em três encontros e de modo remoto, via Google Meet, em 16, 17 e 18 de julho de 2024, sendo o primeiro dia para as linhas de pesquisa A (manhã) e B (tarde), o segundo dia para a linha B (manhã) e a linha C (tarde) e o terceiro dia novamente para apresentações da linha C (manhã)

Sumário

Equipe Organizadora.....	5
---------------------------------	----------

Apresentação	6
---------------------------	----------

LINHA A

RAMI: E NÃO SOU EU UMA MULHER? OU UM SEGUNDO TÍTULO: OS GOZOS DE RAMI E OS MEUS.....	10
LITERATURA AFRO-LATINO-AMERICANA: NARRATIVAS DE (RE)EXISTÊNCIAS, MEMÓRIA E IDENTIDADE NOS ROMANCES DE ADELAIDA FERNÁNDEZ OCHOA E ELIANA ALVES CRUZ	17
PANORAMA CONTEMPORÂNEO DA LITERATURA DE RESISTÊNCIA DE MULHERES AFEGÃS REFUGIADAS A PARTIR DA POESIA DE TANIA AKEFI E KHALIDA FOROUGH	26
“LEVANTA E ANDA”: A POÉTICA ORAL DOS IMPROVISADORES NO DUELO DE MCS NACIONAL	34

LINHA B

A FORMAÇÃO CONTINUADA COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROTÓTIPO DE ENSINO PARA A CORREÇÃO ORAL DIALOGADA DE TEXTOS ESCOLARES.....	43
OS JOGOS EDUCATIVOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS.....	52
CRENÇAS SOBRE AUTONOMIA NA PRODUÇÃO ESCRITA EM INGLÊS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: ESTUDO COMPARATIVO BRASIL-COLÔMBIA.....	62
LÍNGUA COMO RESILIÊNCIA – PERSPECTIVAS, DESAFIOS E PROPOSTAS DE PROFESSORES DE REFUGIADOS SOBRE O ENSINO DE PLAc	72
PESSOAS SURDAS SINALIZANTES ADQUIRENTES DA SURDOCEGUEIRA REELABORAÇÕES LINGUAGEIROS.....	79
CONSTRUÇÕES CORPORIFICADAS EM USO NA REDE SOCIAL X: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL	88

LINHA C

A NECA DE AMARA MOIRA COMO TECNOLOGIA DE SUBJETIVAÇÃO TRANSCENTRAL PUTA-TRAVESTI.....	97
BLOCOS AFRO DE ILHÉUS: ARQUIVO, RAÇA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA	106
VIVER DE SEGUNDA MÃO: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DE DISCURSOS EM NARRATIVAS PÓS-DITADURAS NO BRASIL E NA ARGENTINA	114
DA ESCRAVIDÃO À VIOLÊNCIA POLICIAL: UM ESTUDO DISCURSIVO ENTRE O SOFRER E O PRATICAR CRIMES CONTRA A PELE NEGRA	122

DO LIVRO À TELA: A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS EM ADAPTAÇÕES DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA O AUDIOVISUAL.....	130
SAPATONIZANDO O CÂNONE, REELABORANDO AFETOS: FORMAÇÃO DE SUBJETIVIDADES DE MULHERES LÉSBICAS EM “AMORA”, DE NATÁLIA BORGES POLESSO	141
DISPOSITIVOS ARTIVISTAS FEMINISTAS COMO PRÁCTICAS ESTÉTICAS RITUALES EN EPISTEMOLOGIAS DEL SUR GLOBAL: DIÁLOGO DE RELATOS ALTERNATIVOS A LOS RELATOS DOMINANTES DESDOBLADOS DE LA VIOLENCIA COLONIAL CONTRA LAS MUJERES.....	150

LITERATURA E
INTERFACES

UNHA A



As pesquisas priorizam
produções literárias
e representações

em diálogos com
a história, a memória
e as relações étnico-
raciais,
questionando
poderes
hegemônicos.

JULHO 2024

RAMI: E NÃO SOU EU UMA MULHER? OU UM SEGUNDO TÍTULO: OS GOZOS DE RAMI E OS MEUS

Gabriela Machado Silveira¹

Alexandre de Oliveira Fernandes (orientador)²

APRESENTAÇÃO

O mundo é o meu trauma.

Jota Mombaça

O estudo parte da obra literária *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, para refletir sobre a formação de subjetividade da mulher-personagem Rami. É pertinente problematizar a necessidade de sentir-se inteira, isto é, de lidar com a despersonalização, a falta e a elaboração de uma nova subjetividade que parte da ótica de uma mulher experimentadora das sensações de obsolescência e abandono. Partindo desse trauma, analisaremos como a presença do homem figura como fonte de desejo e vida, faz sofrer e é veículo para o gozo (HOOK, 2021).

Interessa, então, entender como goza a mulher que precisa de leis sociais e morais para construir seu prazer como algo que sempre escapa a esses limites e rasura as expectativas sobre sujeito feminino ao mesmo tempo que pode recorrer a elas para ser cínica quanto ao discurso metafísico e sua noção de verdade.

Dito isso, cabe explicar brevemente o(s) título(s), o que também ajuda a apresentar o projeto como um todo. O primeiro demonstra a intenção de partir da mulher-personagem, de suas filosofias de vida, para pensar o que é ser uma *mulher*. Consideraremos suas análises para traçar um diálogo empático, que parte de sua voz, de seus saberes (os colonizados e os decoloniais, os contemporâneos e os ancestrais), para analisar e escrever *com* ela.

Também desejo unir a minha voz e análises às de Rami. A leitora deve ter percebido que, no primeiro título, há um “eu” inscrito. Isso significa que, como mulher-pesquisadora, eu também estarei exposta aqui. Como num divã, escreverei as reflexões, experiências, desejos, fetiches e dores que julgo importantes para entender o que é ser uma mulher e pensar desejo e gozo. Afinal,

¹ gabrielasilveira01@hotmail.com Bolsista Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB.

² alexandre.pro@gmail.com.

a tese a elaborar-se não é apenas uma pesquisa acadêmica; é também um projeto que chamo de tese-terapia. Escreverei o texto como quem se deita no divã, colocando-me vulnerável, exposta em minhas monstruosidades e traumas para percorrer um processo de luto marcado pela falta e, como Rami, sinalizar a potência de ressignificação que dele nasce.

Quanto ao segundo título, sendo também uma sugestão do meu orientador, foi inscrito para marcar algo importante ao longo do trabalho: minhas inseguranças e dúvidas. Desde o título, haverá indecidibilidade. Sem conseguir decidir qual o mais adequado e percebendo a importância dos dois, não consigo ver motivos para não os fazer ser um título só, coerente com as propostas que pretendo alcançar, aberto às dúvidas e às aporias.

Enfim, neste trabalho estaremos as duas, Rami e eu, sussurrando segredos, pensando meios de escapar pelas bordas e limites da lei. Escrevemos sobre nossos traumas, os meus em relação à mamoplastia redutora (sobre o que deu errado, o que necrosou e o que é uma ferida que segue aberta internamente) e os de Rami quanto à transformação do corpo “expirado”, obsoleto, dentro de um sistema que o condiciona para ser sempre objeto do outro e nunca veículo do próprio prazer.

Objetivo geral

Escrever a respeito da movimentação de aspectos aporéticos e monstruosos em torno da formação de subjetividade da mulher-personagem Rami à luz dos estudos de gênero.

Objetivos específicos

- analisar criticamente a mulher-personagem Rami a partir dos estudos de gênero, da psicanálise, dos estudos *cuir* e da teoria feminista contemporânea.
- problematizar o modo que afetos como dor, ressentimento, sofrimento podem ser fundamentais *da e para a* condição de mulher;
- refletir sobre como sexualidade, gênero e raça ajudam a produzir desejo e gozo, especialmente pela perspectiva da falta.

JUSTIFICATIVAS

O estudo será relevante para problematizar não só o gênero, mas também a própria forma de realização da pesquisa/escrita acadêmica, visto que a intenção é trazer o corpo, as intuições, os

desejos e as aporias à tona, à elaboração da tese, tanto em relação à percepção da mulher-personagem como da mulher-pesquisadora.

Para isso, precisarei de coragem. Quando escrevo que quero trazer meu corpo e os afetos que partem dele para a construção da análise, refiro-me não apenas ao compartilhamento de segredos e percepções que se emaranham aos de Rami, mas também à necessidade de trazer meus traumas à tona e pensar o próprio processo de escrita. A tese-terapia a inscrever-se será uma tentativa de expor em palavras as feridas dos meus peitos abertos, do choque da despersonalização causado pelas necroses de minha pele e pela modificação do corpo “obsoleto” para Rami.

Ressalto a relevância de uma pesquisa que renuncia a distância entre sujeito e objeto, que recusa as epistemologias hegemônicas e rasura a ideia de que a escrita é neutra, de que a pesquisa acadêmica em Ciências Humanas e Sociais deve guardar distância entre a produção do conhecimento e a elaboração do eu. Vejo demasiada importância em vulnerabilizar-me como pesquisadora, analista, escritora, doutoranda e como mulher para dar vida a uma pesquisa que desnuda um processo terapêutico cujo resultado deve alcançar objetivos maliciosos.

Por fim, o trabalho é importante porque aciona duas implicações éticas singulares. A primeira diz respeito ao olhar sobre Rami. A intenção é partir da compreensão da literatura como um lugar que se pode dizer tudo (DERRIDA, 2014), que não apresenta garantias de nada, para falar/pensar/refletir *com* Rami, considerando seus saberes, senso crítico, erros e desejos, para trazer à baila conhecimentos que podem ou não fazer sentido para a metafísica ocidental. A mulher-personagem será ouvida e respeitada. A segunda instância ética diz respeito à própria construção da escrita, já que pretendo expor minhas inquietações como pesquisadora encarnada (MESSEDER, 2022) na medida que elas apareçam. Compartilhar afecções e incômodos da produção do conhecimento será minha forma de ser ética e transparente com pesquisadoras/es que lerão o texto.

APARATO TEÓRICO

Paul Preciado (2022, p. 281) inscreveu a si mesmo: “eu sou o monstro que vos fala. O monstro que vocês construíram com seus discursos e suas práticas clínicas. Eu sou o monstro que se levanta do divã e fala, não como paciente, mas como cidadão, como seu monstruoso igual”. Alinhada a essa ideia, quero tratar das monstruosidades do desejo pelo impróprio, pela dissidência, pelo sofrimento: ser casada e ter tesão no adultério; ser fodida com força em um encontro inesperado com o marido de sua amiga, com toda a permissão dela; na busca de ser a preferida ou a única, trazer novas mulheres para ofertá-las ao seu marido; ser a castradora que, como indica Cixous (2022), ri irônica e dissimuladamente da metafísica que sempre a apontou como o ser da falta. Tudo isso está em Rami, mulher que faz de *Nikette* o seu divã e é a monstra

que fala obscenidades e revela as aporias da lógica que organiza a forma como gozamos, como formamos a nossa subjetividade. Essa demanda, de maneira alguma, é limpa. Por isso, a episteme suja (FAVERO, 2022), o modo sujo e desconstrutor de fazer pesquisa será caminho imprescindível para percorrer na tese.

Outra teórica fundamental será Helene Cixous (2022), que sinaliza que o silenciamento e o apagamento da mulher são consequências injustas do afastamento dos nossos corpos. Porém, de acordo com Rami, “silêncio e segredo unidos, [desembocam] no equilíbrio do mundo” (CHIZIANE, 2021, p. 79). Isso me faz pensar que sussurrar segredos é o que sustenta interesse de leitura (tanto do *corpus* como da tese) e que “o segredo que resiste à revelação é o que dá vida à escrita” (ARAÚJO; FERREIRA, 2020, p. 46).

Esses segredos são políticos. Falar sobre desejos agenciados e corruptivos me faz lembrar de um episódio de *Sex and the city*. Carrie Bradshaw deve decidir se é possível separar sexo de política. Ora, se nossos fetiches, fantasias e satisfações são elaborados a partir da metafísica ocidental, como seria possível separar o sexo das leis morais e pensar o que é ou não aceitável, dizível? O fato de já existir um limite que separa o aceitável do inaceitável, isto é, já é algo político.

Bradshaw escrevia com o corpo, com seu tesão, fetiches e expectativas. Suas colunas eram *sextos* alimentados por suas movimentações afetivo-sexuais e sua dependência dos desgostos acionados por Mr. Big inscrevia-se como um rastro traumático e gozoso. Rami faz o mesmo ao engolir suas dores e sustentar as hierarquias que detesta para tentar permanecer no relacionamento com Tony. Eu, da mesma forma, mantenho relações afetivo-sexuais com pessoas que sempre partem, que vão embora e me deixam cheia de amores, cheia de faltas. Essa sensação esvaziante evidencia aquilo que Cixous sugere: o complexo de castração, a ideia de “mulher” como elemento da falta é o que deixa duros os paus dos grandes e primeiros psicanalistas.

Por fim, cabe dizer que Derrida (2013) assevera que essa metafísica é a produtora de uma não-verdade sobre a mulher. A mulher joga com a verdade para dissimular e ser cética, o que a mantém sempre indefinível e imprevista. Esse jogo, seguindo a lógica da não-verdade, escapa dos limites metafísicos que conhecemos e rasura a lei. Daí o gozo, dotado de caráter transgressor (HOOK, 2021), escapa pelas margens de suspensão da lei. O proibido instiga. O uso de violência, o masoquismo, a potência criativa nascida da dor, da insatisfação, é o que excita. Por isso, leitora, se a tese alcançar o que pretendo entregar, você também gozará com os estragos causados por um punhal enfiado fundo no peito (no meu e no de Rami), trauma inscrito em nossos sextos.

METODOLOGIA

Será possível dar vida à pesquisa partindo de uma análise literária interdisciplinar, que pode pedir emprestados conhecimentos dos estudos *cuir*, da psicanálise, dos estudos feministas, das mídias múltiplas de entretenimento e divulgação do saber³, sendo leal a todos eles, mas fiel a nenhum. A metodologia não pode ser fechada em lugares fixos para não exaurir a si mesma (e nem a pesquisa), já que a proposta é ser desobediente, dissidente, elaborada antes e durante o decorrer do trabalho, de forma a construir uma análise psicanalítica *cuir*-negro-feminista.

DISCUSSÃO

Com a escrita da tese, espero mostrar como se elabora a subjetividade de uma mulher a partir de aspectos que podem caracterizá-la como uma aporia. Consideraremos que afetos que, a princípio, podem ser entendidos como negativos figuram como força motriz para formar a subjetividade feminina. Penso que dores, culpa e ressentimento aparecem na obra de Chiziane como elementos que simulam um casulo, que trazem para Rami um sofrimento em demasia, isso por que a sua condição de mulher parece demandar um lugar sempre amargurado, insatisfeito. Porém, é com base na potência de insatisfação que ocorre a elaboração da vida, o que pode ser visto como metáfora da pulsão de morte proposta por Sigmund Freud, a qual, com sua força destrutiva, ajuda a promover movimento, a existência e, no caso de Rami, de resistência.

Depois de um ano de análise para lidar com os traumas da redução de mama, assombrada pelo fantasma da falta, da amputação, vi minha sexualidade ser atraída para condições que antes eu recusava. Um exemplo disso é a necessidade de ser penetrada profundamente. Lembro-me bem do que senti ao ter a sonda urinária, os drenos, o acesso intravenoso, as botas de compressão retirados: estou viva! Respiro por minha conta e risco, apesar de tudo e a partir de tudo que esteve dentro de mim. Mesmo com o desconforto que esses objetos causaram, senti-los em mim mostrava o alcance de uma conquista que parecia inalcançável ao mesmo tempo que era extremamente dolorosa: eles permitiam a elaboração de outra subjetividade, faziam nascer, a partir da dor (e mais tarde do ressentimento), uma nova mulher.

Na primeira página de *Niketche* Rami diz: “do alto do céu desliza um punhal invisível contra o meu peito” (CHIZIANE, 2021, p. 9). O punhal, enfiado fundo, é o que nos corta e recorta. Sentir tudo dentro, para nós duas, é sentir a vida e, na constância de viver, apreciar também as

³ Refiro-me ao uso de referências a séries, como *Breaking Bad*, *Sex and the city* etc., *podcasts*, outras obras literárias, textos de *Instagram* e tudo mais que possa ajudar a construção da pesquisa. Por exemplo, Carrie Bradshaw, escritora e cronista de *Sex and the city*, escreve e problematiza sobre sexo, sexualidade e o que é ser mulher (feminista?) em relação a esses assuntos. Se Bradshaw fornece *insights* relevantes para provar que o sexo é sempre político, por que não recorrer a suas ideias, não é?

agonias que podem ser como redemoinhos que jogam poeira em nossos olhos ou como furacões que arrastam nossos corpos para outros cantos. Ainda na primeira página Rami continua: “entro num delírio silencioso, profundo. Rajadas de ansiedade varrem-me os nervos como lâminas de vento” (CHIZIANE, 2021, p. 90). Não consigo ler esse trecho sem pensar em mim mesma e na minha relação com a ansiedade, cujo corte é tão significativo quanto o do bisturi que abriu meus seios. Em Rami reconheço uma igual: ferida, marcada por cicatrizes dolorosas que custaram a fechar, ressentida com os destinos amargos como fel, ansiosa, sem autoestima, desejan-te, traumatizada, dançante, sedutora, promíscua, envergonhada.

Rami foi escrita para me afetar. Por isso, busco como resultado geral fazer fluir as movimentações dançantes, aporéticas, entre mim e ela. Juntas, mulher-personagem e mulher-pesquisadora têm muito a dizer a partir do desejo de curar-se pela fala (no caso da tese, pela escrita). É por isso que meu objetivo geral começa com o verbo *escrever*, pois o trabalho será uma via para pensar a escrita, para atender ao chamado de Cixous (2022, p. 44) e dizer que “eu escrevo mulher: é preciso que a mulher escreva a mulher”. Como Chiziane teve coragem para escrever Rami, precisarei de coragem para “engoli[r] minha vergonha e meu medo” (CIXOUS, 2022, p. 43) para fazer explodir a escrita que busquei manter escondida.

Assim, já que nos sentimos cheias de dores, ressentimentos, sofrimentos e culpas, pergunto-me se esses são afetos que marcam nossa condição de mulher. Rami desabafa: “as minhas vizinhas consolam-me com histórias de espantar. Elas são mães. Para me embalar a dor, elas contam histórias das suas próprias dores e espinhos” (CHIZIANE, 2021, p. 12). Aqui, o que espero é conseguir responder à questão: escapando do essencialismo, por que nós mulheres sempre sofremos tanto e como isso caracteriza nossa mulheridade? Estamos fadadas à falta eterna?

Para tanto, pensar gênero, sexualidade, *cuiridade*, dissidência e raça é um caminho inevitável. Desses pontos de partida não espero apenas pensar *a mulher*, mas também como produzem desejo e gozo. Seguindo o conselho de Hook (2021, p. 191-192), penso que “o gozo é um tipo de excitação dolorosa, modulada pela pulsão de morte, através do apelo erótico de se transgredir um limite (de saúde, de prazer, moral ou de normas sociais).” Assim, espero construir uma reflexão analítica sobre os gozos de Rami e os meus, mostrando como, apesar da busca pela autonomia feminista, ainda encontramos prazer na insidência fálica dominadora.

Como um sádico *voyeur*, observo Rami contorcer-se com o jogo da moeda moral, despersonalizando-se na medida que encara seus desejos, reelaborando-se como sujeito ao realizá-los. De forma parecida, o leitor da tese a inscrever-se assistirá às minhas contorções com a escrita e será *voyeur* de minhas fantasias. Movimentada por Cixous (2022), construirei um sexto, ou seja, partindo das percepções do meu corpo, do de Rami, utilizarei a palavra, a escritura, para

liberar nossos gozos. O silêncio do corpo feminino deve, enfim, ser superado, as amarras que calam nossas bocas devem ser engolidas para que vomitemos aporias monstruosas em nossos textos-divã, nossos sextos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. B. de; FERREIRA, Élida P. Escrever, ferir, traduzir: o corpo-a-corpo da escrita entre Memórias do cárcere e Memóires de prison. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 41–52, 2020. DOI: 10.35499/tl.v14i2.9755. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/9755>. Acesso em: 6 maio. 2024.
- CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. Prefácio de Frédéric Regard. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.
- DERRIDA, Jacques. **Esporas**: Os estilos de Nietzsche. Rio de Janeiro: NAU, 2013.
- DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMD, 2014.
- FAVERO, Sofia. **Psicologia suja**. Salvador: Devires, 2022.
- HOOKE, Derek. Racismo e gozo: uma avaliação da hipótese do “racismo como (roubo de) gozo”. In: GUERRA, Andréa Máris Campos; GOES E LIMA, Rodrigo. **A psicanálise em elipse decolonial**. São Paulo: n-1 edições, 2021, p. 183-206.
- MESSEDER, Suely Aldir. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 180-198.
- MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Revista Concinnitas**, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 334–354, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/25925>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Palavras-chave: Rami. Mulher. Gênero. Desejo. Gozo.

**LITERATURA AFRO-LATINO-AMERICANA: NARRATIVAS DE
(RE)EXISTÊNCIAS, MEMÓRIA E IDENTIDADE NOS ROMANCES DE
ADELAIDA FERNÁNDEZ OCHOA E ELIANA ALVES CRUZ**

Marla Bispo Santos¹

Paulo Roberto Alves dos Santos (orientador)²

Daiana Nascimento dos Santos(co-orientadora)³

APRESENTAÇÃO

Como ponto de partida, para entendermos o que objetiva esse projeto e o que situa a nossa questão problema – quais as semelhanças e diferenças entre a literatura afro-colombiana e a literatura negro-brasileira de autoria feminina –, dizemos que a literatura negra não é um fenômeno homogêneo, ou seja, é preciso levar em conta as especificidades e os demarcadores como: gênero, sexualidade, localização geográfica, idade, cultura etc.

Ainda que a população negra na América Latina compartilhe um passado que tem origem na diáspora africana, as experiências podem ser singulares. De acordo com o teórico Luis Silva, o Cuti (2010), a literatura negro-brasileira se difere de qualquer outra literatura negra, pois o marcador de nacionalidade situa-nos de quem se fala e de onde se fala e assim, podemos também considerar aspectos sociais, culturais e políticos de cada lugar. Nessa constante, entendemos que as identidades estão marcadas pela diferença, mas então em que se assemelham?

Conceição Evaristo (2009 e 2011) defende que há uma cosmogonia negra, e essa escrita literária parte das experiências dos homens e das mulheres descendentes da diáspora africana e que não experimenta/ou nenhum outro corpo que não o negro, o que a autora cunha o termo *escrevivência*. Em coadunância, para Cuti, só é dado ao negro sentir-se como negro, falar como negro, pensar como negro. Desse modo, compreendemos que o conceito de Evaristo apesar de criado para abarcar o projeto literário da autora, nota-se que sua fundamentação consegue estender-se a outras produções literárias e ou mesmo campos da arte, quer seja de diferentes lugares (nacionalidades), quer seja de distintos autores (as) negros (as), pois o ponto de partida que os une é a *negritude*.

¹ mbispos.ms@gmail.com Bolsista CAPES

² pauloroberto3031@uol.com.br

³ daiana.nascimento@upla.cl

Ainda nesse sentido, as experiências compartilhadas entre os negros e as negras se assemelham no que diz respeito à raça, mas se diferem no gênero, visto que há uma sociedade que objetifica e sexualiza as mulheres negras. Evaristo defende a produção de uma literatura que abarque o feminino sem estereotipá-lo ou coisificá-lo, e que promova rupturas desde a sua alteridade. Por esse motivo elegemos as obras *Que me busquen en el río* (2006) e *Toques de son colorá* (2020) da autora colombiana Adelaida F. Ochoa; também *Água de barrela* (2018) e *Crime do cais do Valongo* (2018) da escritora brasileira Eliana Alves Cruz.

As narrativas do corpus escolhido têm em comum a representação de existências e resistências a partir do protagonismo negro-feminino, por meio de descrições que tecem fragmentos de memórias e relatos que estão à margem e que não encontramos nos documentos oficiais, mas que a literatura consegue rasurar o véu da colonialidade. Essas obras denunciam, por exemplo, o massacre ocorrido na comunidade de Trujillo em *Que me busquen en el río* e o horror do tráfico e traslado forçado de negros e negras que atravessaram os continentes de África ao Brasil, em *Crime do cais do Valongo*. E, assim, rompem com silêncios e buscam reconstruir caminhos e identidades.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar as caracterizações histórica, identitária e memorialística presentes em obras romanescas das escritoras afro-latino-americanas Adelaida Fernández Ochoa e Eliana Alves Cruz.

Objetivos específicos

- Analisar o corpus literário a partir das noções da história, memória e identidade no campo dos estudos afro-latino-americano e identificar suas semelhanças e diferenças estéticas, políticas, culturais e linguísticas;
- Problematicar as relações de poder e subalternidade pautadas no sistema branco-patriarcal, bem como o apagamento da memória de grupos marginalizados dentro do contexto geopolítico latino-americano;
- Discutir as noções de decolonialidade, negritude, perspectiva afrocêntrica, amefricanidade e interseccionalidade;

- Evidenciar a importância das escritoras afro-latino-americanas na produção de novos discursos e rasuras contra-coloniais, ademais de valorização de peculiaridades relativas à resistência negra.

JUSTIFICATIVAS

Em primeiro lugar, esse projeto de tese de doutoramento dá continuidade à investigação desenvolvida na dissertação de mestrado, ampliando, por sua vez, os objetos de análise e a temática da pesquisa. Na ocasião anterior, o enfoque recaiu na literatura negro-brasileira de autoria feminina e agora trataremos da literatura latino-americana, mantendo parte do referencial teórico e para o estudo das obras brasileiras e para a abordagem de certos aspectos da produção da escritora colombiana.

Fernandez Ochoa e Alves Cruz são autoras premiadas e de trajetória literária consolidada, especialmente, na prosa. Apesar disso, ainda carecem de fortuna crítica a respeito de suas produções literárias, sobretudo, Ochoa, pois são poucos os trabalhos publicados ao seu respeito. Esta investigação, assim, pretende contribuir para os estudos a respeito das autoras bem como a difusão de suas produções literárias, pensando essas obras em perspectiva decolonial e contra canônica.

Por conseguinte, a pesquisa se justifica pela relevância temática e por ser assunto relativamente pouco estudado, no que diz respeito a essa constituição de *corpus* em modo comparativo. Além disso, os prêmios indicam que Adelaida é uma autora cuja obra merece ser estudada profundamente, enquanto Eliane, também laureada, tem uma produção que aborda problemas ignorados ou minimizados historicamente pela literatura, razão suficiente para analisar seus romances.

Destarte, trata-se de proposta com referencial teórico relevante e com aderência às linhas de pesquisa desenvolvidas pelo programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGLR) no Brasil e do Departamento de Artes Integradas da Universidade de Playa Ancha (UPLA), no exterior, na qual realizarei parte da pesquisa em modalidade de doutorado-sanduíche no período de setembro a dezembro de 2024. Sendo o projeto da alçada de ambos os orientadores e suas respectivas linhas de investigação.

APARATO TEÓRICO (e revisão de literatura)

Conforme Ana Pizarro (1983, p. 31), pensar literatura latino-americana era um desafio, visto que o primeiro problema surgia da própria delimitação do campo. Os critérios geográficos, políticos ou linguístico não pareciam ser suficientes quando se consideravam outros fatores e produções literárias que envolviam esse contexto, isto é, a literatura dos conquistadores europeus, sobretudo dos portugueses e espanhóis, a produção literária caribenha em línguas indígenas e também caribenha não latinas dos exiliados, escritas em diversas línguas, como também dos grupos migratórios.

Ainda de acordo com Pizarro, o conceito foi citado pela primeira vez na segunda metade do século XIX por Torres Caicedo tendo, por sua vez, um propósito específico atendendo às demandas do período, significa dizer que, não havia um povo considerado latino-americano desde o início, mas que essa constituição foi se estabelecendo ao longo do tempo e das incorporações territoriais.

Neste tempo, é possível levar em conta que o campo da literatura latino-americana que naquele período discutia a sua delimitação, já se assenta de maneira mais concisa com a quantidade de pesquisadores e trabalhos bibliográficos reunidos, tal qual observaram fenômenos comuns e ou distintos à medida que estudavam essas literaturas em perspectiva comparada. Desse modo, o que entendemos como literatura latino-americana, atualmente, já considera fatores culturais, sociais e as alteridades, especialmente a vertente literária que escolhemos enfocar nesse trabalho, quer dizer, a literatura produzida por mulheres, que por muito tempo esteve marginalizada e ausente dos debates.

A partir da história percebemos quão problemática é a nossa relação com o passado colonial, escravista, violento e ditador, no qual estão fincadas as raízes do racismo, das desigualdades e das exclusões que recaem sobre o povo negro da América do Sul. Nessa perspectiva, evoca-se o conceito de racismo estrutural defendido por Silvio Almeida (2020) para elucidar a relação posta de um racismo arraigado em todas as instâncias no Brasil, sendo necessário discutir e rever posturas em todos os âmbitos, incluindo o literário. Nessa esteira, de acordo com Grada Kilomba (2019, p.34), “no racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial: ‘Eles querem tomar o que é nosso, por isso elas/es têm de ser controladas/os’.

Ainda nesse sentido, segundo Stuart Hall (2019, p. 56):

Expresado con mayor crudeza, los discursos raciales constituyen uno de los mayores y más persistentes sistemas de clasificación de la cultura humana y, como tales, también son siempre sistemas discursivos: sistemas para la representación y la organización de las prácticas en torno a uno de los grandes hechos de la sociedad humana, básicamente el hecho de la diferencia.

O estudioso questiona a categoria de raça estabelecida pelas noções biológicas difundidas pelo cientificismo e instituições religiosas e que não consideram os aspectos históricos, culturais e discursivos. Hall defende a ‘diferença’ como marcador social da identidade, que existe, não se pode negar, porém não se trata de um sistema essencialista que concentra a noção de identidade, configura-se a partir dos sistemas de representação, das culturas e dos discursos, conjunto que ora valida ou invalida determinados grupos ou indivíduos.

Destarte, Silvio Almeida (2021) destaca que:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutural social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2021, p. 50).

A memória é o campo cognitivo responsável por resguardar as informações que constituem a consciência de si e do mundo, por esse motivo Candau (2019, p.16) defende a relação da memória com a identidade, de modo que, não se separam e ambas se nutrem mutuamente: “é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade”.

No tocante à intersecção de raça e desigualdade de gênero, Lélia Gonzalez e Carlos Halsenbalg (1982) inferem que, mesmo com os avanços do Movimento Negro Unificado contra as discriminações raciais e criminalização do racismo, as mulheres negras ainda estavam em segundo plano nas pautas de discussão, quer dizer, havia ali um machismo. Gonzalez (2020, p.247) em outro momento, afirma que a sociedade brasileira é hierárquica, de maneira tal que percebemos as relações de poder que se constituem, onde cada um “reconhece o seu lugar”: “hierárquica do ponto de vista das relações de classe; hierárquica do ponto de vista das relações sexuais, porque sabemos o papel da mulher dentro desta sociedade, fundamentalmente da mulher negra; e hierárquica do ponto de vista social”.

Ainda nesse sentido, Hall (2014) explica:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos. (HALL, 2014, p. 108-9).

De acordo com Woodward (2014) e Rutherford (1990), as identidades não são fixas e imutáveis, elas possuem relação com o meio, inclina-se ao passado em movimento contínuo e reconstrói-se no presente à medida que interage com os demais indivíduos, conhecimentos e

culturas. Assim, é possível afirmar que a identidade é fruto da memória ancestral, mas também da vida cotidiana, posiciona-se no intermédio e se alterna ao longo do tempo.

Desse modo, os autores supracitados dialogam com o conceito de Candau (2019, p.19) quando afirma que, “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente”. Dessa maneira, um indivíduo sem memória é de igual modo vazio de sua identidade. [...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação (RUTHERFORD, 1990, p. 19-20 apud WOODWARD, 2014, p. 19, grifo meu).

Sendo assim, pensar a literatura latino-americana nas suas identidades, que são diversas, é considerar todos os aspectos que estão imbricados no processo antes, durante e pós colonização. Sabemos que o projeto político ideológico por disputa de poder violou e apagou comunidades inteiras, bem como seus saberes, línguas, tradições e direitos de vida. Nesse sentido, ao analisarmos os discursos produzidos na ordem do literário, como as obras de Adelaida e Eliana, é trazer à superfície os relatos silenciados, as cosmogonias amefricanas e a presença das alteridades que reivindica no literário o direito à palavra, como modo de resistência e recuperação da memória, portanto, de identidade.

METODOLOGIA

A proposta de estudo apresenta como base teórica e metodológica natureza qualitativa, de meios bibliográficos e fins exploratórios, visando investigar as caracterizações histórica, identitária e memorialística presentes nas obras romanescas das escritoras afro-latino-americanas Adelaida Fernández Ochoa e Eliana Alves Cruz.

Por pesquisa bibliográfica e exploratória compreendemos: “proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso” (GIL, 2008). Nessa perspectiva, o corpus será composto de aporte teórico e objetos literários, tendo como procedimentos a seleção, leitura, fichamento, análise e discussão a partir de fontes bibliográficas, constituídas principalmente de livros, teses, dissertações e artigos.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

152 p. ISBN 978-85-98349-69-5. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_\(Feminismos_Plurais\)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359). Acesso em 12 de nov. de 2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

ARRAIS, Amauri. Eliana Alves Cruz: ‘**Saber que somos fruto de um sistema torturador e assassino não é fácil**’. Gama Revista / [on-line], 2021. Disponível em: Acesso 19 dez. 2023.

BAMBIRRA, Natércia Ventura; LISBOA, Teresa Kleba. “**Enegrecendo o feminismo**”: a opção descolonial e a interseccionalidade traçando outros horizontes teóricos. ISSN: 1807 – 8214 Revista Ártemis, vol. XXVII nº 1; jan-jun, 2019. pp. 270-284. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/40162> Acesso em 12 de dez. de 2023.

BENTO, Maria Aparecida da Silva (org.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. Ed. Contexto, SP. 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher Negra na América latina a partir de uma Perspectiva de gênero. 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf Acesso em 10 de jan. de 2024.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. Anísio Garcez Homem. São Paulo: Livraria Livros & Livros Ltda., 2010.

COSTA, Bernadido Joaze; TORRES, Maldonado Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo horizonte: Autêntica, 2020.

CRUZ, Eliana Alves. **Água de Barrela**. Rio de Janeiro: Editora Malê .2018

CRUZ, Eliana Alves. **O crime do Cais do Valongo**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

CRUZ, Eliana Alves. **Nada digo de ti, que em ti não veja**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

CRUZ, Eliana Alves Cruz. **Solitária**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2022.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, 2009; Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365> Acesso em: 07 de dez. de 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador:

EDUFBA, 2008.

FERNÁNDEZ OCHOA, Adelaida. **Que me busquen en el río**. Editorial La Serpiente Emplumada Ltda.: Colección Vestido Rojo. Bogotá, 2006.

FERNÁNDEZ OCHOA, A. **Presencia de la mujer negra en la novela latinoamericana**. 2011. Trabajo de Grado (Magister en Literatura) - Universidad Tecnológica de Pereira, 2011.

FERNÁNDEZ OCHOA, A. **Afuera crece un mundo**. Bogotá: Planeta, 2017.

FERNÁNDEZ OCHOA. **Toques de son colorá**. Editorial Planeta Colombiana, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Trad.: Cid Knipel Moreira. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2012.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. 1. edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminino afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada. A máscara. In: KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019, p. 33-46.

LOPES, Nei. **Bantos, Malês e identidade negra**. 4ª ed. Autêntica, 2021.

MOSQUERA, Sergio Antonio. **La Trata negrera y la esclavización**: una perspectiva histórico-psicológica. Bogotá: Editorial Gente Nueva, 2017.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **A epistemologia da ancestralidade**. Revista Entrelugares – Revista de Sociopoética e abordagens afins, ISSN 1984-1787, 2009 – Disponível: <http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-resumo.pdf>, acesso em 30 de março 2024.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTIAGO, Silviano. **O entre-lugar do discurso latino-americano**. In: . Uma literatura nos trópicos — Ensaios sobre a dependência cultural. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Daiana Nascimento dos. **Atlântico Negro**: El océano en la narrativa de esclavizados. Acta Literaria 54 pp. 29-50. Valparaíso, 2017. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0717

68482017000100029&lng=pt&nrm=iso Acesso em 10 de jan. de 2024.

SANTOS, Marla Bispo. **Nas águas do oceano**: a memória, a ancestralidade e a representação identitária em Maréia. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações. – Ilhéus: UESC, 2022.

WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SANTOS, Marla Bispo. **Literatura afro-latino-americana**: narrativas de (re)existências, memória e identidade nos romances de Adelaida Fernández Ochoa e Eliana Alves Cruz. *In*: SIP, 2024. Ilhéus. **Anais** [...]. Ilhéus: Editora, 2024. p. 10-20, julho de 2024. Disponível em: www.endereço. Acesso em: 20 jan. 2023.

Palavras-chave: Memória e História. Identidade. Literatura afro-latino-americana. Literatura negro-feminina.

PANORAMA CONTEMPORÂNEO DA LITERATURA DE RESISTÊNCIA DE MULHERES AFEGÃS REFUGIADAS A PARTIR DA POESIA DE TANIA AKEFI E KHALIDA FOROUGH

Parisa Noori¹

Isaias Francisco de Carvalho (orientador)²

APRESENTAÇÃO

A pesquisa proposta é uma continuidade, em caráter de revisão e ajuste de foco, para o qual serão feitas uma expansão e uma atualização metodológico-teórico-epistemológicas, da pesquisa realizada em nível de mestrado na Persian Gulf University (Faculty of Humanities), no Irã, no início de 2023, intitulada “A Study of the Effects of Gender and Feminine Thoughts on the Poems of Khlida Frough and Tania Akfi”. Na proposta atual, portanto, o objetivo central é promover a análise e a discussão sobre o papel das mulheres na literatura e cultura afegãs, contribuindo para ampliar a conscientização na comunidade literária (e acadêmica) brasileira e internacional sobre a história, a cultura e a literatura do Afeganistão, especialmente a poesia contemporânea de resistência de mulheres refugiadas desse país, numa perspectiva teórico-epistemológica feminista. O corpus literário principal tem como base as produções poéticas de Tania Akefi e Khalida Forough. Nesta pesquisa, esta pesquisa objetiva analisar o papel da literatura das mulheres no Afeganistão durante os períodos de guerra e instabilidade (1990 até hoje), procurando problematizar dimensões dessa literatura de resistência de mulheres afegãs. Os resultados desta pesquisa em nível de mestrado indicam que os poemas de Tania Akefi e Khalida Forough refletem realidades e desafios das mulheres afegãs em diferentes períodos históricos. Em nível de doutorado, a pesquisa também será realizada numa abordagem descritivo-analítica cujos resultados esperados incluem: uma significativa divulgação crítica da poesia contemporânea de mulheres refugiadas afegãs; a demonstração de que esses poemas, com uma linguagem simples, são uma corajosa e expressiva voz pelos direitos e liberdade dessas mulheres e uma modesta, mas genuína, denúncia da violência que força tantas mulheres à condição de refugiadas, como é o caso mesmo desta pesquisadora que assina este projeto.

¹ parisanoory18@gmail.com Bolsista Capes. PPGL-UESC.

² ifcarvalho@uesc.br (PPGL-UESC)

OBJETIVOS

Objetivo geral

Promover a análise e a discussão sobre o papel das mulheres na literatura e na história afegãs, contribuindo para ampliar a conscientização na comunidade literária (e acadêmica) brasileira e internacional sobre a cultura do Afeganistão, especialmente a poesia contemporânea de resistência de mulheres refugiadas desse país, numa perspectiva teórico-epistemológica feminista interseccional, com ênfase nas poéticas de Tania Akefi e Khalida Forough.

Objetivos específicos

- Investigar o contexto histórico e cultural que influenciou a emergência da poesia de resistência contemporânea das mulheres afegãs, destacando os impactos das convulsões políticas e sociais, incluindo guerras e ocupações estrangeiras.
- Analisar as principais temáticas abordadas na poesia de Tania Akefi e Khalida Forough, tais como desigualdade de gênero, violência contra as mulheres, deslocamento e luta por liberdade e justiça.
- Explorar o papel da poesia como uma ferramenta de empoderamento e solidariedade entre as mulheres afegãs, analisando como esse fazer poético pode fortalecer suas narrativas e contribuir para a construção de uma identidade coletiva, para fins de representividade e performance político-cultural.
- Avaliar o impacto da migração e do exílio na poesia de resistência das mulheres afegãs, investigando como essas experiências influenciam suas perspectivas e abordagens poéticas.

JUSTIFICATIVAS

Esta pesquisa tem sua importância na abordagem de temas sócio-poético-culturais em expressões literárias, com ênfase na poesia de mulheres afegãs refugiadas e o papel da literatura de resistência no panorama da cultura afegã. Nas últimas décadas, apesar das restrições e desafios significativos, as mulheres afegãs conseguiram elevar suas vozes por meio da literatura para protestar contra a situação social e cultural.

No Brasil, como um polo literário e acadêmico, esta pesquisa pode criar uma ponte cultural entre os dois países e proporcionar a estudantes, pesquisadoras/es e agentes culturais a oportunidade de compreender mais profundamente a realidade e os problemas

das mulheres afegãs. Portanto, meu projeto também tem sua relevância do ponto de vista acadêmico e cultural.

Certamente, minha própria condição de refugiada afegã no Brasil tem força de legitimação dos objetos e propósitos deste projeto. Como seguimento e ampliação do escopo crítico-teórico de estudos realizados em meu curso de mestrado no Irã, meu lugar de pesquisadora em situação de migração forçada pode fortalecer as análises a serem empreendidas.

Finalmente, esta pesquisa, devido à sua novidade, principalmente no cenário brasileiro, no campo da literatura de resistência das mulheres afegãs, com ênfase nas refugiadas, numa perspectiva feminista, busca identificar e esclarecer o papel fundamental das mulheres na reflexão sobre os aspectos sociais, políticos e culturais de seu país. Além disso, contribui para uma compreensão mais profunda dos conceitos e valores culturais do Afeganistão e motiva pesquisadores para continuar investigações e estudos mais abrangentes.

APARATO TEÓRICO

Há uma longa história de uso da poesia para resistir, agir contra, contrariar e dar voz. Desde os poetas gregos clássicos, como Homero, até o formato mais moderno de microfone aberto das batalhas de poesia, o poema em sua própria construção torna o “subjeto objetivo [e] ... o mundo interior da experiência ‘pessoal’ disponível para a discussão pública ‘política’” (Reed, 2005, p. 87).

A poesia pode ser distinguida de outras formas de expressão artística devido ao seu nível de reflexividade; há um performer que está presente "transformando a fala em arte" (Gurevitch, 1999). A linguagem e seu significado dependem do corpo, já que "o corpo deve ser trazido à tona para conter o transe e o balanço do imaginário tanto do orador quanto da audiência" (Gurevitch, 1999, p. 525).

O corpo torna-se o local do conhecimento que deve ser examinado. Além disso, a poesia é tanto sobre aquilo que é dito quanto sobre aquilo que não é dito, à medida que a fala se torna o objeto de análise. Como argumenta Gurevitch (1999, p. 526), “o poético ... implica uma reflexividade da enunciação (palavra, frase, linha) que desloca o foco da função referencial – falar sobre coisas – para falar ou a linguagem em si como matéria, ou como aquilo que importa.” A palavra falada entrelaça fato, ficção, verdades e interpretações com a questão da profundidade e variedade de significado dentro do

próprio texto, mas também como se relaciona com o corpo humano falando, realizando a performance poética.

Para as mulheres, a poesia tem sido um veículo instrumental para a "elevação da consciência" e tem sido uma ferramenta duradoura dos movimentos feministas e da expressão de resistência em todo o mundo.

Através da poesia, houve o reconhecimento de que a linguagem transmite conhecimento, dando voz e poder aos marginalizados, trivializados, pacificados e silenciados. Como argumenta Audre Lorde (2007, p. 37):

A poesia permite a identificação e circulação de experiências coletivas, bem como diferenças, onde a experiência do eu pode estar simultaneamente em tensão com, e ao mesmo tempo ser parte das experiências do grupo. A poesia fornece um discurso secundário, uma alternativa ao discurso mundano da comunicação cotidiana. O poeta pode manter sua autonomia, pois a poesia permite que ele saia das expectativas comportamentais culturalmente prescritas, como os rígidos códigos de honra inerentes à sociedade afegã, e expresse sentimentos mais íntimos. O poeta pode, portanto, simultaneamente expressar vulnerabilidade enquanto mantém percepções de honra social e cultural (Abu-Lughod, 1986).

A poesia não simplesmente reflete sobre uma experiência ou fenômeno particular; ao contrário, é o que Young (2013) chama de "auto-teórica", onde a autorreflexão, o comentário cultural e social, assim como a elevação da consciência, entram no domínio público, iniciando novas teorizações e ações. Dar espaço ao texto oculto "não apenas ilumina o comportamento ou o explica; ajuda a constituir esse comportamento" (Scott, 1990, p. 189).

A poesia pode ser um instrumento de luta, denúncia e resistência das populações minoritárias contra as opressões impostas a elas pelo capitalismo; “[...] um braço da luta de classes [que] perturba o sono daqueles que não desejam ser perturbados [...]” (Ferlinghetti, 2023, p. 75). De acordo com Schiffler e Nathanailidis (2017, p. 5), “como elemento aglutinador, a língua também expressa políticas de marginalização e diferença, assim como, em sua vertente subalternizada de enunciação, focos de resistência política, identitária e econômica”. Poesia enquanto “[...] terreno estético que prossegue uma batalha ontem centrada nas promessas de emancipação e nas ilusões e desilusões da história” (Rancière, 2005, p. 12).

A poesia contemporânea das mulheres, a resistência feminina e sua importância social e cultural destacam-se na sociedade masculina do Afeganistão. Algumas poetisas,

devido aos problemas existentes nas famílias e na sociedade, permaneceram desconhecidas na esfera literária e não tiveram um ambiente adequado para publicar seus poemas. Elas compartilham seus poemas online por meio do Facebook, Twitter e blogs, usando pseudônimos para evitar problemas sociais e familiares. Portanto, não há informações de fundo disponíveis sobre elas (Qayumi, 2006).

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa deste estudo tem caráter majoritariamente bibliográfico, de natureza qualitativa, no sentido que lhe dá Minayo (2001), corroborado por Maanen (1983), que afirma ser o qualitativo uma referência ao significado, à definição, à analogia, ao modelo ou à metáfora que descreve algum objeto/fenômeno. A seguir, os procedimentos, materiais e métodos utilizados para alcançar os objetivos da pesquisa proposta.

- Investigar, utilizando uma abordagem qualitativo-descritiva, os contextos históricos e culturais que influenciaram o surgimento da poesia de resistência das mulheres afegãs, destacando os impactos das convulsões políticas e sociais, incluindo guerras e ocupações estrangeiras, especialmente sobre a poesia das mulheres refugiadas contemporâneas. Análise literária: Examinar a literatura acadêmica, fontes históricas e culturais relevantes que contribuam para o contexto histórico, literário e cultural do Afeganistão.
 - Estudos bio-bibliográficos: Selecionar poesias de mulheres poetisas contemporâneas da resistência afegã e realizar uma análise detalhada dos poemas que destacam temas de resistência, igualdade, justiça e luta contra a opressão, bem como aspectos da biografia dessas poetisas.
1. Analisar os principais temas levantados na poesia das duas poetisas centrais para este trabalho, Tanya Akfi e Khaleda Forough, tais como a desigualdade de gênero, a violência contra as mulheres, o deslocamento e a luta pela liberdade e justiça.
 - Seleção de obras: Selecionar e reunir as obras de Tania Akefi e Khalida Forough que abordam esses temas específicos.
 - Análise das obras: utilizando uma abordagem feminista interseccional.

A abordagem feminista interseccional impulsiona a metodologia de pesquisa. Esta abordagem feminista interseccional é um quadro teórico que reconhece a interconexão de múltiplas identidades sociais, como gênero, raça, classe, sexualidade e mais. Cunhada por Kimberlé Crenshaw, em 1989, esta abordagem enfatiza a necessidade de considerar como essas identidades interseccionais podem criar experiências únicas e complexas de opressão e privilégio para indivíduos dentro de vários grupos sociais.

Esta abordagem fornece um quadro teórico e uma sensibilidade perceptual para a natureza entrelaçada das dinâmicas de dominação social. Ela se esforça para reconhecer as inter-relações

entre muitas dimensões de opressão, como discriminação racial, intolerância de classe, patriarcado e sexismo (Paulsen, 2018).

2. Explorar o papel da poesia como uma estratégia de empoderamento e solidariedade entre as mulheres afegãs, analisando como ela fortalece suas narrativas e contribui para a construção de uma identidade coletiva. Para tanto, o método pode ser o seguinte:
 - Coleta de fontes: Identificar e reunir poemas escritos por mulheres afegãs que abordem temas de capacitação, solidariedade e construção de identidade coletiva.
 - Análise: das obras selecionadas, trechos, versos ou estrofes que expressem sentimentos de capacitação, conexão e solidariedade entre as mulheres afegãs.
3. Avaliar o impacto da migração e do exílio na poesia de resistência das mulheres afegãs, investigando como essas experiências influenciam suas perspectivas e abordagens poéticas. Para tanto, o método pode ser delineado da seguinte maneira:
 - Seleção de obras: Os poetas selecionados para esta pesquisa, Tania Akefi e Khalida Forough, são exemplos de poetas que experimentaram migração e exílio e produziram poesia de resistência.

DISCUSSÃO

A atual terra do Afeganistão é um lugar onde a língua persa, tem sido prevalente desde os primórdios do assentamento humano. É uma terra onde poetas renomados como Rumi (Maulana Jalaladim Maomé), Nasir Khusraw, Amir Ali Shir Nava'i e outros floresceram, e hoje seus belos versos continuam a brilhar intensamente. Nesta terra, metade da população são mulheres que nunca conseguiram falar livremente, e toda a sua bela retórica permanece sufocada e reprimida. As mulheres têm tido uma presença significativa no campo da cultura e literatura do Afeganistão, inclusive na poesia e literatura contemporânea, apesar das restrições que ocorreram após a chegada da União Soviética. Elas enfrentaram guerras civis, o Talibã, e os piores eventos aconteceram com essas mulheres, mas apesar disso, não pararam de escrever poesia. As discriminações legais e costumeiras e a violência infligida a elas pela sociedade patriarcal têm sido a base de seus poemas de protesto. Ao estudar os poemas das mulheres, podemos descobrir que suas composições se concentram principalmente na defesa dos direitos das mulheres e na tentativa de realizar a liberdade e a igualdade. Também é possível ver as mudanças e desdobramentos das últimas décadas, as atitudes antifeministas do sistema dominante e o patriarcado que governa a sociedade afegã nos poemas das mulheres deste país.

As décadas anteriores à década de 1970 foram décadas promissoras na literatura feminina, quando a presença de mulheres em diferentes cidades e atividades culturais e

literárias era relativamente boa, mas na década de 1970, silenciou completamente. A intensidade das guerras civis e o grupo político denominado Talibã estreitaram o elo dessa corrente na medida em que as atividades literárias femininas silenciaram em todas as cidades e a poesia feminina tornou-se extremamente vulnerável. O espaço para obras culturais e a presença da mulher na sociedade encontraram muitas limitações. No entanto, aquelas que conseguiram migrar para diferentes países, incluindo as áreas geográficas da língua persa, conseguiram dar algum colorido às atividades culturais e literárias.

O foco principal das poetisas contemporâneas é o clamor por justiça, a defesa dos direitos das mulheres oprimidas, a caótica situação social e política, etc. A forma de lidar com a questão dos direitos das mulheres e defender seus direitos nos poemas de diferentes poetisas está atrelada à geografia da vida da poetisa.

Nas últimas décadas, as mulheres no Afeganistão desempenharam um papel notável enfrentando numerosos desafios, especialmente durante períodos de guerra e mudanças sociais e políticas.

A literatura de resistência, como uma ferramenta cultural e artística, destaca as mulheres afegãs em suas lutas e resistência. Os poemas de Khalda Forough e Tania Aekfi, destacadas poetisas afegãs, emergem como vozes poderosas da resistência e esforço das mulheres diante dos desafios da vida e das mudanças na sociedade.

REFERÊNCIAS³

ABU LUGHOD L. **Veiled Sentiments: Honor and Poetry in Bedouin Society**. Oakland, CA: University of California Press, 1986.

AKEFI, Tania. **Ofogh gereh mizadam rizom mishod**. Cabul: Afghanistan. 2022.
[افق گره میزدم ریزو میشد]

AKEFI, Tania. **I am from Khorasan-zadeh, NL**. Cabul: Amiri Publications. 2014.
[خراسان زاده زمینم NL]

FERLINGHETTI, Lawrence. **Poesia como arte insurgente**. São Paulo: Editora 34, 2023.

FOROUGH, Khalida. **Passos ininterruptos da poesia contemporânea em persa**. Cabul: Afghanistan 2011. [گام بی توقف شعر معاصر پارسی دری]

FOROUGH, Khalida. **Resurrection of Mithra**. Cabul: Afghanistan. 1994. [قیام میترا]

FOROUGH, Khalida. **Always five in the afternoon**. Cabul: Afghanistan. 2007. [همیشه پنج عصر]

³ Para maior comunicabilidade, os títulos das obras em persa serão apresentados, nesta lista de referências, em tradução para o português pela pesquisadora principal proponente deste projeto com a supervisão do orientador principal. O título em persa será incluído ao final de cada referência, entre colchetes.

FOROUGH, Khalida. **In streets of sleep and memories**. Cabul: Afghanistan. 2001. [در خیابانهای خواب و خاطره]

FOROUGH, Khalida. **My Tomorrow Happened Yesterday**. Cabul: Afghanistan. 2012. [فردای من اتفاق می افتد در دیروز]

QAYUMI, Abdulqayum. **Uma visão geral da literatura persa contemporânea**. Cabul: Fajr. 2006. [مروری بر ادبیات معاصر فارسی]

GUREVITH, Z. **The tongue's break dance: theory, poetry, and the critical body**. 1999, p. 525–540.

KAZEMI, Mohammad Kazem, Rahmani, Mohammad Asef. **Poesia de Resistência do Afeganistão**, 1991. [اشعار مقاومت افغانستان]

LORDE, Audre. **Sister Outsider**. New York: Random House. 2007.

Palavras-chave: Afeganistão. Literatura feminina contemporânea. Resistência. Tania Akefi. khalida forough.

“LEVANTA E ANDA”: A POÉTICA ORAL DOS IMPROVISADORES NO DUELO DE MCS NACIONAL

Roberta Teixeira Nascimento¹
Paulo Roberto Alves dos Santos (orientador)²

APRESENTAÇÃO

O circuito de batalhas de rima no Brasil é feito de forma independente e tem buscado cada vez mais a profissionalização das diversas funções e possibilidades de participação nesses eventos, seja fazendo parte da organização, produção ou artísticas. O Duelo de MCs Nacional é um evento que acontece em Belo Horizonte-MG desde 2012. Trata-se de um torneio nacional organizado por um coletivo, o Família de Rua. No princípio, foram poucos participantes e de somente sete capitais brasileiras. Esse quadro se alterou desde 2018, quando o evento passou a contar com maior quantidade de MCs, com a presença de representantes dos vinte e seis estados federativos e do Distrito Federal, que competem entre si para sagrar o nome de maior destaque no improviso nacional de batalhas de rima. Deste modo, a partir desse movimento cultural e de suas batalhas de rima, pretende-se refletir sobre os múltiplos aspectos que os envolvem, encarando-os como espaços de criação e disseminação de poéticas orais e de resistência, principalmente da juventude negra e periférica. A metodologia utilizada será bibliográfica e a pesquisa será qualitativa. Na fundamentação teórica serão desenvolvidos e discutidos os temas tradições de poética oral, questões de gênero, cultura não hegemônica e regionalismos, além da temática das batalhas de rima no Brasil, suas demandas e problemáticas, tópicos necessários também para a construção do conceito teórico-metodológico de uma “poética oral das batalhas de rima”.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Propor a construção do conceito teórico-metodológico de uma “poética oral das batalhas de rima” para a análise da poética oral improvisada dos MCs dentro do circuito do Duelo de MCs Nacional, bem como em outras produções.

Objetivos específicos

¹robertateixeiranascimento@gmail.com Bolsista FAPESB.

²pauloroberto3031@uol.com.br

- Descrever o histórico do Duelo de MCs Nacional, identificando a sua importância para o contexto brasileiro de batalhas de rima, assim como o percurso dos participantes no torneio e fundamentar a importância da produção artística de MCs de batalhas de rima para disseminação da improvisação e de uma manifestação poética oral popular e periférica;
- Examinar a linguagem das batalhas de rima que a caracterizam como uma poética oral e identificar as suas particularidades que a diferenciam de outras manifestações de poéticas orais de improviso;
- Analisar os elementos que fazem dessa linguagem uma poética oral própria das batalhas de rima, no contexto da produção artística de MCs que participaram das competições do Duelo de MCs Nacional nos anos de 2022 e 2023.

JUSTIFICATIVAS

Esta pesquisa contempla uma produção jovem, negra e periférica que acontece em diversas partes do Brasil: a saber, as batalhas de rima e que proporciona a estes jovens um espaço de expressão artístico/cultural. Trata-se, mais especificamente do Duelo de MCs Nacional, que representa bem a consolidação dos MCs que se dedicam à arte do improviso no rap e que se tornam conhecidos no país inteiro. Esta proposta de investigação parte do contato e do interesse da pesquisadora pelo rap e as batalhas de rima, mas também do seu envolvimento com a organização da Batalha do Complexo, um duelo de MCs que ocorre na periferia de Porto Seguro, na Bahia. Tal proximidade estimulou um estudo que resultou na produção da dissertação de mestrado, sendo assim, esta pesquisa se propõe a dar continuidade às investigações já realizadas sobre a temática, as quais terão como foco um novo *corpus* de pesquisa.

Vinculada à linha Literatura e Interfaces do Programa de Pós-Graduação Letras: Linguagens e Representações da UESC, esta pesquisa se propõe a desenvolver um estudo de caráter interdisciplinar, uma vez que versa interfaces a respeito de relações entre música, literatura e cultura evidenciando ser um interessante caminho de investigação. As batalhas de rima contemplam uma perspectiva poética periférica, caracterizada pela oralidade, inscrevendo-se como uma entre as diversas manifestações da tradição da oralidade brasileira, mas que alcançou uma proporção de participação nacional. Esta particularidade define uma diferença considerável em relação a outras manifestações poéticas orais regionais que possuem aspectos mais fincados em uma cultura local.

APARATO TEÓRICO

Buscamos como referências para essa pesquisa trabalhos que demonstrassem formas de discussão e análise sobre o Duelo de MCs Nacional e sobre batalhas de rima. No texto intitulado *Narrativas urbanas de MC's trans e travestis nas seletivas estaduais para o duelo de MC's nacional* (SANTOS; SATHLER, 2020), discorre especificamente sobre o evento, revelando as formas de resistência das identidades dissidentes em um cenário dominado por homens-cis e propondo pensar a cultura hegemônica e a resistência de gênero.

Além disso, buscamos referências que trabalhassem com rap, batalhas de rima, produções sobre o hip hop e sobre a visão que os jovens MCs têm sobre o movimento do qual fazem parte. Neste aspecto a produção, *Os territórios das mulheres negras no rap por meio das batalhas de rima*, escrito por Marques e Fonseca (2020), evidencia que as mulheres negras estão criando territórios no rap e nas batalhas de rima, mas de forma ainda lenta, havendo uma predominância de homens nas batalhas. Portanto, trata-se de referências relevantes para o trabalho de pesquisa, pois são textos que dialogam e se ligam entre si e com o tema de pesquisa proposto apresentado e possibilitando desdobramentos, discussões e análises que colaboram com a investigação.

Ainda como parte da revisão de literatura elegemos o trabalho de Ezequiel Santos Cruz, que em sua dissertação intitulada *O rap como literatura afro-brasileira: uma análise poética das canções do álbum homônimo de Opanijé e Galanga Livre, de Rincón Sapiência* (2022) apresenta uma perspectiva importante sobre o rap, pois o defende como literatura afro-brasileira. Dessa maneira, aponta que enquanto gênero literário poético, o rap possui determinadas especificidades, visto que a literatura rap, de um modo geral, retrata questões que atravessam o universo preto, passando pela questão racial, social e cultural. Assim, colabora na discussão do rap enquanto pertencente à literatura afro-brasileira, também indica possibilidades analíticas/metodológicas de investigar as técnicas de construção do afro rap, levando em conta sua lírica, métrica e composição rítmica. Dessa forma, contribui para a análise dos aspectos poéticos-estéticos que compõem essa expressão musical, demonstrando ser uma importante referência. Cruz, além de pesquisador do hip hop e do rap é ainda um rapeiro baiano e revela em seu trabalho uma visão que vai além do trabalho de investigador, possibilitando ainda o acesso a sua escrivência de artista.

Outro trabalho que sugere algumas questões metodológicas quando se trata das poéticas orais é o texto *Veredas epistêmicas e metodológicas da poesia oral* (2022), de Xavier e Sousa que em sua produção nos possibilitam refletir sobre alguns pontos sobre os quais devemos estar atentos ao tratar sobre poéticas orais. Destacam que a “poesia oral é pensada numa interrelação entre corpo e voz, emergindo assim a performance, em que o intérprete desvela uma poética que é sensorial e ao mesmo tempo reveladora de uma memória coletiva, a qual ele próprio comunga” (Xavier; Sousa, 2022, p. 118).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, no campo das disputas acadêmicas, não compreendemos a poesia, arte de fazer versos ou elaborar composição poética, assim como a própria literatura, apenas como texto fixado pela escrita. Como Leda Maria Martins, lemos que há ainda uma visão forjada pelo sistema colonial em que:

a ênfase na escritura prolonga essa ilusória dicotomia entre o oral e o escrito, este, sim tornado instrumento das práticas de dominação e desiguais relações de poder e das estratégias de exclusão dos povos que privilegiavam as performances corporais como formas de criação, fixação e expansão do conhecimento (Martins, 2021, p. 33).

Nesse sentido, é importante destacar a valorização dessa forma de criar e difundir a literatura, assim, retomar a tradição oral é também reconhecer tradições ancestrais preservadas por indivíduos que recusaram o silêncio.

Para além do aspecto literário, essas produções estão agindo sobre realidades, algo que tem seu valor principalmente em se tratando de um saber que se coloca como um saber de luta; luta que, por décadas, se constrói no Brasil com sua postura crítica e emancipatória que por meio da arte altera realidades. Como propõe Emerson da Cruz Inácio: “Fora do mercado literário tradicional, a poesia – periférica por natureza – segue seu rumo para fora da *polis* do cânone ‘dito’ ocidental, criado pela mídia e pela crítica literária tradicional” (Inácio, 2006, p. 119-120).

Seguindo no mesmo sentido, o pensamento de Leda Martins contribui para pensar que “não existem culturas ágrafas, pois nem todas as sociedades confinam seus saberes apenas em livros, arquivos, museus e bibliotecas, mas resguardam, nutrem e vinculam seus repertórios em outros ambientes de memória, suas práticas performáticas” (Martins, 2003, p. 78).

Em vista disso, falar sobre o rap é buscar um diálogo com uma potente fonte de investigação. A respeito da importância da poesia negra, independente de sua forma, estilo e concepção de literatura, Lélia Gonzalez escreve:

As diferenças de estilo, concepções de literatura, forma, nada disso pode mais ser um muro erguido entre aqueles que encontraram na poesia um meio de expressão negra. Aqui se trata de legítima defesa dos valores do povo negro. A poesia como verdade, testemunha do nosso tempo (Gonzalez; Hasenbalg, 2022, p. 35).

Portanto, compreender essa expressão poética periférica e (re)conhecer suas diversas manifestações, faladas e cantadas, é também compreender o espaço de sua importância, uma vez que a literatura, seja ela oral ou escrita, se faz essencial para compreensão do mundo e dos sujeitos, seus saberes e fazeres, em diferentes contextos históricos e sociais. Assim, justifica-se a escolha pelo rap, movimento que vem introduzindo marcas significativas na cultura brasileira contemporânea:

Identificar esta manifestação cultural que propicia a formação de uma rede de poetas das ruas e complexificar o fazer poético é provocar um debate acerca das possibilidades que a literatura tem atualmente, mas é, ainda, reconhecer que narrativas divergentes estão, mesmo que timidamente, realocando poderes (Gonçalves, 2015, p. 130).

Observa-se, então, a poesia oral como uma forma de divertir, interagir e interferir na sociedade, que se vale da linguagem em sua função social de informar, denunciar e conscientizar. Uma vez que: “as Rodas de Rima são expressões de como as juventudes de espaços populares inventam suas narrativas estéticas de ser e estar no mundo, provocando a construção de outros horizontes de significados para seus territórios de morada e para a cidade” (Barbosa; Bezerra, 2018, p. 29). No entanto, o debate a partir de uma matriz canônica não assimila essa poética oral como poesia. Deste modo, a discussão de rupturas canônicas eurocêntricas é necessária na defesa deste trabalho, e, cabalmente, em redefinições dissidentes que concebem produtores de outras literaturas, outras poesias, outras histórias e outros ritmos musicais, uma vez que:

A poética apresentada pelo movimento hip hop na diáspora negra explode em variadas linguagens estéticas que provocaram questionamentos, deslocamentos, realocações de conceitos, que eram considerados canônicos. A pintura, a música, a poesia e a dança são redimensionadas a partir das experiências históricas dos sujeitos participantes desse movimento cultural (Fonseca, 2019, p. 141).

Nesse sentido, acima de tudo, isso precisa passar pelo reconhecimento de que a cultura hip hop é uma expressão de resistência da população negra e periférica que se articula com outras práticas herdadas dos africanos ou que remetem ao seu passado ancestral, sendo por isso um traço de sua identidade.

No que diz respeito ao Duelo de MCs Nacional não só pelo volume de público, mas por ter se tornado um evento de grande alcance e de aderência nacional, tornou-se uma meta, um

sonho de MCs de todo o Brasil, que estão engajada(o)s para conquistá-lo. Por isso levantam-se e andam em busca de seus sonhos, como incentiva Emicida (2013) em sua canção referenciada no título desse trabalho.

Em se tratando de uma arte que é periférica e negra, o recorte socioeconômico a respeito do seu alcance também é questão pertinente para ser compreendida, para tanto trazemos o que é discutido por Carlos Hasenbalg:

A raça, como atributo social historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição de pessoas na hierarquia social. Em outras palavras, a raça se relaciona fundamentalmente a um dos aspectos da reprodução das classes sociais, isto é, a distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classe e dimensão distributivas da estratificação social (Gonzalez; Hasenbalg, 2022, p. 112).

Por isso, o reconhecimento poético, cultural e político desses movimentos, não pode ser desvinculado dessas questões que estruturam a sociedade. As batalhas de rima, ao mesmo tempo que quiméricas, são também espaço do real, do concreto, da dor, do acolhimento, entre contações e suas contradições, espaço em que tudo pode ser mirado pelos MCs, e em que tudo pode virar substância para versos. Trata-se de uma riqueza infindável para esses artistas do improviso, que fazem da linguagem falada e da linguagem corporal, seu local de inscrição artística.

METODOLOGIA

A pesquisa será realizada a partir das manifestações de rap improvisadas de MCs que participaram das edições do Duelo de MCs Nacional nos anos de 2022 e de 2023 que contam com produções orais de representantes de cada um dos estados brasileiros e do Distrito Federal. O *corpus* de pesquisa será composto por vídeos disponibilizados na plataforma de compartilhamento do YouTube, do canal do coletivo Família de Rua, que totalizam mais de 13 horas de imagens com áudios dos eventos.

A pesquisa será qualitativa e de cunho bibliográfico. No primeiro momento, far-se-á o aprofundamento e discussão teórica objetivando construir o conceito teórico-metodológico de uma “poética oral das batalhas de rima”. Posteriormente, a visualização dos vídeos que compõem o *corpus* para em seguida, fazer o levantamento bibliográfico e a revisão teórica dos conceitos-chave que permeiam este trabalho em relação as temáticas rimadas pelos MCs durante o torneio. Após, serão eleitos quais fragmentos das batalhas de rima irão compor a amostragem de análise

da pesquisa tendo relação do *corpus* com as teorias adotadas nesta investigação. Sustentada pelos aparatos teóricos, a pesquisa poderá passar para a próxima etapa, que é a da análise do *corpus*, aplicando os conceitos teorizados na etapa anterior e examinando a linguagem das batalhas de rima em suas características e particularidades enquanto uma expressão artística de poética oral, destacando os pontos que a diferenciam de outras manifestações de poéticas orais de improviso.

Além disso, será pesquisado e descrito o histórico do Duelo de MCs Nacional, de forma que se descreva a importância do evento para o contexto brasileiro de batalhas de rima, fundamentando a importância da produção artística de MCs de batalhas de rima para disseminação da improvisação e de uma manifestação poética oral popular e periférica.

RESULTADOS ESPERADOS

É esperada que a investigação proposta nesse trabalho possa gerar novos conhecimentos para compreender as particularidades da linguagem das batalhas de rima de forma que possamos caracterizá-la como uma expressão de poética oral de improviso. Além de identificar a importância do Duelo de MCs Nacional para o contexto brasileiro de batalhas de rima. Propomos a circulação dos conhecimentos construídos durante a pesquisa a partir de apresentações em eventos científicos, a publicação de artigos científicos resultantes da produção empreendida durante e após esta investigação, além de sua divulgação e compartilhamento em espaços de formação e diálogo do movimento hip hop.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. L.; BEZERRA da. M. Rodas de rimas: narrativas estéticas de juventudes em periferias urbanas. **Diversidade Cultural e Arte**, [S. l.], v. 80, p. 22-30, 2018. Disponível em: https://uff.academia.edu/Departments/Departamento_de_Geoci%C3%Aancias/Documents Acesso em: 08 mai. 2024.

CRUZ, E. S. **O rap como Literatura Afro-brasileira**: Uma análise poética das canções do álbum homônimo de Opanijé e Galanga Livre, de Rincón Sapiência. 2022. 131 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) Universidade Federal da Bahia – Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37540> Acesso em: 10 abr. 2024.

EMICIDA. **Levanta e anda**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013.

FONSECA, S. C. O rap como poesia negra da diáspora: modos de dizer, modos de fazer literatura. **Crítica Educativa**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 135-145, 2019. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/430> Acesso em: 08 mai. 2024.

GONÇALVES, R. A. Rima e a estética da resistência. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S. l.], v. 22, n. 37, p. 118-132, 2015. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19934> Acesso em: 08 mai. 2024.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

INÁCIO, E. da C. Sobre poesia e rap, rappers e poetas. **Via Atlântica**, [S. l.], n. 15, p. 117-127, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/viaatlantica/article/view/50427>. Acesso em: 08 mai. 2024.

MARQUES, S. dos A. C.; FONSECA, L. R. Os territórios das mulheres negras no rap por meio das batalhas de rima. **Caderno de Geografia**, [S. l.], v. 30, n. 61, 2020. Disponível em: <https://smtpgw.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/22347> Acesso em: 28 mar. 2024.

MARTINS, L. M. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, n. 26, p. 63-81, 2003.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SANTOS, T. M. dos; SATHLER, C. N. Narrativas urbanas de MC's trans e travestis nas seletivas estaduais para o duelo de MC's nacional. **COR LGBTQIA+**, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 38-57, 2023. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/569>. Acesso em: 18 abr. 2024.

XAVIER, L.; SOUSA, D. D. C. Veredas epistêmicas e metodológicas da poesia oral. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 116-126, 2022. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/issue/view/663> Acesso em: 11 abr. 2024.

Palavras-chave: Duelo de MCs. Batalha de Rimas. Poética Oral. Rap. Hip Hop.

LINHA B

AS PESQUISAS DESSA LINHA VOLTAM-SE PRIORITARIAMENTE A ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS CARACTERÍSTICAS DA LINGUÍSTICA APLICADA, A PARTIR DAS QUAIS APRESENTAM DESDOBRAMENTOS RETOMADOS EM TÓPICOS COMO:
ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS (MATERNA E ESTRANGEIRA);
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS; LETRAMENTOS; LINGUAGEM E IDENTIDADE; TRADUÇÃO.



LINGUÍSTICA APLICADA

A FORMAÇÃO CONTINUADA COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROTÓTIPO DE ENSINO PARA A CORREÇÃO ORAL DIALOGADA DE TEXTOS ESCOLARES

Adriana Castro Xavier¹
Rogério Soares de Oliveira (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa parte da concepção de escrita enquanto prática social; uma habilidade a ser ensinada a partir de suas etapas de construção e consecução: planejamento, escrita, revisão e reescrita (Leite, 2012; Santos; Faria, 2020). Nesse caminho a ser percorrido em sala de aula, encontramos dois actantes: o aluno com seu texto em um processo de produção final e o professor na condição de mediador para que as etapas sejam realizadas adequada e satisfatoriamente. É importante enfatizar, aqui, o trabalho docente voltado para a busca de “estratégias que possibilitem ao estudante escrever, ler e reescrever o seu texto, num processo contínuo de autoaprendizagem” (Marquesi, 2014, p. 135). Dentre essas estratégias, estão as correções que apontam para a refacção, para a versão final do texto.

Nessa perspectiva, as práticas de ensino-aprendizagem que visam à correção de textos para a reescrita devem ser constituídas a partir da função diagnóstica e prognóstica: “diagnóstica porque informam sobre o estado de língua, as aprendizagens já consolidadas e aquelas ainda em andamento; prognóstica porque funcionam como base para a organização do trabalho pedagógico de mediação do professor” (Leite, 2012, p. 144). Dessa forma, a correção do texto é utilizada pelo professor como instrumento de mediação para a efetivação da reescrita (Leite, 2012; Ruiz, 1998, 2022).

É válido salientar que, ao perceber que as correções no texto do aluno, muitas vezes, não são suficientes para que este possa reescrevê-lo, o professor recorre, também, a outras estratégias como o diálogo oral, ou seja, uma conversa entre o professor e o estudante sobre o texto a ser reescrito. Essa proposta de colaboração, assumida por mim, enquanto professora de Língua Portuguesa, e outros colegas de trabalho, é utilizada com o propósito principal de sanar as dúvidas sobre a correção escrita, aquela parte que o aluno leu e não entendeu. É um momento importante visto que encontramos tanto a nossa voz do docente quanto a do aluno para o melhoramento do texto. Entretanto, essa mediação, muitas vezes, não é sistematizada a partir de pressupostos teóricos que compreendem a escrita enquanto prática social, enquanto processo, como habilidade

¹ acxavier.ppgl@uesc.br

² rosoliveira@uesc.br

a ser ensinada e aprendida; o que pode gerar uma ação contínua de correções que não contribuem, eficazmente, para uma refacção satisfatória do texto escolar.

Em vista disso, os cursos de formação continuada se configuram como um ambiente propício para o delineamento de estratégias didáticas construídas a partir da troca de experiências e de concepções teóricas que contemplam a correção como mediação para a refacção do texto pelo aluno. Estratégias que contribuirão para que ele, o professor, defina critérios e ações para a correção oral dialogada com vista à efetivação da reescrita textual. Assim, este estudo ancora-se na seguinte pergunta: de que maneira a formação continuada baseada na pesquisa-ação colaborativa com vista à correção oral dialogada pode contribuir para a reescrita do texto escolar?

Isso posto, nesta pesquisa, versaremos sobre a prática pedagógica do professor para o desenvolvimento da competência escrita do aluno, em específico aqui, as correções/revisões realizadas por ele. Por sabermos que as vivências desse profissional em sala de aula lhe dão condições para o melhoramento de suas práticas de ensino, propomos um estudo direcionado à formação continuada do professor com vista ao trabalho colaborativo para a construção de um protótipo de correção oral dialogada, fundamentado nas concepções do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e na compreensão de gêneros textuais a partir de Bakhtin (1997); um protótipo didático que poderá ser adaptado de acordo com a realidade e necessidade de cada professor e utilizado juntamente com os outros tipos de correção, como os delineados por Ruiz (1998, 2022).

OBJETIVOS

Objetivo geral

Propor uma ação de formação continuada baseada na pesquisa-ação colaborativa com vistas ao desenvolvimento da correção dialogada para textos escolares escritos por alunos do ensino médio.

Objetivos específicos

- Analisar as práticas docentes voltadas para a correção e a reescrita do texto pelo aluno, a partir da participação colaborativa dos participantes da pesquisa;
- Traçar, em conjunto com os participantes da pesquisa e a partir de suas vivências, estratégias pedagógicas de correção dialogada que podem contribuir para o trabalho docente e para a reescrita do texto pelo aluno;
- Reelaborar, em conjunto com os participantes da pesquisa, as ações pedagógicas de correção dialogada, considerando os resultados obtidos na

aplicação do protótipo de ensino.

JUSTIFICATIVAS

Esta pesquisa busca contribuir para a prática docente, visto que apresenta uma proposta teórico-metodológica que pode auxiliar o professor na correção de textos escolares, etapa esta fundamental para a refacção textual realizada pelo aluno. Propõe-se, também, a colaborar com estudos no campo da Linguística Aplicada (doravante LA), em específico, os que versam sobre o trabalho do professor para o desenvolvimento da competência escrita do aluno.

Salientamos que não encontramos nenhum estudo que trate da construção de um protótipo para a correção oral dialogada amparado em ações colaborativas desenvolvidas em um curso de formação continuada. Nesse sentido, este estudo dialoga e amplia investigações que versam sobre a correção/revisão para a reescrita como os de Castro (2022), Gasparotto e Menegassi (2020), Leite (2012), Motta e Carnin (2020), Ruiz (1998, 2022) e Santos e Faria (2020).

Assim sendo, a escolha por estudos que contemplam o processo de didatização da escrita e o ensino de línguas, justifica-se pela importância e, conseqüentemente, necessidade de produção de pesquisas direcionadas ao contexto em que a escrita/reescrita está inserida nas escolas, desvendando os possíveis entraves e construindo estratégias de soluções, foco de nossa investigação. À vista disso, estudos que abordam o trabalho docente, em específico os que versam sobre a correção/revisão de produção de textos escolares, como o caso desta pesquisa, são importantes tanto para a prática pedagógica do professor quanto para o desenvolvimento da competência escrita do aluno e para a sua formação como autor e corretor de seu próprio texto.

APARATO TEÓRICO

No âmbito da LA, estudiosos como Castro (2022), Leite (2012), Gasparotto e Menegassi (2020), Motta e Carnin (2020), Ruiz (1998 e 2022) e Santos e Faria (2020) têm discutido sobre a correção/revisão realizada pelo professor em textos escolares com vista à reescrita, considerada como “uma atividade de reflexão sobre a escrita que se dá, na maioria das vezes, num momento posterior à produção do texto em sua primeira versão” (Leite, 2012, p. 142).

Fundamentada na Linguística Textual, Ruiz (1998, 2022), em sua pesquisa, identificou, além dos tipos de correção apresentados por Serafini (1989), a correção textual-interativa, identificada pela autora como a que promoveu um maior espaço de interlocução aluno-produtor/professor-corretor/aluno-revisor.

Leite (2012) e Motta e Carnin (2020), ancorados no ISD, trazem uma análise sobre os tipos de correção utilizados pelo professor, destacando a textual-interativa. Leite (2012) foca seus estudos nas capacidades de linguagem consideradas nas correções do professor e na reescrita do aluno; Motta e Carnin (2020) analisam se o uso da correção textual-interativa aponta o professor

como mediador, facilitador e coautor e se influencia, de forma positiva, juntamente com a grade de avaliação, na reescrita dos textos. Gasparotto e Menegassi (2020) apresentam um estudo sobre a revisão textual docente, detendo-se à construção de bilhetes que contemplem, efetivamente, o aspecto dialógico e o desenvolvimento da competência discursiva do aluno.

Santos e Faria (2020) partem de um estudo que verifica os possíveis resultados de um curso de formação continuada na prática pedagógica para o ensino da (re)escrita. Os autores, ao analisarem as redações produzidas por alunos do 3º do ensino fundamental e as intervenções orais realizadas pelo professor colaborador, constaram um diálogo entre as concepções teóricas apreendidas no curso de formação continuada e as práticas didáticas do professor, contribuindo para o processo de reescrita dos alunos.

Castro (2022), em sua tese de doutorado, ao investigar os erros ortográficos mais frequentes na (re)escrita textual de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II e a relação entre o tipo de correção utilizado pelo professor-pesquisador entre a primeira versão e a refacção do texto escolar, apresentou um protótipo didático para categorização, diagnóstico e compreensão desses erros.

Com o propósito de dialogar com pesquisas voltadas para o trabalho docente nas aulas de produção textual, nesta pesquisa, buscamos, como resultado de uma proposta de ação colaborativa que conduza à reflexão da própria prática pedagógica, elaborar um protótipo de ensino, o qual é concebido por Rojo (2012, p. 8) como “estruturas flexíveis e vazadas que permitem modificações por parte daqueles que queiram utilizá-las em outros contextos que não o das propostas iniciais”. Em vista disso, amparamo-nos na formação continuada para a construção coletiva de ações pautadas na realidade do profissional no sentido de transformar/ressignificar aquilo que necessita ser transformado/ressignificado.

Este estudo está fundamentado no ISD proposto por Bronckart (2006), aporte teórico que compreende a língua como: interativa, pois todo processo de comunicação é construído a partir dos objetivos e intenções previstos pelos interlocutores; social, já que seu lugar de espaço é dentro de uma sociedade, reestruturando-se de acordo com o contexto, com a situação e com a relação estabelecida entre quem fala/escreve e entre quem ouve/lê; formadora, pois é utilizando a linguagem que o sujeito se desenvolve cognitivamente e modifica o social.

No que se refere aos gêneros textuais, partiremos da concepção bakhtiniana, definida por Schneuwly (2004, p. 19) a partir da seguinte forma:

cada esfera de troca social elabora tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros;

três elementos os caracterizam: conteúdo temático – estilo – construção composicional;

a escolha de um gênero se determina pela esfera, as necessidades da temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intencional do locutor.

É necessário destacar que os documentos direcionados à educação básica, como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) (Brasil, 2006) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), enfatizam que, no âmbito do processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, cabe à escola oferecer condições para que o aluno possa vivenciar experiências de práticas de linguagens em diferentes campos de atuação social. Isso envolve o processo de escrita a partir dos gêneros textuais seja em contextos escolares ou não escolares.

No trabalho didático com o gênero textual, tanto no que se refere ao ensino quanto à correção e à reescrita, é necessário que o professor e o aluno levem em consideração as capacidades de linguagem que configuram o texto: capacidade de ação (o sujeito adapta sua produção à situação de ação de linguagem); capacidade discursiva (relacionada à escolha da infraestrutura textual); e capacidade linguístico-discursiva (possibilita a realização de operações de linguagem implicadas na produção textual: mecanismos de textualização, mecanismos enunciativos, construção de enunciados, escolha de itens lexicais) (Cole, 2012; Leite, 2012).

É a partir dessa concepção de língua(gem) e de gêneros assumida pelo ISD que se configuram propostas de intervenção didática voltadas ao processo de didatização da reescrita, as quais subsidiam nossa pesquisa.

METODOLOGIA

Nesta proposta de estudo, pretendemos desenvolver, entre pesquisadora e 20 professores de Redação/Produção Textual de escolas públicas situadas na cidade de Ilhéus/Bahia, ações crítico-reflexivas que nos conduzam à elaboração de um protótipo de ensino para as correções orais dialogadas a partir de um curso de formação continuada. Em vista disso, adotaremos uma abordagem qualitativa, pois o nosso critério primordial é, a partir da análise e interpretação da correção oral dialogada, compreender a qualidade das razões e os motivos do fato estudado.

No que se refere à classificação dos procedimentos, optamos pela pesquisa-ação, compreendida por Thiollent (2011, p. 22) como “uma estratégia metodológica da pesquisa social”, em que pesquisador e participantes da pesquisa estão inseridos em uma mesma situação investigada. Assim sendo, tanto a pesquisadora, na condição de coparticipante, quanto os

colaboradores são professores de Redação/Produção Textual e utilizam a correção como uma das estratégias para a refacção do texto escolar. Os demais aspectos que constituem a pesquisa-ação se configuram em nosso estudo a medida que, ao considerarmos a correção de textos escolares uma prática docente que necessita ser estudada e investigada (Leite, 2012; Ruiz, 1998, 2022), propomos, a partir de ações crítico-reflexivas realizadas de maneira colaborativa entre pesquisadora e participantes, levantar os possíveis problemas que envolvem esse trabalho docente e delinear estratégias de ensino que contemplem a correção oral dialogada para o melhoramento da competência escrita do aluno a partir da reescrita de seu texto. Em vista disso, reiteramos que o presente estudo é visto como um fenômeno que será estudado dentro de uma realidade que impera nas escolas baianas.

A partir dessa perspectiva, para geração de dados, utilizaremos os seguintes instrumentos: o questionário *on-line*, via *google* formulário; as entrevistas em grupo de foco gravadas (Yan, 2017); a narrativa visual (Guedes, 2024); as observações de aulas de produção textual realizadas pelos participantes da pesquisa e pela pesquisadora enquanto coparticipante; as rodas de conversações gravadas (Guedes, 2024). Para coleta de dados, usaremos: o *checklists* (Paiva, 2024) e a nota de campo para o registro das observações das aulas; e o diário de campo para as rodas de conversações.

Para o procedimento de análise de dados, adotaremos a Análise de Conteúdo (AC), proposto por Bardin (2002), visto que ela nos permite fazer uma análise de “dados provenientes das comunicações, buscando compreender os significados e os sentidos das mensagens, que vão além de uma leitura comum [...], [sendo essa mensagem] verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021, p. 99). Assim, além da descrição, analisaremos os significados e os sentidos das mensagens relacionadas às condições contextuais de seus produtores, neste caso, os professores colaboradores da pesquisa, mensagens estas efetivadas nas entrevistas, nas rodas de conversações, nas aulas observadas e na narrativa visual.

Assim, propomos os seguintes passos metodológicos: (i) composição do grupo de participantes do curso de formação continuada, os colaboradores da pesquisa; (ii) planejamento e aplicação do curso de formação continuada que contempla a realização de estudos dirigidos, a participação em entrevistas, a realização de rodas de conversações e da narrativa visual; (iii) elaboração e testagem do protótipo de ensino; (iv) sistematização dos resultados e elaboração da tese.

DISCUSSÃO

Neste estudo, propomos uma ação de formação continuada baseada na pesquisa-ação colaborativa com vistas ao desenvolvimento de correção oral dialogada para textos escolares escritos por alunos do ensino médio, que fomente na construção de um protótipo de ensino direcionado a esse tipo de correção. Destacamos que a nossa intenção é que essa ferramenta didática possa ser utilizada no ensino-aprendizagem dos diferentes gêneros textuais contemplados em sala de aula, podendo ser adaptada de acordo com a realidade e necessidade do professor.

Pretendemos que as ações propostas nesta pesquisa contribuam no delineamento de uma formação continuada, no que tange à formação do professor enquanto pesquisador que problematiza a sua prática pedagógica em busca de respostas e de metodologias que levem em consideração a realidade do ensino da produção textual nas escolas brasileiras. Outra expectativa é que esse protótipo, elaborado a partir de ações colaborativas instigadas pelas vivências docentes, constitua-se como um material didático que auxilie o aluno no entendimento do que está sendo solicitado pelo professor e tenha condições de reescrever o seu texto, tornando-se, consequentemente, um autocorretor.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estática da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEMTEC, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análisis de contenido**. Tradução César Suarez. 3 ed. Madrid: Akal, 2002.

BRONCKART, J. Interacionismo Sócio-discursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, Vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othero. ISSN 16788931 [www.revel.inf.br].

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de Oliveira; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.98-111, 2021. Disponível em: file:///C:/Users/dicad/Downloads/2347-Texto%20do%20Artigo-8462-1-10-20210325%20(1).pdf – acesso em 12 maio 2024.

CASTRO, Marcelo de. **Ortografia no ensino fundamental II: múltiplos padrões e (re)escrita textual**. 2022. 180f. Orientadora: Daniela Mara Lima Oliveira Guimarães. Tese (doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo

Horizonte, 2022. Disponível em: file:///C:/Users/dicad/OneDrive/Área%20de%20Trabalho/DOUTORADO/ELABORAÇÃO%20DO%20PROJETO/tese%20PROTÓTIPO.pdf – acesso em: 20 abr. 2023.

COLE, Patrícia Barreto da Silva. Atividade de escrita e estratégias didáticas: o que prescrevem os livros didáticos de português (LDP). In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.) **Nas trilhas do ISD: práticas de ensino-aprendizagem da Escrita**. Vol. 17. Pontes: São Paulo, 2012. p. 47-72.

GASPAROTTO, Denise Moreira; MENEGASSI, Renilson José. ABORDAGENS PRÁTICAS DE REVISÃO TEXTUAL DIALÓGICA NO ENSINO MÉDIO. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n (59.2), p. 1432-1454, mai./ago. 2020.

GUEDES, Marise Rodrigues. **Impactos da pandemia no ensino-aprendizagem de linguagens: tecnologias digitais e emoções de professores do ifbaiano**. Orientadora: Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro. Coorientador: Rodrigo Camargo Aragão. 2024. 243f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2024.

LEITE, Evandro Gonçalves. A produção de textos em sala de aula: da correção do professor à reescrita do aluno. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.) **Nas trilhas do ISD: práticas de ensino-aprendizagem da Escrita**. Vol. 17. Pontes: São Paulo, 2012. p. 141-177.

MARQUESI, Sueli Cristina. Escrita e reescrita de textos no ensino médio. In.: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita, leitura**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 135-143.

MOTTA, Caroline Gomes; CARNIN, Anderson. Projeto didático de gênero e produção textual escrita: um estudo de caso a partir do trabalho com o gênero “carta de reclamação”. **Work. Pap. Lingíst.** Florianópolis, 21(2), p. 209-237, mai/ago, 2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Pesquisa: **Projeto, Geração de Dados e Divulgação sexualidade, raça e classe social: Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos**. São Paulo: Parábola, 2024.

ROJO, Roxane. Apresentação: protótipos didáticos para os multiletramentos. In.: ROJO, Roxane; MOURA, Eduarda. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 7-9.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa**. São Paulo: Contexto, 2022.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como se corrige redação na escola**. 1998. Orientadora: Ingedore Grunfeld Villaça Koch. Tese (doutorado em Linguística) – Instituto de Estudo da Linguagem, UNICAMP, São Paulo, 1998. Disponível em: [file:///C:/Users/dicad/Downloads/ruiz_elianamariaseverinodonaio_d%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/dicad/Downloads/ruiz_elianamariaseverinodonaio_d%20(3).pdf). Acesso em 10 set. 2022.

SANTOS, Cícero Gabriel dos; FARIA, Evangelina Maria Brito de. A prática de reescrita textual: uma atividade colaborativa de escrita no 3º ano do ensino fundamental. **Calidoscópico**, 18 (1), p. 67-86, jan./abr. 2020.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In.: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gênero Orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 19-34.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, p. 2011.

YAN, Robert K. **Pesquisa qualitativa: do início ao fim**. Tradução Daniel Bueno. São Paulo: Penso, 2017.

Palavras-chave: Formação de professor. Protótipo de Ensino. Correção oral dialogada. Reescrita.

OS JOGOS EDUCATIVOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS

Daniane Pereira¹
Wolney Gomes Almeida²

APRESENTAÇÃO

Pereira (2020), em sua pesquisa, identificou dificuldades gramaticais na construção de textos escritos em Língua Portuguesa (LP) por alunos surdos que tem a Língua de Sinais Brasileira (LSB) como primeira língua (L1). Essa pesquisadora constatou a influência de L1, que neste trabalho se refere à LSB, na escrita de segunda língua (L2), que neste trabalho se refere-se à LP escrita, desses alunos surdos, principalmente nos aspectos morfossintáticos. Segundo a pesquisadora supracitada, o grau de conhecimento de L1 influencia os surdos na aquisição da LP escrita (L2), o que é constatado através de marcas linguísticas da L1 na L2.

A partir dos resultados dessa pesquisa citada e de que, segundo Quadros e Schmiedt (2006, p. 41), para a aprendizagem da LP escrita como L2 pelo aluno surdo, “[...] não basta a presença do tradutor/intérprete de [Língua de Sinais] em sala de aula. Para além disso, o contexto escolar deve estar apoiado na educação bilíngue [...]”, pois “Práticas bilíngues proporcionam a aprendizagem da LP escrita como L2 por pessoas surdas, de forma contextualizada e significativa”, questionamos: O uso de jogos educativos digitais, numa abordagem de ensino bilíngue, influenciaria positivamente na melhoria da habilidade do aluno surdo de escrever em LP, especificamente no que se refere aos aspectos morfossintáticos do português?

A escrita da LP por alunos surdos tem sido objeto de estudo devido às dificuldades gramaticais enfrentadas por eles, mas isso não invalida esta pesquisa que propomos pelo caráter alternativo que ela adquire ao propor aliar jogos educativos, numa abordagem de ensino bilíngue, à escrita do português dessas pessoas. A LS é, muitas vezes, a L1 adquirida pelas pessoas surdas, o que pode influenciar a forma como eles aprendem e utilizam a escrita da LP. Este estudo visa analisar as contribuições dos jogos educativos, na modalidade de ensino bilíngue, para a melhoria da escrita em LP de alunos surdos, particularmente no que diz respeito aos aspectos morfossintáticos do português. Além disso, ela oferece, principalmente aos gestores, professores, formuladores de políticas

¹danianepereira@hotmail.com

²wgalmeida@uesc.br

públicas e demais interessados nesse assunto, discussões, suportes teórico e metodológico para o acesso e a permanência do aluno surdo na escola. Espera-se elaborar um jogo educativo, na perspectiva de um ensino bilíngue, como estratégia pedagógica eficaz que possa ser implementada na prática, para auxiliar os alunos surdos a superar as suas dificuldades de representação, na escrita, de aspectos morfofossintáticos da LP.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar as contribuições dos jogos educacionais e sua relação com os aspectos morfofossintáticos da LP em uma perspectiva do ensino bilíngue para o aprimoramento da escrita em LP por estudantes surdos.

Objetivos específicos

Objetivos Teóricos

- Analisar os pressupostos teóricos da Sociolinguística Educacional e as teorias linguísticas sobre aquisição de L2;
- Analisar a literatura sobre jogos educativos para pessoas surdas, numa perspectiva de ensino bilíngue;
- Discutir as dificuldades morfofossintáticas enfrentadas por alunos surdos na escrita em LP, a partir da literatura sobre o assunto.

Objetivos Empíricos

- Analisar as dificuldades morfofossintáticas enfrentadas por alunos surdos na escrita em LP, a partir de suas produções textuais;
- Identificar os efeitos dos jogos educativos, numa perspectiva de ensino bilíngue, na melhoria da escrita em LP de alunos surdos, durante o jogo;
- Avaliar o progresso na escrita em LP dos alunos surdos após o jogo, a partir de suas produções textuais.

Objetivos de Produção de Materiais

- Elaborar um jogo educativo, numa perspectiva de ensino bilíngue, para

aprimorar a escrita em LP dos alunos surdos, considerando os seus aspectos morfossintáticos;

- Aprimorar o jogo educativo elaborado a partir do *feedback* dos alunos surdos, após o uso do jogo.

•

JUSTIFICATIVAS

Esta proposta de pesquisa justifica-se por fornecer informações para educadores, gestores, formuladores de políticas e demais interessados sobre a importância dos jogos educativos e da educação bilíngue, no aprimoramento da competência escrita em LP dos alunos surdos. As descobertas resultantes deste estudo têm o potencial de influenciar práticas educacionais e políticas públicas, visando ao desenvolvimento linguístico desses alunos surdos e à sua inclusão social.

Uma pesquisa que busca promover o desenvolvimento linguístico de alunos surdos e a inclusão social deles resultará na criação de novos instrumentos de análise interpretativa, possibilitando uma compreensão mais profunda dos processos envolvidos no desenvolvimento da competência escrita em LP de alunos surdos.

APARATO TEÓRICO

Neste trabalho discutiremos situações de contato entre a LP e a LSB com o intuito de analisar as contribuições dos jogos educacionais, numa perspectiva de ensino bilíngue, para o aprimoramento da escrita em LP de alunos surdos, especificamente os aspectos morfossintáticos do português, à luz das contribuições da Sociolinguística Educacional, de forma a desenvolver a sua habilidade de escrever nessa língua e, ao mesmo tempo, promover a sua inclusão social. A teoria de línguas em contato, uma área da Sociolinguística, fundamentará esta pesquisa.

Políticas voltadas à educação linguística de pessoas surdas no Brasil

As políticas linguísticas do Brasil referentes à Língua de Sinais Brasileira (LSB) foram estabelecidas devido a influência dos movimentos político-sociais promovidos pela Federação Nacional de Educação de Surdos, especialmente a partir de 1987 (Lei nº 10.436 (Brasil, 2002); Decreto nº 5.626 (Brasil, 2005); Lei nº 12.319 (Brasil, 2010); Lei nº 13.005 (Brasil, 2014); Lei nº 14.191 (Brasil, 2021); Lei nº 14.704 (Brasil, 2023)). Essas políticas foram moldadas em paralelo ao avanço das pesquisas sobre a LSB, especialmente a partir

da década de 90, conforme Brito (2013). Garantir políticas que promovam a educação linguística das pessoas surdas é fundamental para assegurar seu acesso a uma educação de qualidade. Isso inclui o desenvolvimento de métodos e materiais específicos para o aprendizado da língua de sinais, bem como o apoio à formação de professores capacitados para lecionar nessa língua.

Educação bilíngue de sujeitos surdos

A educação bilíngue para sujeitos surdos é um fundamental para garantir o pleno desenvolvimento desses sujeitos, reconhecendo a língua de sinais como meio legítimo de comunicação e o respeito à diversidade linguística e cultural. A Lei nº 14.191 (Brasil, 2021), é uma legislação brasileira que promove alterações na Lei nº 9.394, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de alunos surdos. Esta legislação reforça a importância de um modelo educacional que reconheça a língua de sinais como L1 de sujeitos surdos, viabilizando o acesso a conteúdo de forma efetiva e igualitária.

Jogos educativos para auxiliar o aprendizado da LP escrita para pessoas surdas

Huizinga (2019) define o jogo como uma atividade livre, voluntária e separada da vida real, que segue regras específicas e possui um caráter lúdico. Os jogos educativos podem desempenhar um papel significativo no aprendizado da LP escrita para pessoas surdas, oferecendo experiências envolventes e personalizadas que promovem a compreensão e a prática da língua. Podem integrar a língua de sinais como um componente essencial, facilitando a compreensão do conteúdo para os alunos surdos. Por exemplo, os jogos podem apresentar narrativas ou instruções em língua de sinais, ajudando a estabelecer uma conexão direta entre a língua de sinais e a LP escrita. Para atender às necessidades dos alunos surdos, os jogos educativos podem incluir elementos visuais ricos, como imagens, gráficos, animações e símbolos, que complementam o aprendizado da LP escrita. Esses elementos visuais auxiliam na compreensão do vocabulário e das estruturas morfossintáticas.

METODOLOGIA

Quanto aos objetivos, este estudo será exploratório e descritivo, pois envolve entrevistas e levantamento bibliográfico; quanto aos procedimentos técnicos, esta é uma

pesquisa-ação, pois busca envolver os informantes de forma participativa (Gil, 2007), com uma abordagem mista que combina métodos qualitativos e quantitativos. Dados quantitativos: Coletar dados sobre o desempenho dos participantes em testes de escrita em LP antes e depois do jogo educativo bilíngue. Comparar os resultados para avaliar o progresso. Dados qualitativos: Obter um retorno dos participantes sobre sua experiência com o jogo, desafios enfrentados e sugestões para melhorias.

Participantes

A pesquisa envolverá alunos surdos que estão em processo de aprendizagem da escrita da LP como L2. Os participantes são utentes da LSB, com um nível inicial de proficiência na escrita da LP. Serão quatro alunos surdos que tem a LSB como L1, regularmente matriculados nas seguintes escolas do município de Porto Seguro (BA): Escola Municipal Prof.^a Terezinha da Conceição Sampaio Vieira, Escola Municipal Pero de Campos Tourinho e Escola Municipal Corujinha Feliz, no 1º e 2º ano de escolaridade.

Conhecimento Teórico

Uma revisão extensa da literatura (pesquisa bibliográfica) sobre jogos educativos bilíngues para pessoas surdas, será realizada inicialmente, incluindo pesquisas sobre aquisição de L2 por pessoas surdas e educação bilíngue. Essa revisão da literatura permitirá identificar estratégias e abordagens eficazes que possam ser aplicadas ao jogo educativo, para embasar a escolha e o design do jogo educativo proposto, além de contribuir para a base teórica deste estudo, fornecendo informações sobre as melhores práticas educacionais para o ensino de LP a alunos surdos.

Rotina de observação das aulas

A rotina de observação das aulas envolverá a presença do pesquisador nas salas de aula em que estudam os participantes surdos, durante a disciplina de LP. Serão observadas cinco aulas em cada turma. Durante essas observações, o pesquisador registrará detalhes como: métodos e abordagens utilizados pelos professores para o ensino da LP escrita como L2; o papel e a influência da LSB na escrita em português desses alunos surdos; os diferentes níveis de proficiência em LP dos alunos. A razão para essa observação é entender melhor o contexto de ensino e aprendizagem e identificar práticas que possam influenciar o desenvolvimento da LP escrita como L2 pelos alunos surdos.

Coleta dos textos escritos

A coleta de três textos escritos diferentes será realizada através da solicitação aos alunos para produzirem textos escritos durante a observação das aulas de LP. Essa atividade, já prevista no planejamento das aulas, será solicitada e conduzida pelos professores de LP das turmas. Os textos escritos serão digitalizados pelo pesquisador para diagnosticar e analisar as dificuldades morfofossintáticas dos alunos surdos na escrita em LP. Os textos originais serão devolvidos aos professores, caso necessário.

Entrevistas com pais e alunos

Os alunos participantes e seus pais/responsáveis serão entrevistados, a partir de um questionário. As pessoas surdas responderão em línguas de sinais e suas respostas serão gravadas em vídeo. As entrevistas com pais e alunos devem ser conduzidas de forma sensível e respeitosa, levando em consideração a complexidade das questões envolvidas. O modelo de entrevista incluirá perguntas sobre: causas de perda auditiva; níveis de surdez; conhecimento de LSB pelos pais/responsáveis; necessidades e objetivos individuais dos alunos para a aprendizagem da L2; diferentes níveis de proficiência dos alunos em LSB. As perguntas serão abertas, permitindo que os participantes compartilhem suas experiências e perspectivas de forma detalhada.

Jogo educativo: elaboração

A partir das informações obtidas através do questionário, estratégias serão traçadas para que os objetivos da pesquisa sejam atingidos. Um jogo educativo bilíngue (LSB e LP) será elaborado, o qual deverá focar a melhoria da escrita em LP, no que se refere aos aspectos morfofossintáticos, dos alunos surdos, participantes desta pesquisa.

Jogo educativo: aplicação

Os alunos surdos serão instigados a utilizar o jogo educativo criado a partir dos dados obtidos, com o objetivo de minimizar as marcas de LSB na escrita da LP. O jogo será utilizado para ensino/revisão/reforço/fixação dos aspectos morfofossintáticos identificados no diagnóstico inicial dos alunos, garantindo que eles compreendam e apliquem corretamente esses conceitos na escrita.

Jogo educativo: avaliação

A avaliação do progresso dos participantes ao longo do uso do jogo, através 1) de

observação dos jogadores enquanto jogam para identificar comportamentos específicos, estratégias de jogo, monitorar as pontuações e o progresso dentro do jogo, analisando os níveis atingidos, os erros cometidos e as melhorias ao longo do tempo e 2) diários de bordo, em vídeo, para registro de suas experiências, dificuldades e percepções sobre o uso do jogo. Estas ações proporcionarão informações sobre a eficácia do jogo como uma ferramenta de ensino a longo prazo. Ao final da pesquisa, será realizado outro questionário aos alunos para obter informações sobre o jogo, seu uso, entender a experiência dos jogadores, incluindo o que acharam mais desafiador ou interessante. Suas respostas serão gravadas em vídeo. Também, será aplicado um questionário aos professores, para entender a percepção deles sobre a eficácia ou não do jogo didático bilíngue (LSB e LP) na melhoria da escrita em LP pelos alunos surdos. Os resultados serão utilizados para refinar o jogo didático, incorporando feedback dos participantes e dados de desempenho, garantindo que o jogo seja adaptado às necessidades específicas dos estudantes surdos. Isso garantirá a relevância e eficácia do jogo como uma ferramenta educacional, ao mesmo tempo em que demonstrará um compromisso com a melhoria contínua com base nas experiências e opiniões dos usuários reais. Permitirá uma compreensão mais profunda de como o jogo pode ser integrado de forma eficaz no currículo para melhorar as habilidades de escrita dos estudantes surdos.

DISCUSSÃO

Novas produções textuais deverão ser realizadas e analisadas para que possamos confrontar os resultados diagnosticados antes e após a utilização do jogo e verificar a eficácia ou não dessa metodologia através do uso do jogo. Serão realizadas três atividades em momentos distintos. Comparação de dados do diagnóstico e dados pós jogo para comparação e resultados.

Essa metodologia permitirá uma abordagem estruturada e abrangente ao estudo, cobrindo desde a análise teórica até a implementação prática e avaliação de um jogo educativo bilíngue para pessoas surdas.

Serão preparados relatórios e artigos acadêmicos detalhando os resultados do estudo, incluindo as descobertas sobre a eficácia do jogo didático e sugestões para práticas educacionais. O texto com o resultado da pesquisa terá o formato *multipaper*, ou seja, formato de artigos. É uma abordagem que envolve a escrita de vários artigos científicos independentes sobre tópicos relacionados dentro do campo de estudo que serão submetidos para publicação em periódicos respeitáveis na área de estudo e revisados por

pares, aumentando significativamente a visibilidade e o impacto da pesquisa. Os resultados, também, serão apresentados em conferências acadêmicas e educacionais para compartilhar as descobertas com a comunidade mais ampla.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Gamification** – como criar experiências de aprendizagem engajadoras. Um guia completo: do conceito à prática. São Paulo: DVS Editora, 2015.

BAKTHIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-1953]. p. 261-269.

BRASIL. **Decreto-lei n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 23 dez. 2005. Seção 1, p. 30.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de novembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 6 jan. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/seesp/legislacao.shtm>. Acesso em: 6 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 6 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 6 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm. Acesso em: 6 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023**. Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm#art1. Acesso em: 6 jan. 2024.

BRITO, F. B. de. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais**. 2013. 275 f. Tese (Doutorado) –Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. 2. ed. Coimbra: Arménio Amado, 1978.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG. **Educação na praça:** espaço do conhecimento UFMG discute acessibilidade e inclusão de surdos no ambiente escolar em roda de conversa gratuita. 2023. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/educacao-na-praca-acessibilidade-e-inclusao-dos-surdos-nas-escolas/>. Acesso em: 6 jan. 2024.

FERNANDES, S. de F. **Avaliação em Língua portuguesa para alunos surdos:** algumas considerações. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GROSJEAN, F. **O direito da criança surda de crescer bilingue.** Tradução Sergio Lulkin. Sign Language Studies. v.1, n.2, p.110-114, Win. 2001. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.francoisgrosjean.ch/Portuguese_Po rtugais.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.

GOLDFELD, M. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

HUIZINGA, J. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010:** características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm. Acesso em: 6 jan. 2024.

NEGRÃO, E.; SCHER, A.; VIOTTI, E. A competência linguística. In: FIORIN, J. L. **Introdução à linguística.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 95-119.

PEREIRA, D. Influência da língua de sinais brasileira na escrita de alunos surdos. In: PEIXOTO, A. C. S.; BARBOSA, L. P. (Org.). **Cenários Linguageiros.** Araraquara: Letraria: 2020, p. 144-175.

PIZZIO, A. L.; QUADROS, R. M. de. **Aquisição da língua de sinais.** Florianópolis: UFSC, 2011.

PRENSKY, M. **Aprendizagem baseada em jogos digitais.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

QUADROS, R. M. **A educação de surdos:** a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, M. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SACKS, O. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, G. M. da. **Perfis linguísticos de surdos bilíngues do par Libras-português.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2018. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.francoisgrosjean.ch/Portuguese_Po rtugais.pdf

extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.poslin.lettras.ufmg.br/defesas/1713D.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.

SOUZA, R. B. de. **Língua Brasileira de Sinais - Libras II**. Indaial: UNIASSELVI, 2018.

STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M. de. Políticas linguísticas. *In*: QUADROS, R. M. de. *et al.* (Org.). **A Gramática da Libras**. Vol. 1. Rio de Janeiro: INES, 2023.

Palavras-chave: Contato de Línguas. Educação Bilíngue. Jogo. Língua de Sinais Brasileira. Língua Portuguesa.

CRENÇAS SOBRE AUTONOMIA NA PRODUÇÃO ESCRITA EM INGLÊS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: ESTUDO COMPARATIVO BRASIL-COLÔMBIA

Dayan Ariadna Guzmán Bejarano¹
Rogério Soares de Oliveira (orientador)²

APRESENTAÇÃO

O tema de pesquisa é o desenvolvimento de uma maior consciência de autonomia na produção escrita em inglês nos professores em formação inicial dos programas de graduação de licenciatura em letras no Brasil e na Colômbia, no intuito de contribuir na construção de uma identidade de autonomia própria. Este tema de pesquisa situa-se no campo da Linguística Aplicada, relacionado com processos educacionais, especificamente, processos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. O campo de ação da pesquisa é a formação de professores e o objeto de estudo é o desenvolvimento da competência da autonomia focado na produção escrita em inglês nos professores em formação inicial. Trata-se de um estudo comparativo que envolve os programas de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas e Língua Inglesa e suas Literaturas da Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC (Brasil) e Licenciatura em Espanhol e Línguas Estrangeiras da Universidad Libre (Colômbia).

O problema de pesquisa é o baixo nível de consciência que os professores em formação inicial têm sobre a relação entre autonomia e ensino da produção escrita em inglês. Identifica-se um baixo conhecimento sobre autonomia e a forma como ela pode se articular com a produção escrita em língua estrangeira para promover práticas de ensino-aprendizagem mais autônomas. Os pressupostos da pesquisa são a ausência de espaços de reflexão na formação inicial sobre as crenças, os saberes, os comportamentos, as atitudes e as experiências significativas presentes nas histórias de vida e de aprendizagem de línguas dos professores em formação inicial em letras relacionadas com a construção da sua autonomia e a ausência de estratégias nos professores de formação inicial para ensinar a trabalhar a produção escrita em inglês de forma mais autônoma, nos contextos brasileiro e colombiano.

Os contextos de desenvolvimento da pesquisa são dois, Brasil e Colômbia. O

¹ dagbejarano.ppgl@uesc.br Bolsista [CAPES].

² rosoliveira@uesc.br

primeiro corresponde à Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, que é uma universidade pública e estadual, localizada no estado da Bahia. Ela oferece programas de graduação de tipo bacharelado, licenciatura e Educação a Distância -EAD. A pesquisa se desenvolve especificamente com os estudantes do Programa de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas e Língua Inglesa e suas Literaturas, adscrito ao Departamento de Letras e Artes – DLA, ministrado de forma presencial no Campus Soane Nazaré de Andrade, situado no bairro Salobrinho entre as cidades de Ilhéus e Itabuna.

O segundo trata-se da *Universidad Libre*. Esta é uma instituição privada e laica, com acreditação multicampus de alta qualidade. Tem presença a nível nacional nas cidades de Bogotá, Barranquilla, Cali, Cúcuta, El Socorro, Pereira e Cartagena de Índias, na Colômbia. Esta oferece programas de graduação e pós-graduação de forma presencial no país. A pesquisa se desenvolve especificamente com os estudantes do Programa de Licenciatura em Espanhol e Línguas Estrangeiras, que funciona na modalidade presencial na sede de Bogotá, como programa adscrito à Faculdade de Educação.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender como se dá o processo de desenvolvimento de uma maior consciência de autonomia no ensino da produção escrita em inglês na formação inicial de professores de inglês nos contextos Brasil-Colômbia.

Objetivos específicos

- Identificar as crenças e experiências relacionadas com a autonomia na produção escrita em inglês presentes nos professores em formação inicial de inglês em seu processo de aprendizado do inglês como língua estrangeira.
- Desenhar uma proposta pedagógica voltada para a criação de maior autonomia focada no ensino da produção escrita em inglês nos contextos brasileiro e colombiano.
- Avaliar a proposta pedagógica aplicada na formação inicial de professores nos contextos brasileiro e colombiano.

JUSTIFICATIVAS

A formação de professores precisa de ser fortalecida de acordo com as necessidades da sociedade contemporânea. De acordo com Nunan (2003, p. 11), o nível mais avançado de autonomia é aquele da transcendência, no qual os estudantes vão além daquilo que é trabalhado em sala de aula e estabelecem vínculos entre o conteúdo do curso e o mundo fora da sala de aula, e funcionam como estudantes completamente autônomos”; além disso, em termos de processo, o linguista afirma que “os estudantes se tornam professores e pesquisadores”. Esse nível de transcendência situa os professores em formação em um ponto no qual eles estarão na capacidade de orientar os seus próprios processos de aprendizagem e os de os seus futuros aprendizes, bem como de participar e desenvolver atividades de maior complexidade como as relacionadas com a pesquisa científica. Assim, o desenvolvimento da competência da autonomia na formação inicial torna-se necessário e se adiciona às competências interpessoais, digital, pedagógica, disciplinar e investigativa, que devem ser desenvolvidas e fortalecidas.

Na ausência de políticas públicas educacionais que declarem a autonomia como objetivo de formação na formação inicial de professores no Brasil e na Colômbia ou de lineamentos de política pública que promovam o desenvolvimento de uma competência de autonomia, torna-se necessário e pertinente desenvolver pesquisas no intuito de permitir a reflexão sobre a autonomia, sua importância no contexto pessoal, acadêmico e profissional e possíveis estratégias para integrá-la nos processos de ensino da produção escrita em inglês no ensino básico e médio dos contextos brasileiro e colombiano.

A partir da revisão de literatura dos últimos cinco anos, foram identificadas as seguintes lacunas teóricas relacionadas à formação inicial e à autonomia: a.) baixo número de pesquisas focadas no trabalho da autonomia na formação inicial; os trabalhos encontrados estão voltados para os alunos de inglês em contextos variados ou para os professores em serviço com ampla experiência no campo fora dos contextos brasileiro e colombiano; b.) poucas vezes a autonomia é abordada como competência principal a ser desenvolvida e, na maioria das vezes, é abordada ou mencionada como consequência ou efeito colateral de estratégias pedagógicas focadas em outro aspecto; e c.) a autonomia não tem sido trabalhada no ponto de origem, isto é, no momento da formação de uma consciência de autonomia, seja a partir da formação explícita, seja a partir das histórias de vida dos professores em formação inicial, de como são construídas as crenças sobre a autonomia, levando em consideração as experiências de vida e os conhecimentos prévios.

Neste sentido, a pesquisa poderia contribuir no aperfeiçoamento da teoria permitindo: compreender como se dá o processo de construção de uma maior consciência sobre autonomia no professor de formação inicial de inglês; identificar tendências na região a partir da análise dos resultados de Brasil e Colômbia, sobre crenças de autonomia, aprendizados e experiências de vida significativas para a construção de uma autonomia nos contextos educacionais; identificar elementos da autonomia relevantes para os professores em formação de inglês suscetíveis de ser integrados a propostas pedagógicas que promovam o trabalho da autonomia aplicado na produção escrita em inglês. Nesta pesquisa são usados como referente os níveis de autonomia propostos por Nunan (2003, p. 11) e a adaptação proposta por Guzmán (2016, p. 26) que permitem ao aluno a passagem de um estado de dependência a um estado de maior independência, através dos níveis de tomada de consciência, tomada de decisões, compromisso, intervenção, criação e transcendência, em termos de conteúdo e processo.

Além disso, esta pesquisa tem também o potencial de resolver dois problemas práticos presentes na formação inicial de inglês no Brasil e na Colômbia: o primeiro é a ausência de um espaço de reflexão para o desenvolvimento de uma maior consciência de autonomia que levará os professores em formação a se auto-observar e até criar uma identidade de autonomia própria que oriente futuros processos de ensino-aprendizagem da produção escrita em inglês; o segundo é a necessidade de os professores em formação inicial de inglês contarem com ferramentas para desenvolverem propostas pedagógicas que promovam a autonomia no ensino da produção escrita em inglês, vista como um processo de produção textual que está conformado pelas etapas de planejamento, execução, revisão e reescrita.

APARATO TEÓRICO

Os eixos teóricos desta pesquisa são formação inicial, autonomia e produção escrita em inglês como língua estrangeira. Sobre a formação inicial de professores, em termos teóricos, as contribuições de Ferreira e Marques-Schäfer (2016) apresentam elementos para abordar a categoria de professores em formação inicial ao trabalhar com estudantes da licenciatura em letras: alemão, Vasconcellos e Vilela (2017) que trazem limites e possibilidades da formação inicial para o desenvolvimento de práticas docentes autônomas; e Raya (2017) que explora a pedagogia de casos como estratégia catalizadora da mudança para a autonomia do aluno e do professor na formação inicial de professores

do ensino secundário. Além disso, desde a perspectiva dos professores em serviço, Monteiro et al. (2010) fazem um trabalho sobre as visões da autonomia do lado do professor e a sua influência na prática pedagógica. Isso dialoga com Gomes (2019), quem aborda o papel da autonomia e seu impacto nos processos de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira segundo professores de DELE experimentados.

No relacionado com a construção de uma identidade, a pesquisa de Nicolaides e Archanjo (2019) apresenta proximidade com o interesse de conhecer a forma como os professores em formação constroem ou reconstróem para si mesmos o conceito de autonomia e uma identidade associada a autonomia. Igualmente, Fartes e Santos (2011) estabelecem uma relação entre identidade e autonomia nos professores. Em chave metodológica, Carvalho (2007) fornece uma análise da autonomia dos alunos através dos seus comportamentos demonstrados nas narrativas produzidas por eles mesmos como aprendizes de português como língua estrangeira, a qual pode ser usada para conhecer a autonomia dos professores em formação inicial.

Sobre a categoria teórica da autonomia, nesta pesquisa são usados como referente teórico os níveis de autonomia propostos por Nunan (2003) e a adaptação proposta por Guzmán (2016). Esses níveis permitem ao aluno a passagem de um estado de dependência a um estado de maior independência, através dos níveis de tomada de consciência, tomada de decisões, compromisso, intervenção, criação e transcendência, em termos de conteúdo e processo.

No que se refere à autonomia na aprendizagem de língua estrangeira, os trabalhos de Paiva e Braga (2008), Nicolaides e Fernandes (2008), Benson e Huang (2018), Gomes (2019), Lima e Vieira (2020) e Feriz Otaño et. Al. (2022) apresentam discussões teóricas relevantes. Nessa linha, o trabalho de Medina de Oliveira e Albino Miranda (2021) sobre a influência da autonomia nos processos de ensino-aprendizagem de japonês como língua estrangeira com os professores em formação inicial em letras aponta para o desenvolvimento da autonomia de forma colaborativa no planeamento, execução e avaliação das estratégias de ensino utilizadas para trabalhar a competência comunicativa. O trabalho de Feriz Otaño et. al. (2022) faz também uma proposta metodológica baseada no Modelo de Projetos (MDP) para promover ou desenvolver a autonomia dos estudantes de língua estrangeira. Além disso, eles apontam algumas implicações didáticas relacionadas com o papel ativo do aluno o qual está influenciado pelo ambiente de ensino.

O trabalho de Medina de Oliveira e Albino Miranda (2021) tem uma fundamentação teórica sobre autonomia, aprendiz autônomo e formação de professores

autônomos. Pelo seu lado, Franco (2021) também apresenta uma fundamentação sobre autonomia, no entanto, introduz a categoria teórica de “autonomia como sistema complexo” trazendo os trabalhos de Paiva (2006), Freire (2007), Larsen-Freeman (1997) e Franco (2013), o que contribui para uma compreensão mais ampla do conceito de autonomia.

Em termos de proposta didática, Mello et al. (2008) apresentam a pesquisa ação como estratégia didática para promover a autonomia do professor. Medina de Oliveira e Albino Miranda (2021) falam da criação de uma cultura da autonomia e fazem uma proposta metodológica-didática que favorece o seu desenvolvimento. O trabalho de Neres e Nicolaidis (2016) apresenta elementos da perspectiva sociocultural da autonomia proposta por Oxford (2003), quem no intuito de expandir o modelo de Benson propõe um novo modelo com focos, dentro do qual se encontra o foco sociocultural relacionado com a aprendizagem mediada. Do lado do aluno, Ferreira e Marques-Schäfer (2016) propõem a consultoria individual e o diário de aprendizagem como instrumentos efetivos para tomar consciência da autonomia no aluno e Franco (2021) apresenta um listado de recursos digitais que podem propiciar a autonomia de alunos e professores no contexto de ensino-aprendizagem de inglês. Assim, estes trabalhos se voltam para agentes educacionais em busca de uma maior autonomia, tanto para alunos quanto para professores.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa ação (Thiollent, 2011, p. 20) de cunho crítico-colaborativo (Pimenta, 2005, p. 535) dentro do paradigma socio-crítico (Rodríguez, p.30). De acordo com Sandín, (2010, p.173), a pesquisa ação se caracteriza por transitar através das etapas de: detecção do problema de pesquisa; formulação de um plano de ação; implementação do plano de ação e; um feedback que leva a um novo diagnóstico e a uma nova espiral de reflexão e ação. Além disso, é uma pesquisa qualitativa, porque lida com a questão da captação do significado subjetivo das questões a partir das perspectivas dos participantes (Flick, 2013, p. 23).

Esta pesquisa usa como instrumentos de coleta de dados: narrações autobiográficas e histórias de aprendizagem de línguas (Barcelos, 2020, p.24); entrevistas semiestruturadas consideradas como “um encontro com o objetivo de conversar e trocar informações entre o entrevistador e o entrevistado ou entrevistados, por meio da troca de

perguntas e respostas que permite a construção conjunta de significados em relação a um tema” (Hernández et al. 2014, p. 403); diários de campo considerados “cadernos onde são mantidos registros e feitas anotações sobre os eventos ou eventos relacionados à abordagem que incluem anotações de observações diretas, notas interpretativas e notas temáticas (Hernández et al. 2014, p. 403); e questionários, os quais são “uma lista pré-definida de perguntas e respostas” no intuito de indagar as pessoas sobre sua situação (Flick, 2013, p.110).

A amostragem é por conveniência, assim a amostra é “feita pelos participantes que o pesquisador tem maior acesso”, focada nos professores de formação inicial de inglês dos dois contextos: por um lado, no caso dos estudantes da Licenciatura em Espanhol e Línguas Estrangeiras da *Universidad Libre* (Colômbia), se trabalhará com os estudantes de sexto semestre do curso de *Academic Writing* ministrado no primeiro semestre de 2025 e, por outro lado, no caso dos estudantes da Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas e Língua Inglesa e suas Literaturas da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC (Brasil), se trabalhará com os estudantes do curso de “Abordagens metodológicas para o ensino de línguas estrangeiras”, que corresponde a uma disciplina teórica do oitavo semestre do horário matutino, ministrada em português pelo professor Rogério Soares de Oliveira no segundo semestre de 2025.

Para a análise dos dados, propõe-se a técnica de análise de conteúdo (Krippendorff, 1980; Amado, 2021) aplicada às pesquisas qualitativas (Guerra, 2006). Em todas as fases da pesquisa, a aplicação dos instrumentos e da proposta pedagógica que resulta na coleta de dados é pensada para permitir a análise comparativa deles entre os dois contextos, brasileiro e colombiano, através da construção de matrizes de análise contrastivas por categoria. Reagrupamento e comparação vertical e horizontal são consideradas dependendo da identificação da forma mais adequada segundo a informação coletada.

DISCUSSÃO

Dentro dos resultados esperados nesta pesquisa estão poder fazer uma caracterização das crenças sobre autonomia e a sua importância para os professores de formação inicial em inglês como língua estrangeira do Brasil e da Colômbia em termos de saberes, comportamentos e atitudes e identificar categorias de tipos de crenças sobre autonomia ou perfis de crenças sobre autonomia nos professores em formação inicial dos contextos brasileiro e colombiano.

Além disso, espera-se que os professores em formação inicial em inglês desenvolvam uma maior consciência sobre a sua própria autonomia, adotando uma concepção de autonomia própria e identificando elementos da autonomia relevantes que possam ser adquiridos e promovidos na própria prática docente no ensino da autonomia aplicada na produção escrita em inglês, e que os professores em formação inicial em inglês construam propostas didático/pedagógicas no ensino da produção escrita em inglês orientada para autonomia.

Finalmente, busca-se fortalecer a formação inicial de professores de inglês Brasil-Colômbia e contribuir ao desenvolvimento científico da Linguística Aplicada ao ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras no contexto latino-americano.

REFERÊNCIAS

AMADO, J., COSTA, A. P. e CRUSOÉ, N. A técnica de análise de conteúdo. In: AMADO, J. (Orgs.). **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 2ª. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021, p. 301-352.

BARCELOS, A. M. F. Compreendendo a pesquisa (de) narrativa. In: GOMES JUNIOR, R. C. (Org.). **Pesquisa Narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 17-37.

BENSON, P. e HUANG, J. Autonomia na transição da aprendizagem de língua estrangeira para o ensino de língua estrangeira. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 24:esp., p. 421-439, 2008.

CARVALHO, F. S. Autonomia e Motivação em narrativas de aprendizes de português como língua estrangeira. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, (cidade), v. 7, n. 1, p. 65-87, 2007.

FARTES, V. e SANTOS, A. P. Q. O. Saberes, identidades, autonomia na cultura docente da educação profissional e tecnológica. **Cadernos de Pesquisa**, (cidade), v. 41, n. 143, p. 376-401, 2011.

FERREIRA, M. e MARQUES-SCHÄFER, G. A consultoria individual e o diário de aprendizagem como instrumentos para o desenvolvimento de autonomia no contexto de ensino de alemão como língua estrangeira. **Pandaemonium Germanicum**, (cidade), v. 19, n. 28, p. 101-123, 2016.

FERIZ OTAÑO, L.; BALLADARES ATOCHE, C.; LÓPEZ LÓPEZ, J. E.; VITERI GUEVARA, X. O.; CAMPOVERDE LÓPEZ, J. S. Metodología basada en el método de proyecto para desarrollar autonomía en el aprendizaje del inglés. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, (cidade), v. 26, n. 284, p. 13-26, 2022.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FRANCO, C. Autonomia e o uso de recursos digitais no ensino-aprendizagem de inglês. **Fólio - Revista de Letras**, (cidade), [S. l.], v. 13, n. 1, 2021.

GOMES, A. S. Concepções de professores de espanhol como língua estrangeira acerca da autonomia na aprendizagem. **Caletroscópio**, (cidade), v. 7, n. esp 1, p.251-265, 2019.

GUERRA, I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso**. Parede: Princípios, 2006.

GUZMÁN BEJARANO, D. A. AUTO-FLE - Le Développement de l'Autonomie dans la Compétence Écrite en FLE basé sur les Typologies Textuelles / Un travail d'autorégulation chez l'apprenant. 2016. 126. Dissertação de Mestrado em Educação - Faculdade de Educação, Universidad Libre, Bogotá, 2016. Dissertação de Mestrado em Didática das Línguas e de Francês como Língua Estrangeira e Segunda – Faculdade de Artes, Letras e Línguas, Université de Poitiers, Poitiers, 2016.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, R., FERNÁNDEZ COLLADO, C. e BAPTISTA LUCIO, P. **Metodología de la Investigación**. 6a ed. D.F.: McGraw Hill Education, 2014.

KRIPPENDORFF, K. **An introduction to its Methodology**. 2a ed. California: Sage Publications, 1980.

LIMA, S. C. e VIEIRA, F. O papel do livro didático na promoção da autonomia na aprendizagem de inglês. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, (cidade), v. 20, n. 1, p. 217-244, 2020.

MEDINA DE OLIVEIRA, F. R., & ALBINO MIRANDA, S. A influência da autonomia nos processos de ensino e aprendizagem de língua estrangeira. **Revista X**, (cidade), v. 16, n. 4, p. 1143-1159, 2021.

MELLO, H., DUTRA, D. P. e JORGE, M. Pesquisa-ação como instrumento para a autonomia do professor. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, (cidade), v. 24, n. spe, p. 513–528, 2008.

MONTEIRO, M. A. A., MONTEIRO, I. C. C. e AZEVEDO, T. C. A. M. Visions of autonomy of the teacher and his influence in pedagogics practice. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 117–130, 2010.

NERES, F. P. T. J. e NICOLAIDES, C. S. Promovendo a autonomia sociocultural de professores de inglês em formação inicial no contexto PIBID/CAPES. **Signótica**, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 311-338, 2016.

NICOLAIDES, C. S. e FERNANDES, V. Autonomia do aprendiz à luz de Freire. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, (cidade), v. 24, n. spe, p. 493–511, 2008.

NICOLAIDES, C. e ARCHANJO, R. A reconstrução das identidades em movimento: um caso de empoderamento, agência e autonomia. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, (cidade), v. 58, n. 1, p. 96–117, 2019.

NUNAN, D. The connection between autonomy and communicative teaching. **JALT2003 AT SHIZUOKA Conference Proceedings**. Hong Kong: The English Centre University of Hong

Kong, 2003. Disponível em: <http://jalt-publications.org/archive/proceedings/2003/nunan.pdf>. Acesso em: 27, maio, 2024.

PAIVA, V. L. M. O. e BRAGA, J. C. F. A natureza complexa da autonomia. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, (cidade), v. 24, n. spe, p. 441–468, 2008.

PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521–539, 2005.

RAYA, M. J. A pedagogia de casos como estratégia catalizadora da mudança para a autonomia do aluno e do professor na formação inicial de professores do ensino secundário. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 63, p. 67-83, 2017.

RODRÍGUEZ, J. S. Paradigmas, enfoques y métodos en la investigación educativa. **Investigación Educativa**, Lima, v. 7, n. 12, p. 23-40, 2003.

SANDÍN E. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VASCONCELLOS, M. e VILELA, M. L. Limites e possibilidades da formação inicial para o desenvolvimento de práticas docentes autônomas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 63, p.157–172, 2017.

Palavras-chave: Formação de Professores. Autonomia. Produção Escrita. Inglês. Língua Estrangeira.

LÍNGUA COMO RESILIÊNCIA – PERSPECTIVAS, DESAFIOS E PROPOSTAS DE PROFESSORES DE REFUGIADOS SOBRE O ENSINO DE PLAc

Evellin Oliveira¹
Maria d’Ajuda Alomba (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

O fenômeno das deslocamentos forçadas tem ganhado notoriedade nos últimos tempos devido ao aumento substancial de indivíduos que tem sido obrigados a abandonarem a sua nação de origem na procura de asilo em outros países. Tal situação se torna cada vez frequente, quando novos conflitos vão surgindo, além do êxodo que já acontece há alguns anos, em países como Venezuela, Síria e Haiti, mais recente, grupos como Palestinos tem sofrido danos socialmente irreversíveis, na qual a fuga para outros países se torna uma necessidade de sobrevivência.

Estudos mais recentes enfatizam que as nações do Sul Global têm emergido como destinos para um grande número destes indivíduos, que, confrontados com circunstâncias sócio-históricas e, culturalmente desenraizadas, enfrentam uma situação de luta pela sobrevivência, sendo que, no o Brasil, a quantidade de solicitações para refúgio tem crescido ao longo dos últimos anos. (JARDIM, 2017).

Neste aspecto, compreendemos que o papel ensino de PLAc engloba vários vieses como integração, resiliência, aspectos emocionais, multilinguismo, translinguagem, diante de tantas demandas, nos interessa saber quais são as posições dos professores de PLAc que lidam diretamente com refugiados e com todas as questões que envolve a prática de ensinar PLAc? Como estes sujeitos compreendem língua e resiliência? Quais metodologias horizontais eles utilizam para equilibrar salas multilíngues?

Posto a grande quantidade de refugiados que tem chegado ao Brasil nos últimos anos, especialmente de países de fronteiras, como a Venezuela, além de Haitianos e árabes, entendemos que esses grupos, ao chegaram ao território brasileiro, possuem a necessidade de aprender a língua portuguesa para ter acesso ao saciamento de necessidades básicas, como fazer uma compra no supermercado, ir ao médico, conseguir emprego. É importante salientar que, a aprendizagem da língua portuguesa, pode estar além das necessidades básicas, como também, uma ferramenta para emancipação e produção do pensamento crítico (OLIVEIRA, 2022).

¹ evellinteacher@email.com – Doutoranda no Programa Letras Linguagens e Representações UESC.

² profajuda@email.com - Professora Doutora emérita da Universidade Estadual de Santa Cruz

Atrelado aos pontos acima destacados, entendemos que a maior parte de professores de português para refugiados, são voluntários que atuam em ONG's, igrejas, serviços comunitários em geral, essas pessoas, convivendo diariamente com refugiados, muitas vezes multilíngues, tem criado metodologias horizontais que são nascidas por meio das experiências com situações que acontecem na sala de aula, reinventam práticas metodológicas que venham contribuir com a resiliência desses sujeitos.

Diante disso, nossa problemática se baseia em entender quais metodologias horizontais tem sido criadas por professores de PLAc e, como esses sujeitos, que estão na linha de frente, veem a importância de seu trabalho na resiliência de refugiados que estão no Brasil.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Esta pesquisa busca escutar, por meio de 4 rodas de conversa, professores que atuam com o ensino de português como língua de acolhimento, a respeito de suas visões m sobre papel do ensino de PLAc na resiliência de seus alunos refugiados, além de compreender e aprender metodologias horizontais utilizadas por esses professores. Nosso público alvo são professores da Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de São Paulo e Universidade Federal do Piauí.

Desta forma, nosso objetivo geral é escutar professores de PLAc destas universidades de forma a compreender os desafios e propostas desses profissionais no que tange ao ensino de línguas para pessoas em situação de vulnerabilidade.

Objetivos específicos

Como objetivos específicos, buscamos:

- Saber como a formação inicial e/ou continuada desses professores os auxiliam no trabalho com refugiados;
- Averiguar como esses professores relacionam linguagem e resiliência;
- Entender quais os desafios comuns enfrentados por esses profissionais ao ensinar português a grupos de migrantes forçados;

- Compreender como esses professores tem lidado com o multilinguismo, multiculturalismo e como lidam com a translanguagem na sala de aula;
- Detectar metodologias horizontais utilizadas pelos sujeitos desta pesquisa.

JUSTIFICATIVA

Diante do aumento de refugiados chegando ao Brasil, a demanda por profissionais que ensinem português como língua de acolhimento em contexto de integração tem crescido. Muitos destes profissionais atuam como voluntários, podendo ou não ter uma formação na área de ensino de línguas (AMADO, 2013), também é observado que, sendo o PLAc considerada recente no Brasil, existe a necessidade de se investir na construção de formações continuadas e políticas linguísticas que atualizem profissionais sobre o ensino de línguas no contexto de refúgio. É importante considerar que, os sujeitos que tem atuado como docentes de PLAc, tem criado, em seus contextos, metodologias horizontais para equilibrar suas aulas diante de desafios como diferenças culturais, multilinguismo em sala, questões sócio-históricas, religiosas, além de traumas de guerras e crises nos países de origem de seus estudantes (OLIVEIRA, 2022).

Ao nos debruçarmos na escrita sobre a profissão de professor de línguas, Leffa (2001, p. 09), nos mostra que este sujeito é: “um profissional em formação contínua; precisa estar sempre se atualizando, não só para acompanhar um mundo em constante mudança, mas também para ser capaz de provocar mudanças”. Logo, entendendo as complexidades da profissão de professor e as demandas que a profissão traz, observamos que, em contexto de refúgio, esses profissionais tem papel crucial no acolhimento dos grupos que aqui chegam, não obstante a isto, é necessário que levemos em consideração os desafios que uma sala de aula de PLAc pode trazer, desafios estes acentuados por uma grande heterogeneidade e contexto multifacetado. Ainda levando em consideração o que foi apontado por Leffa (2001) sobre docência, nos indagamos a respeito daqueles que, não sendo professores por formação, tem atuado, de maneira altruísta, com o ensino de português para refugiados, também nos questionamos sobre professores por formação que não possuem nenhum curso de formação continuada que os auxiliem no ensino de PLAc, ou que, em sua grade curricular de estudos, não obtiveram instruções para tal, mas, continuamente, por meio da vivência, têm criado metodologias horizontais que permitem um ensino crítico-reflexivo a refugiados.

Diante do exposto, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de escutar professores que tem atuado com o ensino de PLAc, tendo em vista que, esta é uma demanda que está crescendo no Brasil e que estes sujeitos tem enfrentado desafios diários que estão para além dos vividos em salas de aula de escolas regulares, quando levamos em conta questões sócio-histórico e políticas,

diversidade linguística, cultural e religiosa, além de traumas de guerra. Nosso intuito é que estes profissionais tenham suas vozes amplificadas.

APORTE TEÓRICO

Henderson (2023)³, ao escrever sobre políticas públicas que se endereçam a professores de refugiados, declara que professores que trabalham em espaços afetados por crises, permanecem negligenciados nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), tendo em vista que o objetivo 4 se trata da educação inclusiva para todos, o que inclui professores. Logo, se professores não tem aparato político-pedagógico que o guie e auxilie para o ensino de PLAc para indivíduos em situação de refúgio, esses professores estão sendo negligenciados. O autor, acima citado, ao pesquisar professores de língua de acolhimento de países como Índia, Sri Lanka, Paquistão, dentre outros, reforça a importância de dar suporte a professores de língua de acolhimento, além de investir em seu recrutamento, treinamento e condições de trabalho, além de considerar suas vozes e representatividade em decisões de políticas públicas para promover melhor qualidade para esses professores e ao próprio refugiado.⁴

Richardson, MacEwen e Naylor (2018) ao escreverem o material *Teachers of refugees: a review of the literature*, apontam o papel crucial do professor de refugiado, elencando três principais papéis que esses sujeitos podem ter na vida de estudantes refugiados crianças, mas que, também podem se estender a jovens adultos, sendo eles

primeiro, professores proveem uma fonte de continuidade e normalidade para crianças, atendendo suas necessidades físicas, cognitivas e sociais. Segundo, o trabalho direto com as crianças e suas famílias é importante para restaurar o senso de estabilidade e confiança e, professores podem ajudar na recuperação e transição pós-conflito e emergências seguidas, e promover segurança, paz e segurança, tanto professores que atuam no país de origem,

³ 'Teachers in crisis-affected settings also remain a neglected factor in Sustainable Development Goal 4: quality and inclusive education for all. In other words, all must include teachers.' (HENDERSON, 2023, p.6)

⁴ 'We must redouble our efforts to support teachers and invest in the recruitment, retention, training, deployment, terms of employment, and working conditions of teachers in crisis and refugee-hosting contexts. Teacher voice and representation in decision- and policy-making processes can improve the professional status of all teachers. These views are reaffirmed and given new prominence by the United Nations HighLevel Panel on the Teaching Profession. The preliminary recommendations tasked governments worldwide with transforming the role, status, and future of the teaching profession'. (HENDERSON, 2023, p.6)

quanto os professores do país de acolhimento, onde esses refugiados permanecem indefinidamente.⁵ (RICHARDSON, MACEWEN E NAYLOR, 2018, p.29. Tradução nossa)

As pesquisas citadas acima, reforçam nossa colocação nesta justificativa, a respeito da importância do professor de língua de acolhimento no processo de aprendizagem do novo idioma, processo este que vai além das habilidades cognitivas, como nos vários contextos de ensino regular ou não, mas que encontra um atravessamento ainda maior, quando se pensa em pessoas que lecionam português para migrantes forçados em situação de pós-crise ou pós conflito, levando em conta que a aprendizagem da língua portuguesa ter forte impacto como prática de resiliência do aprendiz. Se torna importante pensar também em questões como a não regulamentação de ensino de PLAc no Brasil, falta de diretrizes que guiem essas práticas em nosso país, professores que tem formação em ensino de línguas, mas atuam como voluntários, ou voluntários sem formação que lecionam português a refugiados, currículos acadêmicos que não trabalham com metodologias de ensino de PLAc, dentre outros. Lopez (2020) corrobora com a afirmação, postulando ainda que há uma precarização quando se diz em professor de PLAc, destacamos sua fala

Outra dimensão dessa mesma precarização à qual nos referimos diz respeito a falta de reconhecimento da área de atuação profissional como uma área que exige expertise e estabilidade, já que, por mais que os profissionais que atuem nesse contexto sejam bons profissionais, ainda que não sejam formados em Letras ou na educação, trabalhar na dimensão do voluntariado proporciona uma atmosfera de informalidade –e isso pode explicar a alta rotatividade desses professores nos projetos que atuam. A grande rotatividade de professores de PLAc, a nosso ver, teria dois motivos principais: primeiramente por ser um trabalho voluntário, portanto, realizado fora dos horários de “trabalho real” desses profissionais e, em segundo lugar, por não ser um tipo de trabalho em que, ainda, se constrói uma carreira profissional, portanto, algo que não valeria a pena –no sentido prático, não no sentido

⁵ First, teachers provide a source of continuity and normality for children, attending to their physical, cognitive and social needs.⁷³ Second, their direct work with children and their families is critical in helping restore a sense of stability and confidence.⁷⁴ In addition, teachers can help support recovery and transition post-conflict and after emergencies, and can promote security, peace and human rights, both in their home countries upon return and in host countries, where they may stay indefinitely. (RICHARDSON, MACEWEN E NAYLOR, 2018, p.29)

de satisfação pessoal e contribuição para a sociedade – fazer. (LOPEZ, 2020, p. 12)

Assim, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de se escutar professores de PLAc e compreender suas perspectivas a respeito do papel de seu trabalho na construção da resiliência desses refugiados, além de aprendermos metodologias horizontais que são utilizadas por esses sujeitos no dia-a-dia a partir dos desafios que surgem ao longo de suas práticas. Além de compreender as demandas, desafios e possibilidades que são trazidas por essas pessoas que estão na linha de frente com refugiados no Brasil.

METODOLOGIA

Esta pesquisa pode ser considerada uma pesquisa narrativa, após fazermos sua inscrição na Plataforma Brasil, conduziremos 4 rodas de conversa com 4 professores que atuam com refugiados na Bahia, Piauí e São Paulo, para posterior análise das discussões. Conforme Clandinin e Conelly (2015), a pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência, neste aspecto, iremos nos aprofundar nas histórias que foram e são vividas e contadas pelos professores participantes desta pesquisa.

DISCUSSÃO

Esta pesquisa pretende visibilizar professores de Plac, compreender as perspectivas desses sujeitos sobre seu trabalho, como eles percebem a língua como fonte de resiliência, além de trazer à tona metodologias horizontais criadas por esses sujeitos no dia-a-dia que possam contribuir para que outros professores de PLAc também se inspirem em suas ações, além de incitar cursos de formações acadêmicas que deem suporte para professores de línguas no que tange a metodologias no ensino de PLAc.

REFERÊNCIAS

AMADO, R. S. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. Revista da Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira, Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira. Edition 7, Year 4, Number 2, 2013

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. 2. ed. rev. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

HENDERSON, C. J. (2023). Refugee teachers: The heart of the global refugee response. Policy Insights #02. NORRAG.

IBANEZ, R. teacher, it's nice to meet you, too an introduction. ANO

JARDIM, D.F. **Imigrantes Ou Refugiados? Tecnologias De Controle E As Fronteiras.** Jundiaí, Paco Editorial, 2017.

LEFFA, V.J. **O Professor de Línguas Construindo a profissão.** EDUCAT Editora da Universidade Católica de Pelotas Pelotas – 2001

LOPEZ, A. P. A.; DINIZ, L. R. A. . **Iniciativas jurídicas e acadêmicas brasileiras para o acolhimento de imigrantes deslocados forçados.** SOCIEDADE INTERNACIONAL DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA - SIPLE, v. 9, p. 16-28, 2018.

LOPEZ, Ana Paula de Araújo. **O professor de português como língua de acolhimento: entre o ativismo e a precarização.** Fólio - Revista de Letras, v. 12, p. 169-190, 2020.

MAHER, T.J.M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M.C.; BORTONI-RICARDO, S. (Orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação.** Campinas,SP: Mercado de Letras, 2007a, p. 67-94.

OLIVEIRA, Evellin Bianca Souza de. **Diásporas contemporâneas: as línguas(gens) na resistência de refugiados inseridos na Universidade Salvador.** Orientadora: Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro. Co-orientador : Gabriel Nascimento dos Santos.. – Ilhéus: UESC, 2022. 96f.: il. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz Programa de Pós-graduação em Letras, Linguagens e Representações.

Palavras-chave : Plac; Ensino de Línguas; Refugiados

PESSOAS SURDAS SINALIZANTES ADQUIRENTES DA SURDOCEGUEIRA REELABORAÇÕES LINGUAGEIRAS

Lucília Santos da França Lopes¹

Prof. Dr. Wolney Gomes Almeida – Orientador (UESC)²

Prof. Dr. Rodrigo Camargo Aragão- Co-orientador (UESC)³

Apresentação

Nossa proposta de investigação para o doutoramento se organiza a partir da observação de um fenômeno pouco conhecido socialmente, que é a aquisição da surdocegueira por pessoas surdas sinalizantes, e, a possibilidade de um reelaborar⁴ linguageiro⁵ diante de tal acontecimento.

É importante situar a surdocegueira em termos biopsicossociais a partir da revisão do conceito ocorrido ao longo do tempo, e estão presentes em trabalhos, que se debruçam sobre vários aspectos desta condição humana (Vilela, 2022. p. 68). Sendo assim, a tese de Almeida (2015, p. 29), explana a evolução da compreensão do termo surdocegueira a partir de diversos autores, sugerindo uma definição mais coerente com esta condição, a partir de:

Para McInnes e Theffry (1988), a pessoa surdocega não é um surdo que não pode ver, nem um cego que não pode ouvir. É uma pessoa singular, única, com características próprias [...] (Almeida, 2015, p. 29)

Além da conceituação sobre a surdocegueira, convém salientar que há classificações variadas para esta condição. Nosso trabalho terá como escopo teórico-conceitual a surdocegueira adquirida, bem como, este será o perfil de participantes, ou

¹ lsflop@uesc.br- Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL) da Universidade Estadual de Santa Cruz/ ano de ingresso 2023.

² wgalmeida@uesc.br. Orientador PPGL

³ rcaragao@uesc.br Co-Orientador PPGL

⁴ Utilizamos o reelaborar fazendo aproveitamento do derivado da palavra elaborar, que vem do latim *elaborare*, o qual indica criar, produzir. Tomamos como base a leitura de narrativas presentes em trabalho de tese sobre adquirentes da surdocegueira que destaca que o “desafio da surdocegueira adquirida exige uma acomodação da nova condição” (Vilela, 2022, p.70).

⁵ Assumimos o termo linguageiro, extraído dos trabalhos de Humberto Maturana (2002), pois compreendemos que as interações das pessoas surdas sinalizantes adquirentes da surdocegueira, passarão por transformações. Em consonância com essa hipótese nos apoiamos no dizer do autor em que, as interações na linguagem promovem “coordenações de ações consensuais”. Os pressupostos para o termo reelaborar e linguageiro serão discutidos na revisão teórica.

seja, pessoas adultas que não nasceram surdocegas. Selecionamos uma classificação interessante sobre a diversidade de condições que a surdocegueira se apresenta a partir da tese de doutorado de Vilela (2022, p. 74)

Reyes (2004) organiza conceitualmente as pessoas com surdocegueira em quatro grupos, sendo eles:

- Grupo 1: surdocegueira congênita no período pré-natal ou perinatais.
- Grupo 2: surdocegueira com deficiência auditiva congênita e que adquirem a deficiência visual.
- Grupo 3: surdocegueira com deficiência visual congênita e que adquirem a deficiência auditiva.
- Grupo 4: surdocegueira de pessoas que nasceram com os sentidos sensoriais preservados e adquiriram surdocegueira posteriormente.

Ao reconhecermos estas classificações notamos algumas pessoas surdas em suas trajetórias e as identificamos como adquirentes da surdocegueira, estas vivências se dão em partilhas, nas reuniões das associações de pessoas surdas, e em outros ambientes, por isso observamos inúmeras mudanças, que vão modulando comportamentos, que aos poucos também reverberam nas outras pessoas, tais como: solicitar ou mesmo mover o corpo das outras pessoas para proximidade de focos de luz (em ambientes noturnos), solicitar que as pessoas ao sinalizarem em Libras fiquem mais próximas dos rostos, solicitar que se posicionem de opostas para pontos de luz solar, pedir para serem guiadas, ou mesmo pedir para repetir uma informação em língua de sinais em campo aproximado, mais de uma vez.

Supomos que este fenômeno na vida de pessoas surdas sinalizantes imersas na cultura visual da Libras serão desafiadas a se reelaborarem social, emocional e de forma linguageira, conforme as questões que levantamos:

- i. Ao se perceberem com baixa acuidade visual, ou já com perda total da visão, como as pessoas surdas adquirentes da surdocegueira passam a se autodefinir nesta cultura?
- ii. Que emoções ocorrem com os adquirentes da surdocegueira na mudança da condição de recepção da mensagem?
- iii. Ao se tornarem adquirentes da surdocegueira, as formas de comunicação já identificadas na literatura desta área devem ser conhecidas pelos adquirentes da surdocegueira também por mediação formal?

- iv. O reelaborar linguageiro será um domínio de ação dos adquirentes da surdocegueira?

As questões levantadas possibilitam problematizar a condição dos adquirentes da surdocegueira em aspectos que tocam principalmente nosso interesse de pesquisa, que perpassa por questões imbricadas entre as emoções e a linguagem. Na produção da tese será possível, por meio da recolha e análise das vivências entre nossos participantes, a compreensão das questões, e como na Linguística Aplicada no Brasil, poderemos aprofundar os fenômenos apresentados.

OBJETIVOS

Geral

- Investigar como se dá a reelaboração linguageira, que ocorre com adquirentes da surdocegueira em estágios diferenciados.

Específicos

- Descrever as formas diversas de comunicação e modalidades linguísticas, já identificadas em trabalhos sobre a comunicação e linguagem em relação a surdocegueira.
- Discutir quais formas de languagear com os outros, que os adquirentes da surdocegueira estabelecem.
- Analisar as emoções descritas pelos adquirentes da surdocegueira, relacionando com as condições sociais que são disponibilizadas a este grupo.

JUSTIFICATIVA

Um estudo que pense as emoções envolvidas nas transformações que o corpo/linguagem, ações e sentimentos de adultos sinalizantes adquirentes da surdocegueira, indicará caminhos teóricos, metodológicos e sociais que perceba suas vidas na perspectiva humana linguageira, criativa, inventiva e cultural.

Pretendendo lançar um novo olhar, em especial, o meu enquanto pesquisadora-observadora, entrelaçada com a perspectiva teórica da Biologia do Conhecer de Humberto Maturana (1997; 1998; 2009) Maturana; Varela (2001), como um fundamento importante,

que sustenta uma análise teórico/conceitual das reelaborações languageiras de pessoas adquirentes da surdocegueira.

Assim, são as palavras somente aqueles gestos, sons, condutas ou posturas corporais que participam, como elementos consensuais, no fluir recursivo das coordenações consensuais de conduta que constituem a linguagem (Maturana, 2014, p.200).

Partindo de um entendimento sobre linguagem, que vai incluir as línguas, não como estrutura, ou como um dispositivo interno, mas como um dos elementos do conversar, e este conversar trazendo como sentido as “coordenações consensuais de conduta”, Maturana nos alarga um horizonte conceitual, que atinge nossa hipótese investigativa, em torno de um possível reelaborar languageiro de adquirentes da surdocegueira.

Nesse caminhar, a pesquisa possibilitará uma discussão aprofundada de aspectos que tangenciam a linguagem, as emoções, aspectos sociais, familiares e educacionais, embora nosso recorte pretende se dar nas possibilidades encontradas por pessoas, que, ao se tornarem surdocegas mobilizam novas possibilidades de existir, ser e languagear

APARATO TEÓRICO

A inquietação que promove o desenvolvimento desta pesquisa, se aprofunda, à medida que as reflexões sobre as diferenças que nos constitui como seres humanos se ampliam para aspectos socioantropológicos, filosóficos, culturais, psicológicos e linguísticos. Nosso interesse de pesquisa verticaliza nossas questões no campo da linguagem e das emoções, sustentada pela proposta da Linguística Aplicada em seu momento transgressivo (Pennycook, 2006, p.67).

Os aspectos apontados por Pennycook (2006), da interlocução entre a LA e muitas outras áreas do conhecimento, numa elaboração transgressiva reflete diversas possibilidades de questionar a própria área, quanto ao projeto epistemológico, e a forma de conduzir os estudos para produção de novos saberes. Citando Bell Hooks (1994:13), apresenta: “Transgredir, sugere Hooks, é opor, resistir e cruzar os limites opressores da dominação pela raça, gênero e classe”.

Sobre isso, os estudos sobre pessoas e corpos que carregam as marcas daquilo que identificamos na biologia, na área médica, e na educação, como deficiência, e os estudos em torno da atuação destes grupos na linguagem, não é algo recente para a LA. Assim

pretendemos analisar a condição languageira das pessoas surdas adquirentes da surdocegueira não apenas sob o viés dos aspectos comunicativos, antes, reivindicando na LA transgressiva, um espaço para a dissidência, para o reelaborar, pensando um novo prisma na diversidade humana e no languagear. Intencionamos ainda um debate dos constructos da LA transgressiva com as considerações da obra do psicólogo russo Lev Vygotsky (1989), ao supormos que esta experiência proporcione a pessoa uma reelaboração languageira, ou seja, novas possibilidades de compreender o outro que fala com ele (a), já que agora não vendo com a mesma acuidade, os sinais produzidos por seu interlocutor, seu corpo buscará encontrar formas diferenciadas de interação/compreensão do mundo com a ausência da visão, condição defendida por Vigotsky (1989, p. 70), como **Compensação**, uma condição dos organismos em se desenvolverem com novos potenciais a partir do que possuem e não do que falta (grifo nosso).

Assim, destacamos a recente defesa de tese de Dantas (2023), que discute as emoções dos corpos surdos, no mundo, nas relações de poder em espaços escolares, na percepção do olhar dos outros sobre o ser surdo, no acolhimento ou rejeição sofridos e sobretudo em como a Língua de Sinais, e o languagear das emoções possibilitam transformações, reflexões novas coordenações em relação a si.

A esse respeito, acentuamos que o entorno e as vivências dos adquirentes da surdocegueira, de acordo com o estudo desenvolvido por Vilela (2022, p.66), passa por uma transformação radical. A autora, discutindo as narrativas de pessoas adquirentes da surdocegueira, destaca: “Certamente, cada uma delas, passa por um período de acomodação dos sentidos sensoriais remanescentes e com o tempo de aquisição da surdocegueira se desenvolvem nas atribuições advindas do novo “ser”.

Neste curso, tomamos a teoria sistêmica da Biologia do Conhecer (BC) o conceito de acoplamento estrutural (Maturana, 2014, p. 183), recursivo. Conceito defendido a partir das interações, onde o outro, é alguém que sustenta e opera comigo na linguagem. Na concepção do languagear, a linguagem humana se manifesta nas línguas, na gestualidade corpórea, nas expressões faciais afetivas que imprimem figuras de linguagem, na compreensão não pelo viés gramatical, linguístico formal, comunicacional, fonocentrada, sem a percepção das emoções.

A BC nos sinaliza uma sustentação essencial sobre um reelaborar linguístico, dos aspectos que tangem as línguas de sinais, de modalidade gestovisual, para exploração de outros campos sensoriais, que não dependam da visão. De acordo com Aragão (2019),

“...a Biologia do Conhecer desenvolveu uma contundente reflexão sobre o fenômeno da linguagem e de sua relação com a cognição e com a emoção”.

Nossa proposta de pesquisa envolve uma trajetória empírica, como alguém envolta no universo das línguas de sinais, e na percepção de como estas línguas significam o mundo cultural, emocional e ideologicamente para seus usuários.

Além, de buscar compreender como seus corpos, sejam nas emoções, na motricidade e na produção cultural, se constituem na visualidade ou não na compreensão do mundo, nas formas de pensar, elaborar, e enunciar.

PERCURSO METODOLÓGICO

Alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, nos impele a um planejamento, cuja as etapas possibilitem à pesquisadora uma recolha de aspectos que encontre ressonância prática para análises e considerações a partir da hipótese levantada

Delineando as etapas que seguiremos na busca pelos participantes colaboradores da pesquisa, de acordo com perfil estabelecido, além disso é essencial estabelecer um cronograma de atividades pré acordadas entre os participantes e a pesquisadora (captação dos doc-vivências, conversas, fotografias, e experimentos linguageiros);

A caracterização da investigação é de cunho qualitativo, numa perspectiva etnográfica, não sendo pretendido mensurar ou quantificar processos humanos, linguageiros, de aprendizagens e vivências.

Optamos pela pesquisa etnográfica porque se mostra uma proposta metodológica condizente com o fenômeno que pretendemos investigar, o qual se apresenta para nós como um desafiante momento, na vida daqueles que experienciam a aquisição da surdocegueira na idade adulta. Cada um, com suas interpretações e emoções, perspectivando, ou não, uma nova cultura e uma aculturação a uma nova forma de ser/estar no mundo. A pesquisa etnográfica de acordo com Paiva (2019, p. 88), com base em [...] Dörnyei (2007) se define como: “a etnografia é uma pesquisa de natureza emergente porque o etnógrafo entra em uma nova cultura e a pesquisa evoluirá contextualmente e ‘emergirá’ *in situ* somente depois de se fazer algum trabalho de campo” (p. 131).

Para tanto a pesquisa pretende contar com o número de dois (2) participantes, tendo em vista que o público de pessoas surdas adquirentes da surdocegueira, ser menor, em relação a outras situações de deficiências.

Para que possamos mapear em nosso entorno os possíveis colaboradores, buscaremos em nossas vivências com as associações de pessoas surdas as informações sobre membros participantes da comunidade que vivenciam a experiência da perda visual, na vida adulta, sendo a principal instituição de encontro entre nós e os colaboradores da pesquisa.

Estes por sua vez, serão convidados formalmente, de forma presencial, com encontro marcado previamente, seguindo os seguintes critérios de inclusão para participação: a) ser uma pessoa surda adulta, acima de 18 anos, usuária da Libras; b) estar vinculado a alguma instituição, na qual o uso da Libras para mediação de tradução seja utilizado, a exemplo de: i) ter sido em algum momento atendido pela central de interpretação e tradução (CILITA), única na região, instalada no município de Itabuna-Bahia ; ii) ou estar matriculado em alguma escola; iii) ou ser membro de algum grupo religioso; iv) ou ser membro de alguma associação de pessoas surdas. E, como critério de exclusão temos: a) não ser adulto surdo usuário da Libras; b) solicitar desvincular-se da pesquisa como colaborador; c) não estar vinculado a algumas das instituições citadas, que façam uso da Libras nas interações.

A proposta é que ao identificarmos os dois participantes, adquirentes da surdocegueira, como pretendidos colaboradores da pesquisa, e os mesmos concordando em participar, possamos estabelecer convívio de seis (6) meses , para organização da sequência de atividades que oportunizarão interações para a recolha de documentos que fundamente os aspectos sugeridos em nossa hipótese de pesquisa.

Esse percurso metodológico se dará de forma sistemática de acordo com os procedimentos de pesquisa etnográfica descritas por Paiva (2019, p.82), que se identifica com quatro fases: i) minha entrada como pesquisadora no contexto das instituições e rotinas das pessoas adquirentes da surdocegueira; ii) o desenvolvimento da observação participante, na qual mapearemos os possíveis colaboradores da pesquisa; iii. O estabelecimento dos ‘acertos’ para o tempo da captação dos doc-vivências, conversas, fotografias, e experimentos linguageiros e por fim iv. meu tempo de maturação e análise das situações linguageiras identificadas

Como procedimento formal das pesquisas com seres humanos, após contatos iniciais que deverão ser feitos de forma presencial, procederemos com uma apresentação tanto minha, como das intenções de pesquisa, dos objetivos que desejamos alcançar, e os passos da pesquisa. Em havendo concordância dos pretensos participantes e anuência das associações que estejam vinculados, haverá a explicação e solicitação de que assinem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Os procedimentos posteriores se darão desta forma: Conversas informais intencionais; jogo das emoções; doc-vivências; fotos vivências táteis descritivas.

Para análise da recolha de peças do trabalho etnográfico utilizaremos o método de triangulação, nos ateremos a interpretação dos relatos e respostas das entrevistas pela perspectiva da análise de conteúdo (Bardin, 2016). O detalhamento dos protocolos para cada instrumentos que pretendemos utilizar, consta nos anexos do projeto que desenvolvemos.

DISCUSSÃO

Esperamos que o mapeamento, identificação e caracterização das reelaborações linguageiras dos colaboradores participantes, possibilitem a programas educacionais e sociais, direcionamentos seguros no trabalho para formação em Orientação e Mobilidade, para professores/instrutores. Possibilite às pessoas adquirentes da surdocegueira, acesso a programas adequados à suas condições, lhes oportunizando continuarem autônomas em sua mobilidade social.

Além disso, socialize novos saberes diante de todas as formas de comunicação já identificadas na literatura da área, recebendo mais elementos, reconhecendo as pessoas adquirentes da surdocegueira em suas reelaborações do campo visual (da Libras), para outros campos de interação em Libras, ou não.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wolney Gomes. Guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira. **Tese de doutorado, UFBA, 2015.** 187f.
- ARAGÃO, R. C. Linguajar e emocionar os tempos de crise na formação de professores de línguas. In: SILVA, W. M.; SILVA, W. R.; CAMPOS, D. M. (Org.). **Desafios da formação de professores na linguística aplicada.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Pedagogia Visual na Educação dos Surdos-Mudos. Tese de doutorado*. UFSC. Florianópolis, 2008. 169p.

LUPETINA, Rafaella. de Menezes. (2019). *Rompendo o silêncio: história de vida de indivíduos com surdocegueira adquirida. [Tese de Doutorado não publicada]*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. 2019. 173f.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz (orgs.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. 1ª ed. atualizada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar (org.). **Linguística Aplicada**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística aplicada e a vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-107.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos** (Educação linguística Livro 14) (Portuguese Edition) (p. 88). Edição do Kindle.

SKLIAR, Carlos (org). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. In: O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

VILELA, Elaine Gomes. A comunicação social háptica e suas vias de construção: narrativas e experiências de guias-intérpretes e pessoas com surdocegueira em processos formativos / Elaine Gomes Vilela. 2022. 231 p. **Tese (Doutorado em Educação) -- Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.**

VIGOTSKI, L. S. Obras Completas – Tomo Cinco: **Fundamentos de Defectologia**. / Tradução do Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE). — Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2022. 488 p.

Palavras-chave: Linguajar. Linguística aplicada. Libras. Surdocegos

CONSTRUÇÕES CORPORIFICADAS EM USO NA REDE SOCIAL X: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Marineide Ribeiro da Silva¹
Gessilene Silveira Kanthack (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

As redes sociais, por suas características de comunicabilidade e sociabilidade, têm sido palco para inúmeras interações e diálogos, e, assim como a tecnologia, estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Em razão do intenso processo interativo que se estabelece nas redes sociais, elas apresentam-se como um espaço linguístico plural, que abriga variados usos dos falantes, os quais transitam entre a formalidade e a informalidade. Esse campo vivo de experimentações e novos usos de linguagem possibilita a re(criação) constante do sistema de uma língua, colocando em evidência a capacidade de os falantes/usuários alterarem regras que envolvem formas e funções linguísticas.

Um exemplo disso, notado nas interações que acontecem em âmbito digital, particularmente na rede social X, é o uso rotineiro de construções corporificadas, isto é, construções em que partes do corpo são acionadas para expressão de inúmeros sentidos. Eis alguns exemplos: “Fulano é meu **braço** direito”, “ah, eu tenho **coração** mole”, “que discurso sem **pé** nem **cabeça**”, “estou com um frio na **barriga**”, “não abro **mão** de um bom livro”, “a emoção não cabe no **peito**”, dentre tantos outros. São usos que evidenciam a corporeidade na gramática de uma língua, demonstrando a relação entre cognição, corpo e linguagem.

De acordo com Lakoff e Jonhson (2002[1980]), é em meio às interações sociais e às experiências perceptuais e sensoriais com/no mundo que o falante constrói e reconstrói a linguagem. Nesse processo, são comuns as ampliações de sentidos das palavras e das estruturas que usamos. Dentre elas, estão as que se materializam por meio de metáforas e metonímias, sendo as construções corporificadas um exemplo disso. No caso, as partes do corpo acionadas assumem valores que extrapolam sentidos concretos/originais/dicionarizados.

¹neideribema@gmail.com

²gskanthack@yahoo.com.br

Partindo do pressuposto de que as construções corporificadas se constituem um pareamento de forma e função, nos termos de Croft (2001), questionamos: como se configuram, em termos formais e funcionais, as construções corporificadas em uso na rede social X? O que atesta a frequência de uso dessas construções?

Como hipóteses, postulamos: em termos formais, os itens lexicais que caracterizam partes do corpo devem (i) constituir unidades com categorias gramaticais diversas, e, nessa constituição, (ii) apresentar comportamentos morfossintáticos diversos; em termos funcionais, as construções apresentarão (i) extensão variada de sentidos, e seus usos estarão (ii) associados a diferentes contextos discursivos. Quanto à frequência de uso, deve atestar mudança construcional ou construcionalização, nos termos de Traugott e Trousdale (2021[2013]).

Com a análise de propriedades formais e funcionais, esperamos empreender uma descrição sistemática da organização e do funcionamento de construções corporificadas em uso na rede social X.

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Investigar as configurações formais e funcionais das construções corporificadas, atestando a frequência de uso na rede social X.

Objetivos específicos

- Coletar usos de construções corporificadas;
- Identificar os padrões construcionais a partir de propriedades formais (morfológicas e sintáticas);
- Analisar propriedades funcionais (semânticas e pragmático-discursivas) que caracterizam o entorno das construções;
- Atestar a frequência de uso das construções;
- Certificar se as construções evidenciam mudança construcional ou construcionalização.

JUSTIFICATIVAS

Motivadas a compreender o funcionamento de construções corporificadas, propomos a nossa pesquisa com o intuito de ampliar/aprofundar o que se sabe sobre esse tipo de construção no português brasileiro contemporâneo, como também difundir a abordagem construcional na academia, sinalizando sua importância para a explicação de usos que evidenciam padrões que se rotinizam no e pelo uso da língua.

Sobre o objeto, construções corporificadas, embora tenhamos levantado alguns trabalhos acadêmicos que já as abordaram (Santos, 2017; Freitag *et al.*, 2021; Machado Vieira; Aguiar, 2022), percebemos que seu estudo, em uma perspectiva que leve em conta diferentes níveis linguísticos, se mostra ainda incipiente, com lacunas e questões diversas que merecem ser investigadas. Assim, justificamos como relevante a nossa investigação, pois, com ela, pretendemos descrever propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmático-discursivas que envolvem o uso corporificado da linguagem.

Entendemos que a proposição ora apresentada poderá contribuir para a compreensão dos usos e funcionalidades das construções corporificadas e ampliar as pesquisas de cunho descritivo que levam em conta *corpora* que evidenciam a natureza dinâmica do português brasileiro contemporâneo. Desse modo, justificamos a escolha de nossa fonte de pesquisa, a rede social X, uma plataforma de interação virtual que possibilita a veiculação/troca de inúmeros tipos de mensagens. Muito difundida, essa rede, anteriormente chamada de *Twitter*, é conhecida por ser uma das mais antigas redes sociais ainda vigentes. Mesmo após a recente mudança de nome, manteve um grande número de usuários no Brasil, cujas postagens (escritas ou não) podem ser vistas como recursos de interação e engajamento virtual.

Como as construções corporificadas evidenciam aquilo que conhecemos como linguagem figurada, especialmente metáfora e metonímia, abordadas no contexto escolar de modo muito tangencial, empreender uma investigação sobre tal objeto poderá desmistificar a ideia de que metáfora e metonímia sejam recursos apenas do domínio literário. Na perspectiva teórica que adotamos, a língua é compreendida como dinâmica, e as construções, pareamentos de forma e sentido, se fazem presentes em qualquer domínio discursivo, seja ele literário ou não. Estudar as construções corporificadas possibilitará, então, uma compreensão mais ampla daquilo que conhecemos e ensinamos como metáfora e metonímia.

Por fim, destacamos que essa compreensão pode contribuir sobremaneira para nossa prática docente, auxiliando, no âmbito da educação básica, no ensino de linguagens, a desmistificar concepções equivocadas quanto à metáfora e à metonímia, bem como compreender, a partir de uma perspectiva construcional, os usos das construções corporificadas.

APARATO TEÓRICO

Para dar conta de nosso objeto, construções corporificadas, recorreremos aos pressupostos da Gramática de Construções (conforme Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2021[2013]; entre outros), um modelo que entende a língua como uma rede que envolve construções interconectadas, em diferentes planos e com relações diversas. No dizer de Goldberg (2006), a ideia de rede indica a totalidade do conhecimento que o falante tem de uma língua. Com essa metáfora da rede, explica-se a capacidade cognitiva de o falante categorizar e estabelecer relações, manter ou inovar padrões que a língua disponibiliza.

Conforme a teoria, “a estrutura linguística não é inata e que deriva de processos cognitivos gerais. Esses processos são ações em que falantes e ouvintes se engajam incluindo produção e percepção *on-line*” (Traugott; Trousdale, 2021[2013], p. 28). A partir deles, desenvolvem-se, no campo da linguagem, e de modo interrelacional, processos cognitivos mais específicos, tais como iconicidade, categorização, encadeamento, analogia, projeções metafóricas e metonímicas. Além de se fundamentar nesses processos cognitivos, a linguagem também está associada a fatores socio-interacionais e culturais.

De acordo com essa perspectiva, estudar a gramática de uma língua requer uma visão holística de seu funcionamento: “nenhum nível da gramática é autônomo ou ‘nuclear’. Ao contrário, em uma construção, semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática funcionam juntas” (Traugott; Trousdale, 2021[2013], p. 28). Essa perspectiva rejeita a noção de uma distinção rígida entre léxico e sintaxe e, portanto, admite a existência de construções de qualquer complexidade que podem conter material léxico especificado bem como unidades sintáticas variadas, assumindo formas e funções diferentes (Bybee, 2016).

Para explicar o que seja uma construção, a teoria mobiliza a ideia de pareamento (Croft, 2001), entendendo que forma e função são indissociáveis, devendo, em qualquer análise linguística, ser consideradas. Segundo Traugott e Trousdale (2021[2013]), as

construções são unidades simbólicas convencionais. São unidades idiossincráticas (Goldberg, 1995) tão frequentes (Goldberg, 2006) que o signo está fixado na mente dos usuários da língua; são simbólicas porque são resultantes de associações arbitrárias de forma e sentido; e convencionais porque são compartilhadas por uma determinada comunidade linguística.

Para explicar as construções, três noções são essenciais: esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013]), essas noções explicam as propriedades de uma construção, podendo elas serem gradientes, significando dizer que as construções podem ser mais ou menos esquemáticas, mais ou menos composicionais, mais ou menos produtivas.

A propósito, esquematicidade corresponde à especificidade ou não de uma construção, isto é, o quanto ela pode ser identificada como abstrata, geral ou especificada. Para explicar isso, Traugott e Trousdale 2021[2013] propõem os seguintes termos: esquema, subesquema, microconstrução e construto. O esquema faz parte do nível mais elevado da rede, corresponde a representações abstratas que projetam *slots*, isto é, espaços vazios com várias possibilidades de preenchimento; o subesquema representa subfamílias do esquema maior, apresentando ou não similaridades; a microconstrução se refere a construções específicas contextualizadas dentro de uma língua; por fim, o construto, as construções empiricamente atestadas em usos efetivos.

Já a composicionalidade, segundo Traugott e Trousdale (2021[2013] p 53), “diz respeito ao grau em que o elo entre forma e significado é transparente. Ela é geralmente pensada em termos tanto de semântica (o significado das partes e do todo) quanto das propriedades combinatórias do componente sintático”. Ou seja, a composicionalidade está ligada diretamente ao nível de transparência dos elementos da construção, é gradiente, pois as formas mostram que os sentidos são amplos e fluidos.

Por fim, sobre a produtividade, Traugott e Trousdale (2021[2013]) afirmam que essa propriedade é uma instância gradiente, a qual se relaciona com a extensibilidade de uma construção. Dessa forma, a gradiência possibilita sancionar ou não outras construções menos esquemáticas, sendo considerada mais produtiva a construção que possibilita extensões e variabilidades de sentidos. Por esse viés, a produtividade sintetiza a capacidade/propriedade de uma construção recrutar uma ampla gama de itens lexicais.

Com esses pressupostos básicos aqui apresentados, justificamos que a abordagem da Gramática de Construções é um importante aparato que nos auxilia na explicação das construções corporificadas, entendidas, por nós, como construções emergentes que se

apresentam a partir dos usos linguísticos agenciados em contextos de interação social. A descrição e a explicação de como essas construções se configuram em termos formais e funcionais podem nos fornecer subsídios mais consistentes para o ensino de construções que, normalmente, no ensino de língua portuguesa, são tratadas, tangencialmente, como metáforas ou metonímias.

METODOLOGIA

Para a investigação, adotaremos uma abordagem metodológica qualitativa e quantitativa, aproximando-se do que Cunha Lacerda (2016) denomina como método misto de análise. Por meio da análise qualitativa, amparada pelos pressupostos teóricos adotados, identificaremos os padrões construcionais considerando propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmático-discursivas. No que concerne à análise quantitativa, ela será feita por meio do levantamento dos padrões instanciados no intuito de atestar a frequência de uso e a rotinização/convencionalização das construções.

Como *corpus*, coletaremos postagens de perfis públicos, na rede social X, durante o segundo semestre do ano de 2024. Para tanto, desenvolveremos a pesquisa em moldes sincrônicos, com uma coleta de dados em fase única, a ser realizada, de modo mais específico, no decorrer do mês de set./2024. Utilizaremos o recurso de busca avançada na rede social X, por meio da qual coletaremos as construções corporificadas, especificamente aquelas formadas por membros superiores (mãos e braços) membros inferiores (pés e pernas) e cabeça.

Ao nos referirmos às partes do corpo humano, apoiamo-nos em estudos de anatomia, que “é a ciência que estuda, macro e microscopicamente, a constituição e o desenvolvimento do corpo humano” (Nascimento Jr., 2020, p. 11). Nessa perspectiva científica, o corpo humano divide-se em cabeça, pescoço, tronco e membros, acompanhando o entendimento da anatomia de superfície, que é a “parte da anatomia que se limita à identificação de estruturas na superfície do corpo sem a necessidade de dissecação” (Nascimento Jr., 2020, p. 11).

Importa elucidar que a cabeça pode ser dividida em face e crânio, comportando, a partir daí, outras subdivisões (Nascimento Jr., 2020). Entretanto, trabalharemos com o sentido de superfície, acompanhando o entendimento global de cabeça, sem as suas subdivisões. Por sua vez, no que concerne aos membros inferiores, possuem uma estrutura direita e uma esquerda, ambas divididas em quadril, coxa, perna e pé (Nascimento Jr., 2020). Todavia, nos concentraremos nos usos linguísticos que se

refiram apenas às pernas e aos pés. No que concerne aos membros superiores, também comportam duas estruturas (direita e esquerda), divididas em ombro, braço, antebraço e mão (Nascimento Jr., 2020). Contudo, no tocante a essa parte, selecionaremos apenas as construções linguísticas referentes ao braço e à mão como representativos dos membros superiores/corpo humano.

Ao final, com a descrição e análise promovidas, procuraremos apresentar alguns direcionamentos e reflexões que viabilizem o tratamento do objeto investigado no contexto de ensino de língua portuguesa.

DISCUSSÃO

Com nosso estudo, esperamos identificar propriedades formais e funcionais que caracterizam o comportamento das construções corporificadas usadas na rede social X. Ensejamos evidenciar ainda as contribuições dessa discussão na constituição de uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa, sobre as construções corporificadas na educação básica, que tenha por base a reflexão e os estudos dos usos efetivos da língua. Para além da tese, buscaremos publicizar nosso estudo em artigos (previsão inicial de dois artigos em revistas com Qualis A1 e A2) e comunicações em eventos da área da Linguística (ABRALIN, GELNE, entre outros), bem como uma publicação no formato de capítulo de livro.

REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistic*. Cambridge: CUP, 2004.

CROFT, W. Radical *Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, [S. l.], v. esp., p. 83-101, dez./2016.

FREITAG, Raquel Meister; CRUZ, Regina Célia Fernandes; NASCIMENTO, Tiago da Cunha. **A gramática no corpo: sobre recursos corporificados na construção e negociação de significados**. *Cadernos de Linguística*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. e354, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id354.

GOLDBERG, A. *Constructions at Work: the nature of generalization in language*. Oxford University Press, Oxford 2006

GOLDBERG, A. ***Constructions: A construction grammar approach to argument structure***. Chicago: Chicago University Press, 1995.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana** [coord. de tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas: Mercado das Letras, 2002 [1980].

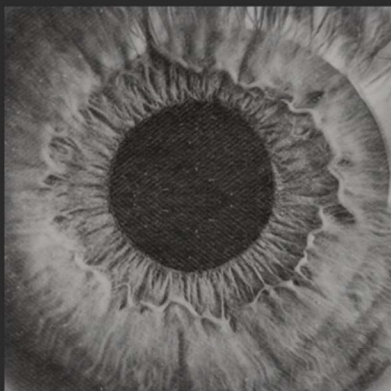
MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; AGUIAR, Millena Machado de. Construções com Verbo Suporte para Expressão de Emoções: Abrir-se, o Corpo em Cena e Ensina. *In: Variação e Ensino de Português no Mundo*. São Paulo: Blucher, 2022. p. 87-122. DOI: 10.5151/9786555501315-05.

NASCIMENTO JÚNIOR, Braz José do. **Anatomia humana: sistemática básica**. Ilustrações de Orlando Matos de Almeida Neto (Myl Hause). Petrolina, PE: UNIVASF, 2020.

SANTOS, Ricardo Yamachita. Metáfora e cognição: Relevâncias para o ensino baseado em uma gramática de construções corporificadas. **Revista A Palavrada**, [S. l.], n. 11, v. 2, p. 372-384, p. 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Ricardo-Yamashita-Santos-2/publication/344635679.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Rio de Janeiro: Vozes, 2021 [2013].

Palavras-chave: Construções corporificadas. Rede social X. Gramática de construções.



**Estudo de práticas discursivas e
linguagens, especialmente
literária e audiovisual,
destacando a diversidade e/ou
dissidências de sexos,
orientações sexuais e
identidades de gênero, assim
como políticas do corpo que
transpassam o processo de
assujeitamento (ou as formas
de subjetivação
contemporâneas) e as práticas
de dominação/resistência.**

**LINGUAGEM E
ESTUDOS DE GÊNERO**



A NECA DE AMARA MOIRA COMO TECNOLOGIA DE SUBJETIVAÇÃO TRANSCESTRAL PUTA-TRAVESTI

Ádrian Ferreira Barboza¹

Marcus Antônio Assis Lima²

André Luis Mitidieri Pereira³

APRESENTAÇÃO

O Brasil, desde a vista dada pelo colonizador, atribuindo a Pedro Álvares Cabral a descoberta do país, passou diversas transformações de cunho social, político, econômico, ideológico, dentre outros. Talvez, o período de 1964 a 1985 – época na qual ocorreu a ditadura cis-hétero-militar (Afonso-Rocha; Mitidieri, 2018) – além da colonização pelos portugueses em 1500, tenham sido os momentos mais tristes da história brasileira, reverberando quais corpos podem ser dignos e quais devem estar à margem, ou melhor, extintos da sociedade. Mais tarde, conheceremos essa discussão epistemológica como Necropolítica⁴.

Lopes (2016) cita que a década de 1960 foi o momento em que as travestis começaram a ocupar as ruas, ao mesmo tempo que sofriam forte repressão da ditadura, funcionando como uma política de higienização desses corpos. Como as travestis não recebiam oportunidades pelo mercado de trabalho formal, encontravam a prostituição como única forma de sobrevivência, e isso, infelizmente, acontece até hoje, visto que, de acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)⁵, 90% das travestis e transexuais têm a prostituição como única fonte de renda.

Uma das interessantes tecnologias construídas pelas travestis na ditadura perpassa pela linguagem. Assim, o pajubá – movimento linguístico criado pela comunidade travesti a partir das influências dos terreiros de candomblé, foi utilizado como forma de comunicação segura e

¹ E-mail: adrianhenrique1920@gmail.com. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

² E-mail: malima@uesb.edu.br. Professor titular do Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL/UESB) e do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC).

³ E-mail: almpereira@uesc.br. Professor titular do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), e do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC).

⁴ A Necropolítica é um pensamento cunhado pelo teórico Achille Mbembe (2018) que relaciona as instituições sociais como mecanismos que criam “mundos da morte” para determinados corpos, impondo, assim, formas únicas de existências a estes para serem considerados “vivíveis”.

⁵ BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasília, DF: Distrito Drag; Antra 2023

subversão à norma culta do Português brasileiro; o que também demonstra um movimento identitário e de resistência, tecendo disputas ao mesmo tempo em que desterritorializa espaços.

Originado da influência de grupos étnicos-linguísticos Fon, Bantus e Iorubá ⁶à língua portuguesa, o pajubá aparece como corpus de pesquisa em algumas áreas das ciências humanas, sites e vídeos como “dialeto”, “linguagem” ou “gírias”, reafirmando a (r)existência às pessoas invisibilizadas pela estrutura cisheteronormativa. Todavia, essa linguagem transgressora, pensada como movimento e marcador identitário LGBTQIAP+ presente na literatura, pode também ser pensada enquanto uma literatura menor (no sentido Kafkiano), ao representar as vivências de corpos marginalizados dentro de um sistema maior pautado pela cisheteronorma.

Para isso, mobilizaremos estudos de Deleuze e Guattari (2023) acerca da literatura menor, enquanto possibilidade que tensiona o sistema maior (neste caso, o cânone literário), analisando as estratégias discursivas presentes em *Neca* (2021), monólogo em pajubá, da professora e ativista Amara Moira, a fim de que possa ser pensado enquanto literatura menor; e também da obra argentina *Chuva dourada sobre mim* (2024), de Nath Menstrual⁷, traduzido pela escritora. Além disso, os estudos de Preciado (2018) serão pertinentes para cogitar este monólogo enquanto tecnologia de subjetivação. Como aparato teórico-metodológico, utilizaremos as atribuições da Análise de Discurso Semiolinguística, proposta por Patrick Charaudeau.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar o monólogo *Neca* (2021), de Amara Moira e *Chuva dourada sobre mim* (2024), de Nath Menstrual, a partir dos pressupostos de Deleuze e Guattari (2023) acerca de literatura menor e de Paul Preciado (2018) enquanto tecnologia de subjetivação.

Objetivos específicos

- (i) Historicizar a criação da língua Pajubá pela comunidade travesti;

⁶ Grupos etno-linguísticos africanos.

⁷ Lançado, em 2024, pela Diadorim Editora, *Chuva dourada sobre mim* é uma obra escrita por Nath Menstrual, que narra, a partir de contos, as peripécias de uma Buenos Aires fervorosa (em todos os sentidos). A tradução ao português, feita por Amara Moira, soma-se a esta puta-escrita singular, já que a escritora usa e abusa do bom e velho pajubá.

(ii) Refletir sobre as contribuições de *Neca* (2021), de Amara Moira, e da tradução de *Chuva dourada sobre mim* (2024), de Nath Menstrual, feita pela escritora, na literatura brasileira, ao pensá-las como literatura menor, a partir da sua língua afiada pajubeyra;

(iii) (Re)conhecer o Pajubá enquanto tecnologia de subjetivação transcestral puta-travesti;

(iv) Compreender a rua enquanto espaço de construção de putas-epistemologias-saberes⁸ dissidentes e transgressoras.

JUSTIFICATIVA

A língua(gem), em suas múltiplas representações, faz parte da construção de todos os povos deste mundo, caracterizando não só determinada comunidade, como também legitimando poder a determinados grupos historicamente privilegiados sob a égide da colonialidade. Especificamente no Brasil, a língua do homem branco, colonizador, cisgênero, heterossexual, cristão e sem deficiência assume um papel importante: o de homogeneizar as culturas, com a tentativa de torná-las únicas. Afinal, como seria a nossa língua se não falássemos a língua do colonizador? Logo, a linguagem importa? (BORBA, 2014).

O cânone literário, enrijecido sobre um viés masculinista, branco e cisheteronormativo começa a ganhar fissuras advindas de movimentos, como a crítica feminista, por exemplo, de narrativas (como a de Amara e outras) de pessoas que não se sentiam/sentem representadas pelas obras que fazem parte de tal projeto. Por isso, “seria válida, hoje, em face da pluralidade cultural em que vivemos, a permanência do cânone com seu poder regulador e excludente?” (Xavier, 1999, p. 15).

Além de questões ligadas ao cânone literário e sua (des)construção, a língua está inclusa neste movimento, onde, a princípio, é vista como um dos marcadores culturais das sociedades. A partir dos meus estudos em relação à prostituição, em um viés putafeminista, pude construir redes de afetos, ao trocar experiências e desafios de quem procura desviar-se do CISTema⁹. Nesse ínterim, surgiu a necessidade de conhecer um pouco mais o bajubá¹⁰ à literatura brasileira, a fim de compreendê-lo não enquanto dialeto, mas uma tecnologia transcestral de manutenção de vidas que são precarizadas. Por isso, o mote para esse estudo parte do monólogo *Neca* (2021), de Amara

⁸ Refiro-me às putas-epistemologias, como a rua, por exemplo, onde há construção de saberes das putas que não são legitimados pela Academia, ou até mesmo, pelo movimento feminista.

⁹ Aqui, grafamos o prefixo (cis) remetendo à cisheteronormatividade como estrutura que marginaliza corpos que estão à margem do sistema sexo-gênero.

¹⁰ Também pode ser referenciada como bajubá.

Moira, que consideramos o primeiro texto literário totalmente escrito em Pajubá, a quem pude conhecê-la por outra puta-escrita: *E se eu fosse puR(T)a* (2018).

APARATO TEÓRICO

Mona, amapoa, aqué, aquendar, picumã, neca, odara, ofofi, edi, alibã... são termos variados dentro de um repertório de palavras feito da e para a comunidade LGBTQIAP+ a partir da presença desses grupos em terreiros de candomblé. Esta tecnologia – considerada um dialeto – era utilizado em situações nas quais travestis se encontravam em algum risco ou enquanto código de comunicação para que não descobrissem o teor da conversa. Assim, a linguagem pajubeyra reconfigura-se como um artefato identitário, uma tecnologia que subverte o CISTema, manifestando-se em diferentes espaços, seja à música, arte e também à literatura.

Amara Moira, professora, escritora, puta-travesti, lançou a sua *Neca* em 2021, e nos presenteia em sua composição com mais 20 “poemetos travessos”, como a autora os denomina. O monólogo, seja a continuação do *E se eu fosse pura* (2018), mas reconfigurado por um deboche e ironia já presentes nos escritos moireanos (e, agora, em pajubá). Amanda Palha (2021, p. 16), ao prefaciá-lo, provoca quem o lê a refletir sobre a importância da língua pajubeyra e até que ponto conhecemos esta língua enigmática, uma vez que é “[...] uma linguagem que exprime uma relação muito particular com o mundo, na qual se forja, organicamente e na base da paulada, uma epistemologia também particular.”

Carlos Henrique Lucas Lima (2017), na obra *Linguagens Pajubeyras: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade*, originada de sua tese de doutorado, propõe pensarmos o papel dessa língua – ou melhor, dessas linguagens pajubeyras –, como produtos de manutenção (e produção) dessas subjetividades dissidentes enquanto práticas de liberdade que se desviam à cisheteronormatividade. Questionando o aspecto cultural do Pajubá enquanto gíria ou dialeto, o pesquisador postula que

[...] o pajubá não se constitui enquanto um sistema linguístico, como uma língua ou gíria de um grupo minoritário, e que estaria aí, à disposição dos cientistas – linguistas e filólogos – mas, e sobretudo, se constituiria enquanto *uma ferramenta do âmbito do conhecimento* mobilizada pelos sujeitos pajubeyros e talvez capaz de enfrentar a heteronormatividade [...]. É o pajubá o próprio meio de subjetivação e produção dos sujeitos pajubeyros – o pajubá,

como produto da linguagem que é, produz. Não há o sujeito à espera do pajubá, mas sim o pajubá, por intermédio do *efeito performativo* do discurso pajubeyro, a produzir o sujeito. (Lima, 2017, p. 24-25, grifo do autor).

Todas essas questões podem ser pensadas à relação macropolítica x micropolítica, realizada pelos teóricos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996), sendo a primeira um campo maior, permeado pelas relações de poder, que são hegemônicas, enquanto a segunda enquanto forma de “tecer fissuras”, minar as estruturas. Assim, as duas perspectivas têm relação ao maior x menor, respectivamente, não pensadas como formas quantitativas, mas como formas de dominação, como também de potência e subalternização. Sobre o “menor”, Deleuze (2010, p. 63) postula que

Minoria designa, primeiro, um estado de fato, isto é, a situação de um grupo que, seja qual for o seu número, está excluído da maioria, ou está incluído, mas como uma fração subordinada em relação a um padrão de medida que estabelece a lei e fixa a maioria. Pode-se dizer, neste sentido, que as mulheres, as crianças, o Sul, o terceiro mundo etc. são ainda minorias, por mais numerosos que sejam. Esse é um primeiro sentido do termo. Mas há, imediatamente, um segundo sentido: minoria não designa mais um estado de fato, mas um devir no qual a pessoa se engaja [...] Minoria designa aqui a potência de um devir.

Para Deleuze e Guattari (2023, p. 36) “A literatura menor é completamente diferente: o seu espaço, exíguo, faz com que todas as questões individuais estejam imediatamente ligadas à política.” Com toda a escrita de Kafka e sua literatura menor¹¹, pode-se perceber que, sendo essa forma de pensar um ato revolucionário, pode e deve ser inserida a outros campos do conhecimento. Na literatura de Amara Moira, o coletivo se faz presente em cada entrelinha, principalmente no uso da língua menor (Pajubá) com processo de língua que se desterritorializa reterritoralizando-se. Assim, o pajubá configura ação política à multidão que se desvia às normas hegemônicas: uma multidão *queer*, como Paul Preciado, filósofo e estudioso, reflete:

O corpo da multidão queer aparece no centro disso que chamei, para retomar uma expressão de Deleuze, de um trabalho de “desterritorialização” da heterossexualidade. Uma desterritorialização que afeta tanto o espaço urbano (é preciso, então, falar de desterritorialização do espaço majoritário, e não do gueto) quanto o espaço corporal. Esse processo de “desterritorialização” do corpo obriga a resistir aos processos do tornar-se “normal”. Que existam

¹¹ Kafka, embora judeu em Praga, pensava e escrevia em alemão. Porém, o alemão de Kafka não era o mesmo falado/escrito pelo Império Austro-Húngaro, língua formal, sistematizada em documentos oficiais, e sua escrita literária é recheada de “erros” sintáticos e de “vacilações” semânticas, quando comparada à língua maior, o alemão nacional. Para Deleuze e Guattari, a impossibilidade de Kafka de escrever de outro modo senão em alemão é, para os judeus de Praga, um sentimento de distanciamento da territorialidade da tradição tcheca; e escrever pelas interseções entre alemão e tcheco (o alemão de Praga) é a impossibilidade de Kafka adotar a língua nacional de uma comunidade opressiva, no caso, a população alemã do Império Austro-Húngaro. (Viana, 2022, p. 472).

tecnologias precisas de produção dos corpos “normais” ou de normalização dos gêneros não resulta um determinismo nem uma impossibilidade de ação política. (Preciado, 2019, p.14).

Em suma, a *Neca*, de Amara Moira (2021) e o pajubá são constructos da resistência, marginalização e sobrevivência de corpos transvestigêneres à cisnorma. A navalha é transformada em letras, sons, palavras, texto... política. Por isso, a língua das travestis é uma língua menor (no sentido kafkiano) e faz a sua diferença seja na arte, música, literatura e também na Academia. Vamos travestilizar o mundo! Sendo assim, esta pesquisa se vale a seguinte pergunta-problema: a obra *Neca*, de Amara Moira, monólogo escrito em Pajubá – língua criada pela comunidade travesti como (r)existência à heteronormatividade –, e a tradução de Chuva dourada sobre mim, de Nath Menstrual, podem ser categorizadas enquanto literatura menor e tecnologia de subjetivação?

METODOLOGIA

A obra *Neca*, para além de ser vista enquanto monólogo escrito por uma travesti, entendo-o enquanto uma “narrativa de vida” (Machado,2020), pois além de estar mais alinhada à análise de discurso proposta neste projeto, quem escreve busca se expressar com sentimentos, (sobre)vivências de seu mundo particular. “Assim, a narrativa de determinado fato, ao ser assumida por uma nova voz, transformar-se-á em uma nova narrativa. Cada “eu” constrói uma versão de uma mesma história, dá a ela a “sua” marca [...]”. (Machado, 2020, p. 66). Os sujeitos que fazem parte das narrativas também trarão em si múltiplas vozes, adquirindo e exercendo papéis sociais¹²:

Assim, o propósito de uma narrativa de vida não é saber o que é ou não real, mas descortinar as “vozes de si” que os relatos/narrativas trazem, não sendo, por si só, apenas uma forma de escrevivência, mas também de experienciar o mundo que se vive. A Análise de Discurso Semiolinguística, criada na década de 1980, pelo linguista e filósofo Patrick Charaudeau, torna-se uma indispensável ferramenta metodológica para análises literárias,

¹² Como era de se esperar, ao nos lançarmos na observação e estudos de narrativas de vida, notamos que, muitas vezes, elas se aproximam ou fazem uso de astúcias literárias cujo objetivo é o de melhor persuadir o leitor/a da veracidade do que está sendo contado. Se narrativas reais, de pessoas reais possuem essa característica, o contrário também se opera: relatos ficcionais, ao dar vida e palavra a personagens que encarnam seres humanos, constituem também documentos que mostram a vida de determinados grupos. (Machado, 2022, p. 45).

haja vista “a forma de analisar discursos adotada por Charaudeau sempre foi mais direcionada ao estudo da persuasão e da sedução por meio da palavra, à compreensão da subjetividade da linguagem e ao uso que dela podemos fazer.” (Machado, 2016, p. 20).

No primeiro momento, realizaremos uma historiografia do bajubá, – durante a época da ditadura militar (1964-1985) –, a fim de (re)conhecê-la como uma tecnologia criada pelas putas-travestis das ruas – vistas enquanto campo de constituição de saberes e epistemologias. Assim, será por meio da localização e fichamento de fontes primárias (como textos informais, livros, sites, vídeos, monografias, artigos, dissertações e teses); das fontes secundárias (fontes complementares como dicionários, banco de dados etc); e fontes terciárias (revisões de literatura, catálogos de bibliotecas digitais e/ou presenciais etc) (Sousa; Oliveira; Alves, 2021) para que possa elucidar em quais contextos históricos e possíveis influências linguísticas levaram à criação do bajubá, tendo em vista que ainda é não é possível afirmar, de forma concreta, o seu surgimento aqui no Brasil.

DISCUSSÃO

Letícia Nascimento (2021) defende que para quem deseja conhecer o transfeminismo que leia e compartilhe as transepistemologias escritas por mulheres transexuais, travestis e transgêneras. E isso não pode ser feito somente na Academia, mas fora dela também, até porque as vielas, becos, ruas, esquinas são importantes espaços de produção de saberes e epistemologias. Da mesma forma que pensar na ressignificação da identidade puta envolve a leitura de putasepistemologias, afinal, como Prada (2018) diz, as putas também formulam teorias. O próprio Pajubá ou Bajubá, enquanto movimento linguístico e identitário de ressignificação e reinvenção das palavras nas ruas, nos mostra isso.

Nesses espaços e – em outros que a sociedade marginaliza como a zona , por exemplo – o pajubá atua como processo de subversão através de uma linguagem que torna-se criptografada, com objetivo de fazer sobreviver corpos abjetos que se encontram em lugares subalternizados e com licença para morte. Tendo em vista as discussões propostas acerca do Pajubá e do aparato teórico-metodológico mencionado, espera-se que este trabalho possa elucidar as seguintes hipóteses:

Em um primeiro momento, compreendermos as origens da linguagem Pajubá e suas possíveis influências, tanto nos atravessamentos relacionados ao gênero – pela comunidade travesti –, quanto pelas questões étnico-linguísticas; em um segundo

momento, refletir sobre as contribuições da escrita de Amara Moira (2021), à literatura brasileira, como literatura menor, a partir da obra *Neca*; em terceiro lugar, o reconhecimento do Pajubá enquanto tecnologia de subjetivação que possibilita a constituição de mundos possíveis, que fogem à lógica colonial; e, por último, compreender e valorizar a rua enquanto importante espaço de constituição de saberes-putas-epistemologias dissidentes e transgressoras.

Importante situar que, embora o foco seja a literatura travesti de Amara Moira, outras travas-escritas estarão presentes à tessitura da escrita e/ou nas entrelinhas. Ademais, caso haja necessidade de outras obras que abordam o pajubá podem entrar como análises à proposta supracitada. Para isso, faremos discussões que possam transcender os muros da Academia, através de participação em eventos que abordem questões relacionadas ao corpus de pesquisa, palestras, escrita de artigos. Esperamos que este trabalho constitua (e provoque) as pessoas a pensarem o pajubá não apenas como gíria, mas como importante tecnologia transcestral de subjetividade puta-travesti e resistências de corpos não-normativos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasília, DF: Distrito Drag; Antra 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é uma literatura menor? In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 33-53.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado**. Tradução de Fátima Saadi, Ovídio de Abreu e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. **Linguagens Pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade**. Salvador: Editora Devires, 2017.

LOPES, Fábio Henrique. Travestilidades e ditadura civil-militar: Apontamentos de uma pesquisa. **Revista Esboços**, Florianópolis, v.23, n.35, p. 145-167, set. 2016. Acesso em: 30 set 2023.

MACHADO, Ida Lucia. **Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

MACHADO, Ida Lucia. O romance como materialidade discursiva. **Gláuks - Revista De Letras E Artes**, Viçosa, n. 22. v.1, 2022 , p. 44-64.

MOIRA, Amara. **Neca + 20 poemetos travessos**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021.

PRECIADO, Paul B. Mutidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 438-450.

RAVENA, Isadora. Prototeses para travecometodologias de criação em arte contemporânea. **Revista Poiésis**, Niterói, v. 23, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/54912>, Acesso em 17 out. 2023.

ROSA, Francis Mary Soares Correria da. A literatura menor em Deleuze e Guattari: por uma educação menor. **Educação**, Santa Maria. v. 41, n. 3, p. 685-696, set./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/23022>. Acesso em 15 set. 2022.

SILVA, Jovana Cardoso da. **Bajubá Odara**: resumo histórico do nascimento do movimento de travestis do Brasil. Picos, Piauí: Jovanna Cardoso da Silva, 2021.

VIANA, Wes. A variante menor em Deleuze: uma minoração da linguagem. Rio de Janeiro: **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 2, p. 457-482, 2022. Disponível em: <https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/746>. Acesso em: 05 jun. 2024.

XAVIER, Elódia. Para além do cânone. In: RAMALHO, Christina (org.). **Literatura e feminismo**: propostas teóricas e reflexões. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 15-21.

Palavras-chave: Literatura menor. Pajubá. Tecnologia de subjetivação.

BLOCOS AFRO DE ILHÉUS: ARQUIVO, RAÇA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

Ailce do Nascimento Macedo¹

Rogério Luid Modesto dos Santos (orientador)²

APRESENTAÇÃO

O presente projeto de pesquisa busca analisar as notícias em textos de jornais de Ilhéus e da Bahia, a partir da década de 1970 a contemporaneidade, sobre os blocos afro Ilheenses e, a partir desse arquivo, analisar como os sentidos de negritude, memória, raça, comunidade e resistência aparecem nessas matérias significando esses blocos. As discussões serão sustentadas pelos fundamentos da Análise do Discurso de orientação materialista, (doravante AD), que tem como base os estudos de Michel Pêcheux desenvolvidos no Brasil a partir de Eni Orlandi.

Escrever sobre os blocos afro de Ilhéus, com foco nas notícias em textos de jornais, nasce a partir de uma inquietação, ao pensar, primeiro, sobre os processos discursivos que materializam esses blocos nos jornais ilheenses e, segundo, por buscar compreender os processos históricos e sociais de constituição dos blocos afro em Ilhéus, considerando sua historicidade, os sujeitos que o integram e os espaços por eles ocupados. Aqui, observo a diversidade carnavalesca existente no Brasil com foco para os blocos afro. Os blocos afro ocupam os espaços das ruas e, embora, tenham maior destaque nos desfiles carnavalescos, a sua participação social, enquanto grupo cultural e identitário, não se restringe aos desfiles de carnavais.

Ao falar dos blocos afro de Ilhéus, aciono memórias que, num primeiro olhar, produzem sentidos de grupo, de comunidade, mais também de resistência, por compreender as relações étnicas e raciais que fazem parte da história, constituição e afirmação desses blocos no cenário brasileiro. Com esse entendimento, busco, na pesquisa atual, analisar os funcionamentos discursivos que concedem sentidos aos blocos afro e às questões de raça, comunidade, memória e resistência, a partir dos periódicos analisados. Para tanto, o trabalho será fundamentado nos estudos de Pêcheux (1969, 1975, 1999, 2006, 2010), Orlandi (2004, 2005, 2006), Courtine (2006), Barbosa Filho (2018, 2023), Modesto (2014, 2021, 2018, 2016), Fanon (2008), Da Silva (2004), Da Matta (1979), dentre outros que serão utilizados no desenvolver da pesquisa.

¹ anmacedo@uesc.br

² rlmsantos@uesc.br

Com o intuito de apresentar à sociedade os discursos sobre os blocos afro de Ilhéus que estão presentes nos jornais ilheenses dos séculos XX e XXI, optou-se pela pesquisa bibliográfica, já que a pesquisa bibliográfica permite um amplo acesso a informações presentes em diferentes tipos de acervos. Para compreender melhor a manifestação geral do problema será feita uma análise discursiva dos discursos que comparecem tanto nos jornais do século XX, quanto na sociedade contemporânea. A pergunta que norteia a análise, até o momento, é: como os blocos afro ilheenses estão materializados nas publicações jornalísticas de Ilhéus e da Bahia, e como os sentidos de negritude, raça, comunidade, memória e resistência, comparecem nessas notícias significando tais blocos?

O questionamento acima levou ao desenvolvimento deste projeto que está organizado em: introdução, objetivando situar o(a) leitor(a) acerca da proposta da pesquisa; objetivos, estabelecendo as pretensões do estudo; justificativa e fundamentação, tendo o intuito de discutir e apresentar bases teóricas e as intenções da pesquisa a partir do o tema a ser analisado; a metodologia, onde se encontram delimitados os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento teórico/prático do trabalho, e os resultados esperados, concentrando aquilo que espero com o desenvolvimento do estudo.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar, à luz da análise materialista do discurso, as notícias em textos de jornais de Ilhéus e da Bahia, entre os séculos XX e XXI, sobre os blocos afro Ilheenses e, a partir desse arquivo, analisar como os sentidos de negritude, memória, raça, comunidade e resistência aparecem nessas matérias significando esses blocos.

Objetivos específicos

- Identificar os blocos e/ou movimentos afro de Ilhéus que comparecem no arquivo a ser montado.
- Mapear os periódicos que documentaram os blocos afro de Ilhéus.
- Analisar os funcionamentos discursivos que concedem sentidos aos blocos afro e às questões de negritude, memória, raça, comunidade e resistência, a partir dos periódicos analisados.

- Compreender como são noticiados nos jornais Ilheenses e da Bahia os blocos afro de Ilhéus.

JUSTIFICATIVAS

Ao pesquisar sobre os blocos afro de Ilhéus a partir das publicações em periódicos ilheenses e da Bahia, busco analisar, à luz da AD, como os sentidos de negritude, memória, raça, comunidade e resistência, comparecem nos textos jornalísticos e como esses sentidos significam esses blocos. Quando tomo os blocos ilheenses como o meu objeto de pesquisa, considero importante analisar todo o processo de constituição desses blocos, bem como os seus espaços de atuação, desmistificando com a visão de que “os blocos afro só acontecem no carnaval”.

É importante considerar o viés político e de mobilização racial existentes nos blocos afro. Essa participação não se esgota e/ou não pode se esgotar após o carnaval, tendo em vista que esses blocos são constituídos enquanto entidades permanentes (DA SILVA, 2022). Daí o meu interesse em ampliar a discussão, mobilizando, na análise, um percurso que entende os blocos afro enquanto grupos racializados que se uniram a partir de uma intenção primeira e que ocuparam espaços, ao longo da história, conquistados e/ou reservados para os seus corpos.

Penso o carnaval, a partir de Da Matta (1979), como uma região “privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores”. Uma região que “permite tomar consciência de certas cristalizações sociais mais profundas que a própria sociedade deseja situar como parte dos seus ideais 'eternos' (DA MATTA, 1979, p. 24). É nesse universo carnavalesco que podem (ou não) estar situados os blocos afro e é, também, a partir dele que o estudo será desenvolvido, considerando alguns pontos principais:

I) O primeiro ponto contempla a relevância teórica da pesquisa, ou seja, o fato de o estudo propor desenvolver um trabalho sobre os blocos afro de Ilhéus, tendo em vista que há uma lacuna temporal de produções científicas acerca dos blocos afro ilheenses, considerando as pesquisas realizadas em acervos digitais, com o recorte a partir do ano de 2018;

II) O segundo ponto contempla a discursividade do texto, ou seja, o fato de este analisar os discursos jornalísticos presentes em jornais de Ilhéus e da Bahia sobre os blocos afro, entre os séculos XX e XXI, compreendendo a importância desse debate dentro das Universidades e dos espaços de construção do saber;

III) O terceiro ponto considera a constituição dos blocos afro de Ilhéus e, a partir dessa constituição, toma como ponto para análise o seu processo histórico, os seus espaços/territórios

de ocupação e os corpos/sujeitos que os integram, fortalecendo o debate e ampliando os espaços de visibilidade acerca blocos afro ilheenses.

APARATO TEÓRICO

Os blocos afro de Ilhéus estão concentrados em um contexto social e histórico vinculado aos blocos afro de Salvador (DA SILVA, 2004). Entender que o processo de formação e/ou surgimento desses movimentos faz parte de uma organização de sujeitos que buscam uma autoafirmação negra, torna-se necessário para o desenvolvimento de quaisquer trabalhos que tematizam os blocos afro de Ilhéus. Para tanto, o presente texto tem como referência outros trabalhos que tratam da mesma temática que será discutida na minha pesquisa, na tentativa de contribuir para a seguinte questão: como os sentidos de negritude, raça, comunidade, memória e resistência comparecem nos textos jornalísticos Ilheenses e da Bahia sobre os blocos afro de Ilhéus e como esses textos significam esses blocos?

A questão acima mobiliza uma rede de significantes (PÊCHEUX, 1988 [1975]), acerca do meu objeto de estudo, ao se pensar, *a priori*, sobre o material de análise, textos em jornais, e, *posteriori*, sobre os sentidos possíveis mobilizados a partir do desenvolvimento da pesquisa. Por que escolher os jornais como parte do meu arquivo? Porque encontro nesse material a relação necessária entre a polissemia e o controle do sentido. Dito de outro modo, os jornais selecionavam os discursos válidos para circulação naquele contexto (MACEDO, 2022, p. 19), sobre os discursos jornalísticos, Mariani (1998) concorda que não há imparcialidade, pois o jornalista, em seu discurso, coloca gestos de interpretação e formula juízo de valor, fazendo crer “que apresenta os fatos tais como são, com uma linguagem isenta de subjetividades” (MARIANI, 1998, p. 65). Essa isenção é apenas um efeito de verdade.

Buscarei analisar os efeitos de verdade postos nos discursos jornalísticos para os blocos afro de Ilhéus, considerando que para Baldini e Zoppi Fontana (2015), os sentidos são determinados pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio- histórico no qual as palavras estão inscritas, assim como descreve Pêcheux (1988 [1975]) ao dizer que as “palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições” (p. 146). Um efeito de verdade que pode conceder sentidos aos textos sobre os blocos afro ilheenses e, que são determinados pelas posições ideológicas no qual estão inscritas.

Nesse espaço discursivo, trago como texto base para o estudo a tese da antropóloga Ana Cláudia Cruz da Silva (2004)³, por ser referência nas pesquisas sobre os blocos afro ilheenses e

³ Agenciamentos coletivos, territórios existenciais e capturas uma etnografia de movimentos negros em Ilhéus. Rio de Janeiro. 2004.

por ajudar no entendimento do processo de constituição e de permanência desses blocos na cidade de Ilhéus. Para Da Silva (2004), os blocos afro se constituem a partir do processo de (re)africanização do carnaval de Salvador⁴ durante meados da década de 70, tendo como ponto principal o surgimento dos blocos afro e dos novos afoxés, como, por exemplo, o bloco Ilê Aiyê. O processo de (re)africanização se explica pela união de grupos e movimentos que tinham a questão negra como temática motivadora para sua constituição. É importante considerar que os blocos afro surgiram dentro dos terreiros de candomblé espalhados pela cidade, onde a maioria dos habitantes eram negros (MORAES, DEINA, 2021).

Quando se pensa em espaços em que a maioria de seus habitantes são negros, pensa-se em uma estruturação urbana desenhada para esses corpos. É nessa direção e pensando acerca da configuração dos espaços urbanos, que Rezende, Saraiva e Andrade⁵ apresentam os territórios negros como espaços físicos das cidades, ocupados pela população negra ou permitido que essa população o ocupasse. Esses territórios preservam as histórias e tradições desses sujeitos e, para além da história de exclusão, que é importante e necessário considerar, se visualiza a construção de singularidades e a “elaboração de um repertório comum”, permitindo que esses grupos, que essa população, em um ato de resistência e (re)existência, se aglutine e que tenha condições de se organizar.

De acordo com o Conselho de Entidades Afro-Culturais de Ilhéus (CEACI), até o ano de 2004, existia na cidade quinze grupos: doze blocos afro, um afoxé, um grupo de maculelê e uma “levada” de um grupo de capoeira. Esses grupos tinham/têm em comum o fato de estarem apresentados com características (alegorias, danças, instrumento, música etc.) relacionadas ao que se conhece por cultura negra ou cultura afro. Dentre os blocos ilheenses, podemos destacar O Grupo Cultural Dilazenze, o Miny-Congo, o Bloco Afro Rastafari, o Axé Odara, dentre outros que serão apresentados no decorrer da pesquisa.

É com a intenção de buscar arquivos e tensionar os discursos sobre os blocos afro na cidade de Ilhéus, que seguirei a pesquisa, na tentativa de analisar as notícias sobre os blocos afro Ilheenses e, a partir desse arquivo, analisar como os sentidos de negritude, memória, raça, comunidade e resistência aparecem nessas matérias significando esses blocos. Assim, considerando o processo discursivo na materialidade da língua, esse estudo concorda que “a constituição dos discursos sofre intervenção das suas condições de produção, é preciso, dessa maneira, pensar na natureza dessas condições para compreender certa produção/constituição discursiva” (MODESTO, 2021, p. 05). Desse modo, os enunciados provocados aqui, serão lidos

⁴ RISÉRIO, Antônio. **Carnaval Ijexá. Notas sobre Afoxés e Blocos do Novo Carnaval Afrobaiano**. Corripio, Salvador, 1981.

⁵ “Transformando cruz em encruzilhada”: blocos afro de carnaval e a produção de espaços negros em Belo Horizonte. 2023.

não como “fonte de informação histórica, mas como lugar tenso e contraditório de luta ideológica nos efeitos discursivos” (RIBEIRO, 2016, p.10), pensando os discursos que materializam os blocos afro em questão, nos textos jornalísticos.

MÉTODOS

A pesquisa, filiada à AD, está centrada na leitura, descrição e interpretação do corpus a ser analisado com a proposta de atender aos objetivos do projeto. Construirei, inicialmente, um arquivo com materiais que ajudem na análise dos discursos sobre os blocos afro de Ilhéus, presentes no século XIX e os discursos sobre esses blocos na contemporaneidade, pensando como os blocos afro de Ilhéus são noticiados nos jornais Ilheenses e da Bahia e como os sentidos de negritude, raça, comunidade e resistência, aparecem nessas notícias significando tais blocos.

Considerarei como espaço para pesquisa e acesso aos jornais impressos ilheenses, a princípio, o Centro de Documentação e Memória Regional (CEDOC) localizado na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, com o objetivo de pesquisar as notícias presentes nos jornais disponíveis sobre os blocos considerados no estudo. Uma vez organizado o material analítico, sendo a constituição e delimitação do corpus já um procedimento, buscarei formular os efeitos de sentidos considerando alguns procedimentos:

I. A definição dos objetivos, do corpus e a relação desse corpus com as filiações históricas e práticas sociais do autor e do leitor interpretadas a partir da leitura do arquivo a ser montado;

II. A partir do meu gesto de leitura, descrição e interpretação do arquivo, buscarei compreender a língua “não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história” (ORLANDI, 1999, p. 19). Dito de outro modo, analisarei o discurso sobre os blocos afro de Ilhéus enquanto estrutura e acontecimento;

III. Definidos os objetivos, o corpus, os gestos de leitura, descrição e interpretação que concebem a língua não apenas como estrutura, mas também como funcionamento, seguirei para “a constituição, a formulação e a circulação dos discursos” (ORLANDI, 2008, p. 07). Ou seja, constituirei o objeto discursivo a partir dos discursos sobre os blocos afro, considerando a materialidade da língua para entender os movimentos de afirmação, negação ou atualização dos discursos, especialmente aqueles que

tematizam os blocos afro na sua relação com negritude, memória, raça, comunidade e resistência.

DISCUSSÃO

Com o presente estudo espero ampliar a discussão sobre os blocos afro de Ilhéus, analisando, à luz da análise materialista do discurso, as notícias em textos de jornais sobre esses blocos, e a partir desse arquivo, responder como estão noticiados nos jornais Ilheenses e da Bahia os blocos afro de Ilhéus e como os sentidos de negritude, raça, comunidade, memória e resistência, aparecem nessas notícias significando tais blocos.

REFERÊNCIAS

BALDINI, Lauro; ZOPPI FONTANA, Mônica. A análise do discurso no Brasil. In: **Décalages**, v. 1, n. 4, 2015, p. 1-22. Disponível em: https://www.academia.edu/20650462/_2015_A_An%C3%A1lise_Do_Discurso_No_Brasil. Acesso em 26 abril de 2024.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MORAES, Lauro. DEINA, Cláudia. **Cultura-Espectáculo na mídia: Espacialidade e personas do Carnaval da Bahia na imprensa local**. ILUMINURAS, 2021.

MACEDO, Ailce do Nascimento. **Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**: os sentidos de escravismo atravessados pela literatura e pelas problemáticas de raça e gênero. Ilhéus, BA: UESC, 2022.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

MODESTO, R. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–19, 2021. DOI: 10.25189/rabralin. v20i2.1851. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>. Acesso em: 03 maio. 2024.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes. 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso e leitura**. Campinas, SP: Cortez, 1988.

REZENDE, Ana Flávia. **“Aqui cada um faz o seu rolê”**: práticas organizativas dos blocos de rua afro do carnaval de Belo Horizonte. 2022. 319 p. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/40647>. Acesso em: 02 de abril de 2024.

REZENDE, Ana Flávia, Saraiva, L. A. S., & Andrade, L. F. S. (2024). “Transformando cruz em encruzilhada”: Blocos afro de carnaval e a produção de espaços negros em Belo

Horizonte. **Organizações & Sociedade**. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-92302023v30n0024PT>.

RIBEIRO, Luís Henrique Marques. MOUSINHO, Luiz Antonio. Corpos, raça e classe: confrontamentos do espaço urbano em Aquarius. Significação: **Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 49, n. 57, p. 330–349, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2022.180967. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/180967>. Acesso em: 02 abr. 2024.

DA SILVA, Ana Cláudia Cruz. **Agenciamentos coletivos, territórios existenciais e capturas uma etnografia de movimentos negros em Ilhéus**. Rio de Janeiro. Museu Nacional, UFRJ – Tese de Doutorado, 2004.

Palavras-chave: Blocos afro. Arquivo. Memória. Raça. Resistência.

VIVER DE SEGUNDA MÃO: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DE DISCURSO SEM NARRATIVAS PÓS-DITADURAS NO BRASIL E NA ARGENTINA

Ana Cláudia Guimarães Senna¹
Profª Drª Vânia Lúcia Menezes Torga (orientadora)²
Prof. Dr. Yuri Andrei Batista Santos (coorientador)³

APRESENTAÇÃO

A quem, é o que pergunto, quem se interessaria hoje por tão mesquinhos meandros de um tempo distante, e a resposta que meu pai repete é uma absurda mescla de devaneio e lucidez: as ditaduras podem voltar, você deveria saber.

(Julián Fuks, A resistência, 2015, pos. 292)

A “absurda mescla de devaneio e lucidez” com que o personagem de Fuks define a fala do pai ressoa nos acontecimentos dos últimos anos na América do Sul. O continente, que ao longo da segunda metade do século XX ficou marcado por sanguinárias ditaduras em vários países, vive ainda hoje momentos de perigoso flerte com o conservadorismo e o autoritarismo que acendem os alertas dados pelo personagem: “as ditaduras podem voltar” e ainda mais importante: “você deveria saber”.

Saber, no sentido de conhecer e entender a história de países assolados por eventos como guerras, regimes autoritários, regimes escravocratas ou outros traumas, ajuda a compreender o presente. Importa, pois, saber como um país lida com seu passado: buscando formas de justiça e reparação, ou buscando anistia, esquecimento, ou ainda pior, buscando negar o passado.

Essa pesquisa desponta no tenso momento de ascensão da extrema-direita na Argentina e de mobilizações antidemocráticas no Brasil e foram essas as culturas escolhidas para análise. A literatura, comumente alvo de perseguição e censura por governos autoritários, revela-se forma de resistência, de denúncia e de elaboração do trauma, encarando, atenta e forte, seu dever com a memória. E é na materialidade narrativa do discurso literário – ficcional ou (auto)biográfico, ainda caberá atenção a este

¹ Bolsista Capes. aniguissenna@gmail.com

² (PPGL/UDESC) vtorga@uol.com.br

³ (UGA) batista.yuriandrei@gmail.com

ponto – que esta pesquisa se ancora, a partir da pergunta: como as construções discursivas nas narrativas de filiação escritas por mulheres no pós-ditaduras, no Brasil e Argentina, representam o trauma histórico e os usos do passado?

Para procurar responder a esta questão, buscamos compor o corpus principal com três obras de cada cultura, a fim de que seja respeitado o princípio de representatividade do corpus, conforme sugere von Münchow (2021). Assim, as obras elencadas são: Antes do passado (Liniane Haag Brum, 2012), Palavras Cruzadas (Guiomar de Grammont, 2015) e O corpo interminável (Cláudia Lage, 2019) no subcorpus brasileiro; e Aparecida (Marta Dillon, 2015), El azul de las abejas (Laura Alcoba, 2015) e Diario de una princesa montonera (Mariana Eva Perez, 2023) no subcorpus argentino.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar as representações discursivas do passado traumático e os usos do passado em narrativas de filiação da literatura contemporânea escritas por mulheres, no pós-ditadura do Brasil e da Argentina, nas obras propostas, nas duas culturas.

Objetivos específicos:

- Comparar as culturas discursivas da Argentina e do Brasil em obras literárias contemporâneas que tratam do trauma histórico das gerações pós-ditaduras;
- Descrever e discutir as marcas linguístico-discursivas de corporificação dos ausentes nas narrativas contemporâneas pós-ditaduras como parte da luta contra o apagamento da história e da memória;
- Compreender o papel da literatura como parte implicada com o dever de memória na resistência ao apagamento da história e da memória;
- Analisar as relações entre memória (individual/coletiva), trauma (histórico, coletivo e individual) e relatos de vida na construção discursiva das narrativas de filiação contemporâneas de autoria feminina.

JUSTIFICATIVAS

Os temas que se relacionam a eventos históricos traumáticos precisam ser sempre (re)visitados. Especialmente aqueles relacionados a momentos de autoritarismo, posto que as ideologias que os mobilizam não se dissipam com a chegada da democracia, mas

estão sempre à espreita, como se aguardando um momento de descuido da memória, um esquecimento, para emergir. Entre a impossibilidade de representar o trauma e a necessidade de que sua memória não seja apagada – para que não se repita –, dilema sobre o qual muitos teóricos abordam, essa pesquisa se ocupa de investigar na literatura formas de transmissão do legado traumático, configurando, pois, uma maneira de colocar em diálogo o passado e seus usos no presente das narrativas.

No que tange ao valor conceitual, teórico e metodológico, vale apontar que a perspectiva dialógica da linguagem, proposta por Bakhtin e o Círculo em suas obras, ganhou espaço no Brasil desde a sua recepção, no final da década de 1960, apesar das dificuldades iniciais de acesso e tradução. O interesse mostra-se renovado nos últimos anos com a apresentação de novas traduções diretamente do Russo, que esclarecem conceitos e fomentam o campo de pesquisa. A análise de discursos contrastiva cujo objeto de estudo é a comparação entre culturas discursivas, possui modelo metodológico criado por Patricia von Münchow e seguido por Santos (2023), tese à qual essa pesquisa se vincula. Por ser um campo de estudos com potencial de crescimento no país, esse trabalho busca contribuir com o repertório de pesquisas que trilham a ADC.

Pelo que se pode verificar até agora nas plataformas de bancos de teses, não há trabalhos de comparação de culturas discursivas a partir de obras literárias do pós-ditaduras. Outras abordagens sobre o tema são comuns nos estudos literários, mas não esgotam o tema. Também são poucos os trabalhos que exploram o conceito de Literatura de Filiação conforme proposto por Viart (Viart e Vercier, 2008), ainda sem tradução no Brasil, o que sugere que a pesquisa pode contribuir no campo da literatura contemporânea e das linguagens.

A escolha por narrativas escritas por mulheres visa contemplar a linha à qual esta pesquisa se insere no programa de pós-graduação: Linguagem e Estudos de Gênero. Linha que inclui pesquisas que apostam no estudo de práticas discursivas considerando ou mesmo destacando as categorias de gênero em suas análises.

Ademais, é fato que as mulheres participaram das mais distintas maneiras do enfrentamento à ditadura militar, seja na luta armada, no jornalismo de resistência, nas artes e em tantas outras frentes, ainda que nem sempre sejam os primeiros nomes a serem citados. Neste sentido, parece oportuno projetar, pela pesquisa e fomento à leitura, a literatura produzida por mulheres que tematizam esse momento histórico, herdeiras não apenas do legado traumático, mas também das interdições e apagamentos sofridos pelas mulheres daquele tempo.

Destacamos ainda que a pesquisa tem um compromisso ético com a memória daqueles que foram assassinados por Ditadura Militar no Brasil e na Argentina e com todos que de alguma maneira foram vítimas da violência do Estado. Cientes de que debruçar-se sobre ecos de um tempo cujos traumas ocasionaram tantos interditos é algo que deve ser feito com respeito e cautela.

APARATO TEÓRICO

A aporia instaurada entre a impossibilidade de representar o trauma e a necessidade de questionar e compreender este passado é tema recorrente de pesquisas, livros, filmes e outros produtos culturais em culturas marcadas por um passado de violências como guerras e ditaduras sanguinárias. Por isso, pensar este projeto de tese exige revisar outros trabalhos que o antecedem e que de alguma maneira tangenciam os temas aqui propostos.

A tese do professor Yuri Andrei Batista Santos, que coorienta esta pesquisa, recém defendida, em 2023, é importante referência à qual esta pesquisa se ancora e se filia. Embora se diferenciem por tratar de testemunhos autobiográficos, os caminhos abertos por Santos (2023) para a abordagem metodológica a partir de uma análise contrastiva de discursos serão visitados, dessa vez para a comparação entre as culturas discursivas brasileira e argentina.

No que tange às narrativas de filiação, conforme conceituado pelo teórico Dominique Viart (Viart e Vercier, 2008), o artigo da professora Eurídice Figueiredo (2020) sobre a obra *A resistência* de Julián Fuks apresenta-se como referência fundamental. O conceito de narrativa de filiação para Viart se apoia no pensamento de que existe uma geração de escritores produzindo uma literatura de caráter híbrido, entre a ficção e a autobiografia, em que o narrador em busca de si, remonta – ainda que de maneira lacunar – as narrativas de seus antepassados. Fuks é um desses escritores, da segunda geração, que não participou dos eventos traumáticos testemunhados por seus pais, mas que herda o trauma familiar, assim como as autoras que compõem o corpus deste trabalho, especialmente aquelas do subcorpus argentino.

Visando investigar o modo como a literatura contemporânea pós-ditaduras cumpre o papel de manutenção da memória e reflexão do presente a partir do legado histórico e da transmissão geracional do trauma, esta pesquisa, assim como Figueiredo (2020), mobiliza o conceito de narrativa de filiação (Viart e Vercier, 2008), a partir de narrativas escritas por mulheres que não viveram as ditaduras em seus países, mas que

“se ancora numa ferida, entre testemunho travado e homenagem às figuras apagadas da ascendência” (Figueiredo, 2020, p.3).

Outra pesquisadora cujos trabalhos dialogam com nossa pesquisa é Lua Gill da Cruz, abordando a ditadura militar na literatura. Para a pesquisadora, “a transmissão dos sentidos desses passados ditatoriais latino-americanos está aberta, em questão, e aqueles que não o viveram (...) também têm muito a dizer.” (da Cruz, 2023, p.43), ou seja, o trauma histórico vivido pelas gerações anteriores encontra reverberação na escrita contemporânea, seja pelos silêncios de um passado mal elaborado, seja pelas memórias familiares que são transmitidas.

Tanto Eurídice Figueiredo quanto Lua Gill da Cruz se ancoram em obras literárias escritas por filhos de exilados políticos, entretanto com Viart (Viart e Vercier, 2008) entendemos ser possível ampliar o sentido de narrativa de filiação para incluir todo aquele que se inscreve no legado traumático independentemente da existência de laços sanguíneos com esse passado. Neste sentido, esta pesquisa opta pela inclusão tanto de autoras que são filhas de militantes, quanto a de autoras que não possuem relação direta com as ditaduras em seus países, o que permite que o subcorpus escolhido para cada cultura envolva diferentes níveis de filiação: o vínculo sanguíneo e o vínculo geracional, o que proporcionará a percepção das diferentes formas de apropriação e de transmissão – ainda que incompleta e imperfeita– do discurso traumático – pela via familiar e pela via da memória coletiva.

METODOLOGIA

Esta pesquisa demanda um caráter interdisciplinar, mobilizando o diálogo entre os estudos da linguagem, da literatura e da história. A comparação entre as representações discursivas do trauma nas culturas brasileira e argentina será realizada com base na análise do discurso contrastiva (ACD). Para tanto, seguiremos a abordagem metodológica de Santos (2023) com o modelo proposto por von Münchow (2021), o qual “considera a interpretação das representações sociais, mentais e discursivas de um autor, indivíduo ou coletivo por meio de operações discursivas que partem das marcas linguísticas” (Santos, 2023, p. 50).

As descrições e discussões das marcas linguístico-discursivas nas narrativas contemporâneas propostas serão feitas a partir de uma leitura pela cronotopia (Bakhtin, 2018; Santos, 2023), entendendo o cronotopo como categoria conteúdo-forma, o que implica pensar as dimensões inseparáveis de tempo e tempo materializadas

discursivamente. Outras categorias de análise, a serem definidas, também serão mobilizadas ancoradas na perspectiva da análise dialógica do discurso (ADD).

No âmbito da literatura, mobilizaremos o conceito de pós-memória (Hirsch, 2008); abordaremos a literatura contemporânea do cone sul (Vidal, 2004); discutiremos a literatura contemporânea de autoria feminina (Cury, et. al., 2023), especialmente no que tematiza a ditadura militar no Brasil e na Argentina (Blejmar, 2016; Dalcastagnè, 1996; Figueiredo, 2024).

Para completar a tríade dos principais eixos desta proposta interdisciplinar e dar conta de discutir quanto ao dever da memória e os usos do passado a partir de eventos traumáticos, será necessário recorrer à escrita da história. Para tanto, acionando teóricos envolvidos com os temas das ditaduras militares (Bauer, 2012, 2017; Quinalha e Teles, 2020; Sá Motta, 2015).

Assim, a partir desse quadro inicial, compomos a orientação teórico-metodológica que sustentará nosso percurso de pesquisa para a elaboração da tese.

DISCUSSÃO

As obras escolhidas possuem em comum a presença de um narrador – ficcional ou autorreferenciado⁴ – que busca por um parente militante perseguido pela ditadura de seu país e que configura uma ausência na vida daquela personagem. Diante da impossibilidade autobiográfica das narrativas daqueles que se tornaram ausentes – seja pela prisão, pela clandestinidade ou mesmo pela própria ausência de respostas, como os casos de desaparecimentos e a ocultação de cadáveres pelos perpetradores – essas narrativas de filiação são também a escrita de suas ausências. Ao escrever sua história, compreendemos que cada uma dessas narradoras escreve também a história dessa ausência, condicionando este personagem ao que chamamos neste trabalho de “viver de segunda mão⁵”. Uma manutenção da memória e das histórias de vidas a partir dos vestígios e da ficção, esta fundamental para buscar preencher as lacunas abertas pelo

⁴ Autorreferencialidade ressignificada, conforme pensam Santos e Torga (2020, p.17), enquanto ato inerente às autobiografias e narrativas do eu, posto que “(...) as experiências são transmitidas com tons diferentes, já que o eu que as revisita se encontra num estado de acabamento distinto daquele que as vivenciou”.

⁵ O contato com o termo “viver de segunda mão” se deu a partir da participação de um minicurso homônimo ministrado pelo pesquisador Leonardo Bianconni, ofertado como atividade de extensão do Núcleo de Estudos Contemporâneos de Língua e Literatura Italiana da Universidade Federal de Santa Catarina (NECLIT/UFSC). A proposta do curso foi discutir a relação entre literatura e justiça de transição a partir das obras *Rosso nella notte bianca* (Stefano Valenti) e *K. Relato de uma busca* (Bernardo Kucinski).

obscurantismo da época.

Em outro sentido, “viver de segunda mão”, preliminarmente, aponta também para as escritoras que não tendo vivido o momento histórico, mas sua reverberação, tecem-no pela via da narrativa, na elaboração do biográfico do outro para compreender a si. Posto que uma narrativa de vida não supõe univocidade, mas a confluência dialógica de vozes outras, essas narrativas apontam para uma geração de escritoras contaminada pela necessidade de compreensão desse tempo não vivido ou vivido na infância, mas que por fazer parte de uma memória coletiva ressoa em seu tempo, perseguindo sua escrita.

Realizados os procedimentos de análise, ao final da pesquisa esperamos compreender os usos do passado nas narrativas escolhidas e observar as singularidades de cada cultura ao abordar o trauma histórico causado pelas Ditaduras Militares, no Brasil e na Argentina. Há também a expectativa de compreender a literatura como parte implicada com o dever de memória, figurando etapa importante na luta contra o apagamento histórico.

REFERÊNCIAS

- ALCOBA, L. **El azul de las abejas**. CABA: Edhasa, 2015. (E-book)
- BAKHTIN, M. **Teoria do romance II**: As formas do tempo e do cronotopo. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BAUER, C. S. **Brasil e Argentina**: ditaduras, desaparecimentos e políticas de memória. Porto Alegre: Medianiz, 2012.
- BLEJMAR, J. **Playful Memories**. The Autofictional Turn in Post-Dictatorship Argentina. Liverpool, U.K: Palgrave Macmillan, 2016.
- BRUM, L. H. **Antes do passado**: O silêncio que vem do Araguaia. Porto Alegre: Arquipélago, 2012.
- DA CRUZ, L. G. O tempo da transmissão em A chave de casa, de Tatiana Salem Levy e A resistência, de Julián Fuks: pós-memória, segunda geração e herança. **Entre Letras**, v. 2, pág. 41-67, 2023.
- DILLON, M. **Aparecida**. 1ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2015. (E-book)
- FIGUEIREDO, E. **Mulheres contra a ditadura**: escrever é (também) uma forma de resistência. 1ª ed. Editora Zouk, Porto Alegre, 2024.
- FIGUEIREDO, E. A resistência, de Julián Fuks: uma narrativa de filiação. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 60, p. e6005, 2020.
- FUKS, J. **A resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (E-book)

GRAMMONT, G. **Palavras cruzadas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. (E-book)

HIRSCH, M. The generation of postmemory. **Poetics today**, v.29, n.1, 2008, p.28-103.

LAGE, C. **O corpo interminável**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

von MÜNCHOW, P. **L'analyse du discours contrastive**. Théorie, méthodologie, pratique, Limoges : Lambert Lucas, 2021.

PEREZ, M. E. **Diario de uma princesa montonera**. 2ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Planeta, 2023.

QUINALHA, R.; TELES, E. **Espectros da ditadura**: da Comissão da Verdade ao Bolsonaroismo. São Paulo: Autonomia. Literária, 2020.

SÁ MOTTA, R. P. (Ed.). **Ditaduras militares**: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai. SciELO-Editora UFMG, 2015.

SANTOS, Y. A. B. **Testemunhos autobiográficos no Brasil e na Áustria: uma análise contrastiva de discursos**/Yuri Andrei Batista Santos; orientador Sheila Vieira de Camargo Grillo; coorientador Patricia von Münchow – São Paulo, 2023.

SANTOS, Y. A. B.; TORGA, V. L. M. (2020). Autobiografia e (res)significação. **Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso**, 15(2), Port. 119–144

VIART, D.; VERCIER, B. **La littérature française au présent**. Héritage, modernité, mutations. 2e édition augmentée. Paris: Boras, 2008.

Palavras-chave: Pós-ditadura. Narrativa de filiação. Literatura contemporânea. Memória. Trauma.

DA ESCRAVIDÃO À VIOLÊNCIA POLICIAL: UM ESTUDO DISCURSIVO ENTRE O SOFRER E O PRATICAR CRIMES CONTRA A PELE NEGRA

Aretuza Pereira dos Santos ¹

Mauricio Beck (orientador)²

APRESENTAÇÃO

Constantemente, nos jornais digitais, circulam matérias jornalísticas que retratam os crimes praticados por policiais e resultados de pesquisas que trazem ao público discussões em relação ao modo de agir da polícia militar para com jovens/homens negros, ressaltando que as práticas violentas são maiores a depender da raça e do gênero. Se as abordagens policiais são norteadas pelo viés racial ou não, tais discussões disputam por ocupar um lugar de veracidade, embora o sentido produzido tome direção à cor negra, provocando tensões e conflitos no campo da segurança pública.

Desde sua criação, a polícia está a serviço das classes dominantes, protegendo-os das classes excluídas que eram (são) estigmatizadas e vítimas de preconceito. Silvia Ramos, no livro/relatório³ afirma que a ação policial e o racismo são imbricados promovendo a maioria das mortes da população negra, e que a polícia é o representante do Estado, a mão fardada que promove a violência genocida racial. Louis Althusser, no livro *Sobre a reprodução*, expõe que a dinâmica repressiva no universo militar, “no interior, elas formam seus próprios recrutas, simultaneamente, pela repressão e pela inculcação ideológica; no exterior, agem pela repressão violenta, mas também pela discussão e pela persuasão” (2008, p. 109). Posto isso, indagamos se o problema estrutural da violência policial realmente tem sua matriz imbricada em questões de raça, classe e gênero, ou, é antes a reprodução de uma formação social escravocrata? Se o Estado sempre se utilizou da força da masculinidade para exercer o poder coercitivo sobre as guerras, as massas, o que fazer/dizer quando os agentes negros desse Estado também morrem e bem mais do que os agentes brancos? Para tanto, à luz da teoria materialista que, enquanto prática de compreensão histórica dos processos semânticos, permite compreender como as tensões se processam no campo da linguagem, busco no fio do discurso pistas que auxiliem a compreensão de como e através de que elementos textuais, discursivos e imagéticos emergem as tensões sociais

¹ aretuzapsantos@gmail.com

² mbeck@uesc.br

³ Livro organizado por Silvia Ramos e publicado pelo CESeC. Disponível em: <https://cesecseguranca.com.br/o-cesec/>. Acesso em: 05 jun. 2023.

quando um negro é vitimado por policiais *versus* quando um policial negro é vitimado por outros negros. Desse modo, este estudo centra-se em investigar o racismo (tanto o justificado/silenciado quanto o identificado/criticado) na cobertura jornalística de crimes cometidos e sofridos por policiais.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender como os sentidos se movimentam em torno da denominação racismo e como suas variáveis afloram tensões sociais quando, na cobertura jornalística, eclodem denúncias de violência, tortura e execução a um corpo negro seja de civil ou de militar.

Objetivos específicos

- Identificar aspectos históricos, sociais e ideológicos que determinam as condições de produção e as posições de sujeitos vinculadas às narrativas de crime de cunho racista praticado por policiais militares no Estado da Bahia;
- Distinguir como e através de que elementos textuais, discursivos e imagéticos emergem as tensões sociais quando circula reportagens em que policiais militares do Brasil foram presos ou indiciados por envolvimento em crimes de tortura, racismo e execução contra jovens negros;
- Investigar o funcionamento do discurso que deslegitima a função social da polícia militar enquanto mantenedora da ordem, da paz e da segurança, observando como a linguagem produz sentido na relação com a língua e com a história;
- Verificar o porquê, como e sob quais condições se prolifera a construção imaginária de uma masculinidade violenta e opressora que acomete, majoritariamente, pessoas negras e de gênero masculino;
- Contribuir cientificamente para entender como a linguagem funciona vinculada aos diferentes modos de significar os crimes praticados por policiais militares contra negros e quando são executados por outros negros.

JUSTIFICATIVAS

Durante a redação de minha dissertação (Santos, 2021), observei que o sintagma crime circulava demasiadamente nas vozes dos representantes do Estado e da polícia militar, dos jornais, dos comentários de leitores e nas conversas informais, levando-me a montar um arquivo⁴. Nesse arquivo, interessou-me o fato de que o número de mortes em decorrência de confrontos era majoritariamente de jovens negros periféricos e os policiais envolvidos compunham a base da polícia militar que é constituída, na sua grande maioria, por homens também negros. Homens negros que também sucumbem de forma violenta pelas mãos de outros negros.

Por conseguinte, aliando a História e a Análise do Discurso Materialista, busco investigar e compreender como essas tensões sociais se processam no campo da linguagem. Com efeito, convém ressaltar que para um gesto de leitura é necessário aguçar o olhar aos diferentes modos de ler, enxergar as lacunas do discurso, os equívocos, os espaços em branco na plenitude da textualização, desestabilizando as certezas consolidadas “*aí nada se pode fazer, porque isso é assim*”⁵, dito de outra maneira, *nada podemos fazer porque violências e crimes cometidos por policiais militares (força repressiva do Estado) são assim, sempre foram assim e sempre será assim* nos afetará até quando? É preciso “ousar se revoltar” e ousar a pensar nestas feridas sociais. De modo a não se circunscrever a comparações dissociadas, mas promover uma leitura que possibilite refletir em torno de novos caminhos e sentidos para uma erradicação ou redução efetiva dos índices de crimes contra negros cometidos pela polícia militar no Estado da Bahia. Assim, contribuir à formação social brasileira, a qual as pessoas negras são as principais vítimas da violência letal e do racismo estrutural, são alvos de tiros, e não são ocupantes de posições sociais privilegiadas, valorizadas e remuneradas. Logo, essa pesquisa poderá não resolver o problema estrutural da violência policial, mas se pautada nos princípios éticos, poderá beneficiar toda uma sociedade.

APARATO TEÓRICO

Nesta perspectiva teórica, destaca-se que o discurso é o efeito de sentidos entre locutores em dadas condições de produção histórica; o sujeito do discurso é interpelado ideologicamente e sua prática discursiva demonstra uma relação constitutiva com o imaginário que o afeta; a

⁴ No momento, não coube um aprofundamento dessa discursividade. Vale destacar que a importância do arquivo enquanto documento, ele não se circunscreve apenas como um amontoado de textos com fins de diário histórico, e, sim, como um acontecimento histórico e discursivo, do qual aquilo que não é dito também faz sentido.

⁵ Atuar como policial militar no Estado da Bahia desde 1999 permitiu-me registrar vários dizeres em relação aos problemas enfrentados no cotidiano do policial tanto por policiais quanto civis.

interpelação (assujeitamento) se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva que compreende a materialização na linguagem da formação ideológica que o domina; o assujeitamento pressupõe um desdobramento em diferentes modalidades de identificação com a forma-sujeito da formação discursiva; e o sujeito é a posição que se assume no discurso, da qual sujeito e sentido se constituirão ao mesmo tempo. Ao significar, o sujeito materializa, pela língua e pela história, a formação discursiva correlata à formação ideológica (ideologia) que o coloca em suas posições, no entanto, essas formações discursivas disfarçam seu próprio caráter contraditório, que através dos elementos do interdiscurso, pode vir à tona. As contradições em torno dos saberes (pode/ não pode, deve/não deve, dizer/não dizer) são fatos constitutivos de toda formação discursiva sob a dominação de determinada formação ideológica e que remetem a filiações de sentidos inscritos na história social.

Gadet e Pêcheux (2004, p.55), no livro *A língua inatingível* afirmam que o real da língua “não é costurado nas suas margens como uma língua lógica: ele é cortado por falhas, atestadas pela existência do lapso [...]”, logo, se a falha, o deslize, o equívoco, a ambiguidade são partes constitutivas da língua e o sentido emerge do interior da sintaxe, quais mecanismos podem contribuir para a compreensão de como os sentidos se constituem, como são formulados, como circulam e como os sentidos silenciados significam no jogo ideológico daquilo que não é dito mas faz sentido, sobretudo, quando parece ser o racismo uma engenharia social muito mais forte no pós-abolição?

METODOLOGIA

Nesta pesquisa, do ponto de vista histórico, investigarei de qual forma a historiografia retrata através de relatos, literaturas, discursos e imagens as práticas violentas sofridas e praticadas pelos negros. Interessa-me compreender como foram construídos os discursos sobre a escravidão e quais impactos na contemporaneidade, tencionando as versões oficiais. Além de investigar quem foram os primeiros soldados, como eram recrutados e qual o ponto de intersecção entre soldados e escravos na Bahia. O que resta da escravidão nas práticas violentas da polícia militar e/ou do Estado na tratativa com as pessoas de pele negra após 136 anos de abolição? Há uma continuação do escravagismo na relação conflituosa entre polícia, política e corpos negros?

Do ponto de vista materialista, buscarei analisar quais elementos textuais, discursivos e imagéticos denunciam e/ou retomam o período escravocrata, observando as lacunas do discurso, os equívocos, os espaços em branco na plenitude da textualização e desestabilizando as certezas consolidadas em relação às ações policiais militares – noticiadas em jornais virtual e físico - diante de abordagens violentas, de torturas, de mortes em decorrência de confronto e de agressões moral, verbal e física. Além de problematizar o emprego das expressões “auto de resistência”, “legítima

defesa” e “morte em decorrência de confronto”. Diante disso, observarei também como se processa o funcionamento discursivo e as produções de sentidos em torno dos dizeres que se materializam nos comentários dos leitores quando divulgada a notícia.

No arquivo que venho construindo, observo algumas similitudes nas práticas de violência contra corpos negros que também são executados por policiais negros tanto em países como os Estados Unidos quanto no Brasil. Logo, é necessário questionar a função social da polícia militar, a militarização, o poder da/de polícia, o racismo institucional, uma vez que há países que não têm força policial militarizada e a estatística de violência é menor. E, sobretudo, investigar até que ponto o Estado contribui e/ou contribuiu à construção imaginária de uma masculinidade com implicações violentas, já que no passado o Estado estimulou uma masculinidade violenta para que os homens participassem das guerras. Com efeito, interessa-me compreender se o crescente número de violência praticada por policiais de gênero masculino, majoritariamente, negros contra jovens/homens também do gênero masculino tem raízes no poder violento e opressor de origem colonial com imbricações em questões de raça, classe e gênero?

É importante destacar a escassez de literaturas que fazem referência à morte de policiais negros, tal fato, aguça meu interesse em investigar discursivamente até que ponto o apagamento está associado à falta de políticas de segurança pública, a questões de desigualdades sociais e raciais, ou, ao fato de que os soldados são originários de escravos. Tal fato pode configurar uma denuncia e/ou constatação de que policiais negros ao ocupar postos mais baixos da corporação, reproduz a perpetuação do racismo estrutural e da violência sofrida pelos primeiros policiais: “Africanos livres” (NASCIMENTO, 2016, p.79) e “homens não-brancos recrutados à força entre os “criminosos”, “vagabundos” e elementos perigosos das classes inferiores da sociedade” (KRAAY, 2011, p.95). Desta forma, a violência à pele negra, de modo geral, parece sobrepor quando praticada pelos agentes do Estado, haja vista que, no universo de violência sofrida por policiais, estão os policiais de pele negra.

Com efeito, também, buscarei investigar aspectos históricos, políticos e ideológicos em relação a mortes de policiais negros e a violência policial aos negros, observando se o aumento tem alguma relação com a gestão de governo de cada período e qual a relação com o período escravocrata. Interessa-me compreender, no campo discursivo, como o corpo negro no período escravocrata era violentado, amarrado, torturado, assassinado, assim como quem era seus algozes e sob quais condições esses crimes eram cometidos, observando quais práticas se repetem na contemporaneidade. Quais regularidades das práticas discursivas dos sujeitos agressores?

Inicialmente, pretendo pesquisar matérias jornalísticas do período vigente da escravidão - com ênfase ao desenvolvimento da imprensa no Brasil, com a chegada da família real em 1808

- e da atualidade, já que o racismo parece ser uma engenharia social muito mais forte no pós-abolição.

Diante do exposto, cabe pontuar que o aparato teórico-metodológico em AD perpassa por diferentes etapas de análise e procedimentos que compreendem a superfície linguística, o objeto discursivo e os processos discursivos, com a finalidade de chegar à compreensão de como a linguagem produz sentido na relação com a língua e com a história, conforme estabelecido pelo dispositivo de análise proposto por Pêcheux e Fuchs (1975) e Pêcheux (1973). Posto isto, promoverei a descrição e interpretação dos recortes discursivos, a fim de efetivar as análises. Cabe destacar que o sujeito analista também é afetado pela ilusão e seus gestos interpretativos são concernentes à natureza de sua posição, de modo a não ter acesso a todas as possibilidades do dizer, haja vista o sujeito significar pela língua e pela história. De acordo a proposta, o analista do discurso buscará na primeira etapa operacionalizar no limite da superfície do texto, examinando de qual maneira, nos recortes, as regularidades estão organizadas (ou não) com relação aos aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos; na segunda, após ultrapassar o limite da superfície, retirar o discurso da linearidade linguística em qual se apresenta, por meio da parafraseagem, analisando outras possibilidades do dizer e de formalizar o que está sendo enunciado, dessa forma, anula-se a ilusão de nº 2, a enunciativa, na qual se estrutura a sequência discursiva e o sujeito ao falar o faz de uma maneira e não de outra. Esses procedimentos permitem identificar os elementos constitutivos do interdiscurso (pré-construído e articulação) e acessar as formações discursivas; na terceira, de posse do *corpus discursivo* constituído, poderá compreender como se instaura o assujeitamento, as posições ideológicas e as condições contraditórias do modo de reprodução/transformação das relações sociais, e como a materialidade linguística produz sentidos e de que maneira se processa o funcionamento do discurso. Vale pontuar que a construção metodológica em Análise do Discurso não é um trajeto linear, nem óbvio, nem transparente, no entanto, constrói-se em constantes retornos, do qual o analista poderá entrelaçar o discurso, a língua, o sujeito e os sentidos. Nela não se procura o que estaria atrás do texto, nem o que o texto quer dizer, mas como o discurso produz sentidos através da materialidade linguística.

DISCUSSÃO

Pretendo promover discussões que possibilitem refletir em torno de novos caminhos e sentidos para uma erradicação ou redução efetiva dos índices de crimes de cunho racista cometidos pela polícia militar no Estado da Bahia, bem como sofrido por policiais negros. Nesse sentido, possibilitar reflexões sobre as desigualdades sociais, a desvalorização da vida das maiorias trabalhadoras, negras e periféricas, as tensões da sociabilidade capitalista em um país de

formação escravista. Além de tencionar se as execuções de pessoas negras cumprem um papel de "ilustração"/"revelação" dessas violências históricas administradas.

Em relação aos primeiros gestos analíticos⁶ é possível afirmar que a cor que se apaga é a cor negra, que suscita, no imaginário social, sentidos de denúncia em relação aos policiais que se utilizam de corpos negros como alvo letal, um ponto que se mira, fazendo emergir a materialidade denunciante: “*se não é um alvo (branco), extermina-se*”.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Editorial Presença: Martins Fontes, 1970.

ALTHUSSER, Louis. De O Capital à Filosofia de Marx *In*: ALTHUSSER, L.; RANCIÈRE, J.; MACHEREY, P. **Ler O Capital**, volume 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Editora: Vozes, 2008.

ALEXANDER, Michelle. **A nova segregação: racismo e encarceramento em massa**. São Paulo: Boitempo, 2017.

BUTLER, Judith P. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** Trad. Sergio Lamarão e Arnaldo Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, Judith P. **A força da não violência: um vínculo ético político**. SP: Boitempo, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Trad. Ligia Fonseca e Regina Salgado. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

BECK, Mauricio; ESTEVES, Phellipe. M. da. O sujeito e seus modos – identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. **Revista Leitura**, Maceió, n.50, jul./dez. 2012, p. 135-162.

BECK, Maurício; FONSECA, Rodrigo Oliveira; SANTOS, Aretuza Pereira dos. Recortes discursivos, paradigma indiciário e procedimentos contraindutivos. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p.153-171, jan./abr. 2019.

DALLARI, Dalmo. Polícia: a política implícita. *In*: PEDROSA, Regina C. **Estado autoritário e ideologia policial**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2005.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Tradução de Fernando Scheibe. 1ª Reip. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

⁶ Análises que compõem artigos publicados em livros e apresentados em eventos.

FERREIRA, Fred Aganju Santiago. MAAFA: **Políticas de morte no contexto da guerra racial de alta intensidade na Bahia contemporânea** 352f. il. 2020. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. Dois Saussure? *In*: GADET, F; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2004.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. *In*: GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise; ROBIN, Régine. **Discurso e arquivo: experimentações em Análise do Discurso**. Tradução de Carolina P. Fedatto & Paula Chiaretti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

KRAAY, Hendrik. **Política racial, estado e Forças Armadas na época da independência: Bahia, 1790-1850**. São Paulo: Hucitec, 2011.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi [et al.] Campinas: Unicamp, 2009 [1975].

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Orlandi. 5ª Edição. Campinas, SP: Pontes, 2008 [1983].

PÊCHEUX, Michel. (2013) Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. Tradução portuguesa de Guilherme Adorno e Gracinda Ferreira. **Revista Décalages**, Vol. 1 [2013], Iss. 4, Disponível em: <http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15>.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas [1975]. Tradução Pérciles Cunha. *In*: GADET, F.; HAK, T.(org). **Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora Unicamp, 2014 [1975].

RAMOS, Silvia et al. **Pele alvo: a cor que a polícia apaga**. Rio de Janeiro: Rede de Observatórios da Segurança/CESeC, 2022. Disponível em: <https://cesecseguranca.com.br/wp-content/uploads/2022/11/Pele-alvo-2.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SANTOS. Aretuza Pereira (2021). **A greve da polícia militar da Bahia no campo do discurso: disputas pelo sentido**. Campinas, SP: Pontes Editores.

PALAVRAS-CHAVE: Polícia Militar. Racismo. Violência. Sentidos. Ideologias.

DO LIVRO À TELA: A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS EM ADAPTAÇÕES DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA O AUDIOVISUAL

Karen Vieira Ramos¹

Marlúcia Mendes da Rocha (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

À luz da concepção barthesiana entendemos que, embora estejam formatadas em materialidades distintas, as narrativas fazem parte do próprio percurso da humanidade. Seja na linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto, pelos mitos, lendas e fábulas, contos, novelas, epopeias, histórias, tragédias, vitrais, produtos audiovisuais e pinturas, “a narrativa está aí, como a vida” (Barthes, 2013, p. 19). A partir dessas inúmeras formas, sabemos que boas histórias fazem parte do mundo, mobilizando-nos e evidenciando vozes de personagens e o que elas representam.

Outrossim, é preciso reconhecer que em tempos marcados não só pelo alto consumo de séries, filmes e podcasts ficcionais em plataformas de streaming, mas também pelo uso criativo de plataformas generativas de Inteligência Artificial, a profusão de narrativas fica ainda mais acentuada. Nesse contexto, evidenciamos as adaptações literárias que, na história dos processos midiáticos, conectaram literatura e audiovisual. Apesar de ainda serem vistas como processos menos importantes, as adaptações para qualquer suporte são reconhecidas como estratégias relevantes para a geração de acessibilidade aos textos literários ou, até mesmo, para seu escoamento e divulgação, despertando assim o interesse de potenciais leitores. Por essa razão, tomamos como pressuposto a importância dos produtos audiovisuais adaptados da literatura para a sua difusão e formação de leitores, além de impulsionar a leitura das obras originais.

Nesse sentido, investigaremos as protagonistas e a construção de suas subjetividades a partir dos seguintes processos de adaptação: o romance *A costureira e o cangaceiro*, de Frances de Portes Peebles (2009) e a sua adaptação fílmica *Entre irmãs* (2017), dirigida por Breno Silveira; o romance policial *Bom dia, Verônica*, de Ilana Casoy e Raphael Montes (2022)³, e a série homônima dirigida por José Henrique Fonseca (2020); assim como *Uma família feliz*, livro escrito por Raphael Montes (2024) e dirigido por José Eduardo Belmonte (2024).

A investigação desses produtos audiovisuais envolve a exploração de elementos ilustrativos verbais e não verbais, em materialidades distintas, que contribuem para a compreensão das personagens a partir de uma perspectiva interseccional, visto que a lógica binária

¹ kvramos@uesc.br.

² mmrocha@uesc.br.

³ O primeiro lançamento de *Bom dia, Verônica* foi publicado sob a autoria do pseudônimo Andrea Kilmore em 2019.

não dá conta das diferentes formas de construção das personagens, sua subordinação e resistência, isto é, “[...] uma abordagem dualista obscurece a possibilidade de que aquilo que descrevemos como o que há de comum entre as mulheres está entrelaçado com o que há de diferente entre elas” (Nicholson, 2000, p. 26-27).

Portanto, partimos do princípio de que, ao serem transpostas para os produtos midiáticos, as obras acentuam construções de personagens distintas sobre o que é ser mulher, as várias formas de opressão e estratégias de negociação, além da existência de rasuras aos códigos morais no contexto de cada obra. Além disso, nossa hipótese é que, nessas representações, as relações com outras mulheres são determinantes para a construção das subjetividades destas personagens.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender a construção das personagens e sua transposição do texto para a tela em processos de adaptação do gênero literário para o audiovisual, nos romances *O cangaceiro e a costureira*, de Frances de Pontes Peebles (2009), *Bom dia, Verônica*, de Ilana Casoy e Raphael Montes (2022) e *Uma família feliz*, de Raphael Montes (2024).

Objetivos específicos

- Investigar como as características das personagens Emília, Luzia, Verônica, Janete e Eva foram descritas nos textos e expostas na tela, por meio de elementos ilustrativos verbais e não verbais, observando a construção de suas subjetividades;
- Analisar os produtos audiovisuais selecionados, considerando as adaptações para as produções ficcionais do audiovisual, identificando os recursos visuais e sonoros que transpõem a sua caracterização;
- Refletir sobre como as relações de gênero fazem parte da construção das personagens — como são representadas as relações de subordinação e estratégias de negociação — a partir dos diversos marcadores e categorias de gêneros.

JUSTIFICATIVAS

Os estudos sobre adaptação têm despertado crescente interesse dos pesquisadores, sejam como fenômenos de intermedialidade, como tradução ou transposição intersemiótica. Diversas áreas exploram o tema: literatura comparada, estudos de tradução, semiótica, estudos das mídias, intermedialidade e interartes (Aguiar; Queiroz, 2016). Ao investigar o campo e as análises já

realizadas, identificamos a incipiência de reflexões acerca de obras adaptadas pautadas pelas questões de gêneros, especialmente voltadas para o universo feminino.

Em contrapartida, é notável o interesse de diretores e roteiristas por produções da literatura brasileira. Os textos literários sempre foram fonte de inspiração para produções audiovisuais, o que contribui para a divulgação de tais obras e a formação de novos leitores. Com a obrigatoriedade de produções nacionais em todos os canais e plataformas de *streaming*, encontra-se na riqueza das histórias já contadas pela literatura nacional um chamado à transposição de linguagens. A difusão da obra literária é expandida com o lançamento do produto como série ou filme. Esse processo acaba sendo um difusor significativo da literatura. Defendemos, portanto, que a existência de obras adaptadas disponíveis em plataformas de *streaming* pode promover a difusão dos textos na medida em que favorece a criação e o consumo de produtos complementares e associados às produções audiovisuais, expandindo assim a experiência da leitura.

APARATO TEÓRICO

No campo de estudo da adaptação, considera-se desnecessária a fidelidade entre produtos literários e audiovisuais (Hutcheon, 2011; Seger, 2007; Stam, 2008). Silvia Maria Guerra Anastácio (2006, p. 67) afirma que “[...] flexibilidade é a palavra-chave para abordar a questão da adaptação fílmica hoje”. Olga Curado (2017) acrescenta que a singularidade de cada meio permite à literatura ser transposta para outros meios, dando espaço a interpretações e atualizações de sentido. Linda Hutcheon (2011) entende as adaptações como obras “palimpsestuosas”, assombradas pelos textos adaptados, conforme Genette (1982) apregoa.

Esta pesquisa fundamenta-se em três eixos de estudo: nas relações entre adaptação e cronotopo; na interface entre corpo e interseccionalidade; e nos fundamentos da linguagem audiovisual.

Adaptação e dimensão cronotópica

Julio Plaza (2013, p. 71), apropriando-se dos estudos de tradução de Roman Jakobson, investiga a “tradução intersemiótica” ou “transmutação”, processos de reinterpretação e transação sógnica de signos verbais em não verbais e vice-versa, como formas de “traduzir criativamente”. Por sua vez, Hutcheon (2011) apresenta a adaptação como tradução ou transcodificação entre sistemas, uma vez que os processos de adaptação são marcados por passagem transcultural entre lógicas e culturas. A autora prefere usar a expressão “texto adaptado”, termo puramente descritivo, em vez de falar em “fonte” ou “original”, pois compreende as adaptações como “[...] revisitações deliberadas, anunciadas e extensivas de obras passadas” (Hutcheon, 2011, p. 15).

Além disso, concordamos com Hutcheon (2011, p. 14) que os “[...] denominadores comuns entre mídias e os gêneros são tão reveladores quanto as diferenças mais significativas” e que as diversas versões de um texto coexistem lateralmente e não de modo vertical.

Lars Elleström (2017, p. 93) explora a adaptação como transposição midiática ou *Medienwechsel*, identificando que há transformação midiática “[...] quando um romance pode ser identificado como uma fonte de um filme, apesar de a narrativa ter sido resumida e de terem sido acrescentadas qualidades icônicas”. O autor sugere que a intermedialidade promove as relações e fronteiras entre mídias diversas, reconhecendo suas similaridades e diferenças: “Todas as mídias são multimodais e intermediais” (Elleström, 2017, p. 11).

Robert Stam (2008, p. 24) entende as adaptações como forma de *canibalização*: “Em termos históricos e de gênero, tanto o romance quanto o filme têm consistentemente canibalizado gêneros e mídias antecedentes”. O cinema, enquanto linguagem, condensa diversas formas de expressão, transformando-as. Além disso, amplia o texto-fonte através de múltiplos intertextos (Stam, 2013). A noção de intertextualidade é primordial para compreender os processos de adaptação visto que concatena textos a sistemas de representações diversos, pois “[...] para discutir a relação de uma obra com suas circunstâncias históricas, devemos situar o texto no interior de seu intertexto, para então relacionar tanto o texto como o intertexto a outros sistemas e séries que constituem o seu contexto” (Stam, 2013, p. 227).

Ao adotar uma perspectiva baseada no dialogismo intertextual, Stam (2008) reforça uma postura menos discriminatória em relação aos processos adaptativos. A reflexão que entende a adaptação enquanto ampliação do texto-fonte está alinhada com a noção de “compreensão adicional” proposta por Jenkins (2008, p. 169), apropriada de Neil Young. Ainda que a análise de Jenkins (2008) se reporte aos processos de narrativas transmídia, nos apropriamos da possibilidade de compreender a adaptação enquanto processo intermedial, no qual elementos inseridos na obra audiovisual podem auxiliar na compreensão da obra literária. Em outras palavras, o produto adaptado constitui-se como extensão do texto-fonte, ampliando o enredo e favorecendo a compreensão narrativa.

O entendimento das adaptações literárias como canibalização de mídias anteriores (Stam, 2008) se alinha à ideia de que tais obras são transculturais, com mudanças de tempo, lugar e significados. Elas transformam obras passadas para novos contextos, resultando em produtos híbridos (Hutcheon, 2011). Ao avançar nesta perspectiva, constatamos uma relação significativa entre o processo adaptativo e as dimensões cronotópicas presentes na cadeia produtiva do audiovisual. Para Stam (2013, p. 228), “[...] o cronotopo realiza a mediação entre duas ordens de experiência e discurso, a histórica e a artística, provendo ambientes ficcionais nos quais constelações de poder historicamente específicas são tornadas visíveis”. O cronotopo pode ser entendido como concentração dos “[...] indícios do espaço e do tempo, num todo apreendido e concreto [...]”, que se torna visível, e no qual “[...] o espaço se intensifica, incorpora-se ao

movimento do tempo, do enredo e da história” (Bakhtin, 2018, p. 11).

Ademais, como categoria conteúdo-forma, é no cronotopo que o tempo e o espaço são visivelmente materializados, trazidos à tona, dando vida ao enredo. De acordo com Bakhtin (2018, p. 217): “A arte e a literatura estão impregnadas de valores cronotópicos de diferentes graus e dimensões. Cada motivo, cada elemento da obra ficcional a ser destacado é um valor”. Já Santos (2023) realiza a subcategorização do conceito bakhtiniano de cronotopo, separando o cronotopo externo do relato e o cronotopo dos fatos relatados, auxiliando na melhor compreensão das dimensões cronotópicas de qualquer obra artística a ser analisada. Essas subcategorias nos auxiliam a compreender o adensamento do tempo e do espaço no processo de adaptação: o contexto de produção das produções literárias e audiovisuais; a dimensão tempo-espaço representada na estrutura dos romances e no roteiro dos produtos; e, finalmente, a construção das personagens.

Corpo, interseccionalidade e diferentes formas de subordinação

Optamos por interpretar as personagens a partir da perspectiva interseccional, definição cunhada por Kimberlé Crenshaw e ampliada por Patricia Hill Collins (2017), Adriana Piscitelli (2008) e Nicholson (2000). Além disso, consideramos relevantes os estudos sobre a política dos corpos, assujeitamento das mulheres e padrão moral dos seus gestos, conforme os trabalhos de Corbin, Courtine e Vigarello (2008, 2009), Schmitt (1995) e Bento (2017). Neste trabalho, compreendemos o gênero como a criação social de ideias sobre os papéis apropriados aos homens e mulheres (Scott, 1995) e como categoria analítica de relações de poder (Almeida, 2015).

Sob a perspectiva interseccional, são múltiplos sistemas de poder que agem de forma sinérgica (Patricia Hill Collins, 2017, p. 11). Adriana Piscitelli (2008) afirma que a interseccionalidade é aberta para examinar processos distintos de subordinação das mulheres. Estudos sobre interseccionalidade formulam propostas de intervenções para alterar desigualdades (Piscitelli, 2008). Localização, raça, classe e religião são marcadores de diferenças entre mulheres. A condição de opressão pode conformar trajetórias contraditórias (Piscitelli, 2008) que podem ser observadas nas personagens a serem analisadas neste projeto.

A construção do ideal do feminino relaciona-se, em oposição, ao masculino. Jean-Claude Schmitt (1995) discorre sobre o gestual como manifestação de valor moral, refletindo na construção de personagens. A história do corpo é fundamental para compreender expressões e comportamentos em contextos específicos (Bento, 2017; Corbin; Courtine; Vigarello, 200). Berenice Bento (2017) defende que o gênero é construído em uma tecnologia social heteronormativa, operada por instituições diversas, produzindo e reproduzindo binariedades, baseadas em discursos de “naturalidade”. Performatividades de gênero fora dessa estrutura são marginalizadas. Todos somos conduzidos por padrões morais, sem corpos livres de investimentos

discursivos (Bento, 2017), e, sendo assim, a construção de personagens reflete comportamentos e gestos de acordo ou em desacordo com o código moral do contexto.

Além do mais, Bento (2017), assim como Klinger (2008), utiliza a teoria da performatividade de Judith Butler para compreender a performance de gênero como uma atribuição adquirida. Nesse sentido, é imprescindível observar “a ficção regulatória” que orienta a performatividade por meio da repetição de padrões. Para Bento (2017, p. 86), apoiada em Judith Butler, a história dos gêneros está diretamente ligada à “prática cotidiana das reiteraões” e, sendo assim, é por meio da visibilidade do corpo — dos gestos, olhares e tudo que o compõe — que o próprio gênero é forjado.

Linguagem audiovisual

Todas as formas da linguagem audiovisual estão relacionadas à primeira mídia que propiciou que a humanidade usufruisse das imagens em movimento: o cinema. Sendo assim, para efetuar qualquer análise audiovisual, é preciso utilizar elementos da linguagem cinematográfica. Primordialmente, é preciso reconhecer como a linguagem do cinema possui relação com o código perspectivista renascentista. No Renascimento, entre as invenções artísticas, a perspectiva unilocular foi significativa. Tratava-se da fixação do espaço tridimensional em uma superfície bidimensional, adaptando as características originais da natureza a um código cultural, que iria propagar-se rapidamente a partir do século XV. O uso da perspectiva unilocular na produção de imagens significou o domínio da natureza pela ascendente burguesia, com a busca da organização do olhar e tentativa de ordenação de todos os objetos num espaço pictórico organizado a partir de um ponto central, o ponto de fuga. Este ordenamento influenciou a história da produção de imagens no ocidente e todas as possibilidades técnicas de produção (fotografia, cinema, televisão, audiovisual).

Para explorar os elementos da linguagem audiovisual que são configurados a partir do código perspectivista unilocular, recorreremos à história do estilo cinematográfico, conforme os trabalhos de David Bordwell (2008, 2013) e Fernando Mascarello (2012), e aos elementos da *mise en scène*, direção e montagem do cinema, apresentados por Michael Rabiger (2007), Ken Dancyger (2007), Oliveira Junior (2013) e Marcel Martin (2013). Além disso, as reflexões referentes à construção das personagens, ancoradas nos pensamentos de Campbell (1999) e Vogler (2015), serão incorporadas aos estudos sobre roteirização de Robert McKee (2006) e à complexidade narrativa televisiva de Jason Mittell (2012).

METODOLOGIA

Este estudo, de cunho qualitativo, foi iniciado com pesquisa exploratória visando a escolha do *corpus* a ser analisado. A seleção da amostra foi iniciada pela observação de dados disponíveis na listagem dos filmes brasileiros⁴ lançados comercialmente entre os anos de 2017 e 2023.⁵ Para o recorte, usamos como critérios produtos lançados nos últimos sete anos, que possuíssem obras literárias como texto-fonte e que fossem marcadas pelo protagonismo feminino. Buscamos, nas plataformas de streaming Netflix, Globoplay e Prime, filmes e produções seriadas que atendessem às mesmas diretrizes.

Por se tratar da análise da transposição de linguagens, devemos entender que as adaptações passam por processos de transposição de códigos compartilhados. David Bordwell (2008), ao tratar do estilo de diretores cinematográficos e das instâncias que compõem a *mise en scène*, chama a atenção para como as narrativas filmicas estão amparadas e traduzidas em tela, não somente por meio do texto — com a presença do narrador em *voice over* ou dos diálogos e textos roteirizados para os artistas. Tudo o que gira em torno da narrativa, do mundo da história (a *diegese*), é transposto não somente para o roteiro, mas está no universo da imagem e do som, da escala de planos ao tema musical. Estes elementos compartilhados produzem ganhos na recepção: “Sem interpretação e enquadramento, iluminação e comprimento de lentes, composição e corte, diálogo e trilha sonora, não poderíamos apreender o mundo da história” (Bordwell, 2008, p. 58). Ou seja, ainda que os produtos audiovisuais sejam criações subjetivas dos diretores e de todos os setores que conformam a constituição da *mise en scène* e estejam subjugados à função denotativa de narrar a história, os processos de produção cinematográficos precisam atender a funções expressivas, simbólicas e decorativas dos elementos que participam do universo criativo do cinema (Bordwell, 2008). Todas essas funções nos interessam no percurso da análise.

As obras selecionadas passarão por duas etapas de análise: I) coleta de dados nas narrativas textuais e filmicas; e II) procedimentos de decodificação e interpretação. A análise filmica, método flexível para a observação de produtos audiovisuais, está baseada nas propostas de Aumont e Marie (2009), Bordwell (2008), Chion (2016), Julier e Marie (2009), Metz (1972), Rabiger (2007) e Vanoye e Goliot-Lété (2009). A construção de personagens será o operador inicial que servirá de diretriz para as análises. Um inventário sistemático de elementos ilustrativos nos produtos audiovisuais em relação ao texto literário está sendo realizado. As negociações entre textos e produtos audiovisuais serão analisadas a partir dos arquétipos e trajetórias dos protagonistas tais quais vistas em Campbell (1999) e Vogler (2015).

4 Considera-se filme brasileiro a produção que possui o Certificado de Produto Brasileiro (CPB).

5 Os dados podem ser encontrados no site da Agência Nacional de Cinema (ANCINE). Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/cinema->.

DISCUSSÃO

Entre 2023.1 e 2024.1, a pesquisa *Do livro à tela: a construção de personagens femininos em adaptações de textos literários para o audiovisual* avançou, conectando literatura, audiovisual, estudos de gênero e interseccionalidade. Excluímos as relações entre irmãs do processo de investigação após analisarmos o processo de adaptação de *A costureira e o cangaceiro*. As primeiras observações sobre subordinação e negociações das personagens, sob a perspectiva da interseccionalidade, foram realizadas a partir das obras e adaptações de *A costureira e o cangaceiro* e *Bom dia, Verônica*. A dimensão cronotópica de Bakhtin (2018) foi basilar para entender os processos de adaptação, bem como a jornada do herói, de Vogler (2015), foi essencial para compreender a construção das personagens. Na próxima etapa, avançaremos nas análises, identificando índices temáticos a partir de cada personagem.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Tradução de Marcelo Félix. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.
- AGUIAR, Daniella; QUEIROZ, João (org.) **Tradução, transposição e adaptação intersemióticas**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016
- ALMEIDA, Alvanita. **Mulheres em seriados: configurações**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. **A criação de Orlando e sua adaptação fílmica: feminismo e poder em Virgínia Woolf e Sally Potter**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 19 - 62
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**. Sexualidade e gênero na experiência transexual. Salvador: Editora Devires, 2017.
- BOM DIA, Verônica. Direção: José Henrique Fonseca. Roteiro adaptado: Ilana Casoy e Raphael Montes. São Paulo: Zola Filmes; Original Netflix, 2020. Série. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80998551?trackId=14170287>. Acesso em: 15 maio 2024.
- BORDWELL, David. **Figuras traçadas na luz: a encenação no cinema**. Campinas: Papirus, 2008.
- _____. **Sobre a história do estilo cinematográfico**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CASOY, Ilana; MONTES, Raphael. **Bom dia, Verônica**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CHION, Michel. **A audiovisual**. Som e imagem no cinema. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2016.
- COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 6-17, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559/506>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História do Corpo**: 1. Da renascença às luzes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CORBIN, Alain. **História do Corpo**: 2. Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CORBIN, Alain. **História do Corpo**: 3. As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CURADO, Maria Eugênia. Literatura e Cinema: adaptação, tradução, diálogo, correspondência ou transformação? **Revista Temporis[ação]**, Cidade de Goiás, v. 9, n. 1, p. 88-102, 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/5990/4093>. Acesso em: 8 jan. 2023.
- DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- ENTRE irmãs. Direção: Breno Silveira. Produção: Breno Silveira. Recife: Conspiração Filmes; Globo Filmes (co-produção), 2017. 1 vídeo (135 min).
- ELLESTRÖM, Lars. **Midialidade**: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**: la littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- JULIER, Laurent; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: Senac, 2009.
- KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Salvador, v. 10, n. 12, ' 11-30, 2008. Disponível em:

<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/178/181>. Acesso em: 5 mai 2024

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

MASCARELLO, Fernando (org.). **História do cinema mundial**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2012.

METZ, Christian. **A significação do cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MCKEE, Robert. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

MITTELL, Jason. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. **MATRIZES**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 29-52, 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/38326>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MONTES, Raphael. **Uma família feliz**. São Paulo: Compainha das Letras, 2024.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/11167>. Acesso em: 3 mar. 2023.

OLIVEIRA JUNIOR, Luiz Carlos. **A mise en scène no cinema**: do clássico ao cinema de fluxo. Campinas: Papirus, 2013.

PEEBLES, Frances de Pontes. **A costureira e o cangaceiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247/4295>. Acesso em: 4 mar. 2023.

RABIGER, Michael. **Direção de cinema**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2007.

SANTOS, Yuri A. B. **Testemunhos autobiográficos no Brasil e na Áustria**: uma análise contrastiva de discursos. 2023. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-27022024-155711/publico/2023_YuriAndreiBatistaSantos_VCorr.pdf. Acesso em: 3 mar 2024

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 11 jan. 2023.

SEGER, Linda. **A arte da adaptação**: como transformar fatos e ficção em filme. São Paulo: Bossa Nova, 2007.

SCHMITT, Jean Claude. A moral dos gestos. *In*: SANT'ANNA, Denise Gernuzzi. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema**: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. **Introdução à teoria do cinema**. 5 ed. Campinas: Papirus, 2013.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTE, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papirus, 2009.

VOGLER, Cristopher. **A jornada do escritor**: estrutura mítica para escritores. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2015.

Palavras-chave: Adaptação. Interseccionalidade. Linguagem Audiovisual.

SAPATONIZANDO O CÂNONE, REELABORANDO AFETOS: FORMAÇÃO DE SUBJETIVIDADES DE MULHERES LÉSBICAS EM “AMORA”, DE NATÁLIA BORGES POLESSO

Leonardo Silva Vieira¹

Valéria Amim (orientadora)²

Ana Paula Garcia Boscatti (co-orientador)³

APRESENTAÇÃO

Pensar a literatura fora do armário e elaborar um babado lésbico significa lançar olhares que perturbam perspectivas heteronormativas, refutam discursividades que colocam sujeitos dissidentes em contextos de invisibilidades por rasurarem normas sociais.

A partir desta percepção, e em diálogo com discussões que repensam perspectivas sobre identidades, ao questionarem as noções que a entende como algo fixo, estático, esta proposta de pesquisa está centrada no intento de desenvolver uma análise dos processos de formação de subjetividades de mulheres lésbicas, a partir da produção literária da Natália Borges Polezzo, tomando como *corpus* de análise, inicialmente, o livro de contos intitulado *Amora* (2015). Baseado na figuração das personagens lésbicas, a proposta problematiza se o modo como essas personagens foram construídas refutam um conceito de identidade essencialista e engessada, ou se, ao contrário, caem nas armadilhas da identidade fixa.

Dessa forma, o projeto de pesquisa se constrói a partir do seguinte questionamento: Como se dão os processos de formação de subjetividades de mulheres lésbicas a partir da figuração das personagens lésbicas na obra *Amora* (2015) de Natália Borges Polezzo?

Sem dúvida, produções literárias com temáticas que problematizam as normatividades de gênero, com representações de identificações outras, criam espaços de resistência aos discursos instaurados em normatividades. Resta-nos pensar sobre os modos desta representação, problematizando se a forma como personagens lésbicas são representadas na literatura têm dialogado com perspectivas que pensam a multiplicidade do eu, se questiona essencialismos ou, ao contrário, se reproduz discursividades que engessam as experiências dos sujeitos, enquadrando em caixinhas identitárias as

¹ leobdo22@hotmail.com (Bolsista CAPES).

² vamim@uesc.br

³ anapgarciaboscatti@gmail.com

vivências/experiências lésbicas.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar, à luz dos Estudos Transviados, e por meio de uma abordagem bibliográfica, os processos de formações de subjetividades de mulheres lésbicas a partir da figuração de personagens do livro de contos *Amora*, de Natália Borges Polesso.

Objetivos específicos

- Discutir os conceitos de representação, identidade e formação de subjetividades, problematizando e refutando os equívocos sobre as ideias de identidade fixa e estática, trilhando pelos percursos dos Estudos Transviados.
- Analisar o modo como a figuração de personagens lésbicas na literatura de Natália Borges Polesso consolida processos de configurações transviadas e possibilita uma leitura de sujeito múltiplo, em devir, amparado em pesquisa bibliográfica, a partir do entrelaçamento dos textos teóricos e análise dos textos literários.
- Discutir os elementos presentes nas narrativas de Natália Borge Polesso que atuam como fissuras nas normatividades de gênero, a partir de novas interpretações sobre corpo-gênero-sexualidade propostas pelos Estudos Transviados.

JUSTIFICATIVAS

A escolha por esse tema dialoga diretamente com minhas vivências/experiências. Primeiro, por fazer parte de uma conjuntura de invisibilidade e de processos de exclusão. Bicha, nascida em um contexto extremamente conservador, precisei viver por muito tempo “dentro do armário”, alvo dos terrores da heteronormatividade, do heteroterrorismo (BENTO, 2014). Com 17 anos de idade ingresso no curso de Letras, e não tive uma experiência que me fizesse pensar para além das caixinhas heteronormativas. As discussões pontuavam a invisibilidade de diversos sujeitos no campo da literatura e no processo de formação do cânone, mas, a heterossexualidade nunca foi problematizada nas aulas.

Daí que esse entrecruzamento das minhas vivências homossexuais e o meu olhar

para a literatura brasileira tão calcada em normatividades, desenham a relevância pessoal dessa proposta de pesquisa.

As discussões que realizei em minha pesquisa de mestrado também moldaram a relevância dessa proposta, pois os caminhos construídos realçaram a importância de “não cair nas armadilhas do capitalismo heterocisnormativo-judaico-cristão- falocêntrico e reproduzir estereótipos e as vilanias das identificações fundamentalistas” (VIEIRA, 2021, p. 18). Portanto, pensar essas questões no contexto de significação de mulheres lésbicas na literatura, desenham também a relevância social e acadêmica deste projeto.

A partir da realização de levantamento bibliográfico foi perceptível que têm aumentado consideravelmente os estudos que se propõem a discutir lesbianidade, inclusive no campo da literatura. Isso não significa, no entanto, que as identificações lésbicas tenham sido retiradas da invisibilidade em que foram colocadas historicamente. As pesquisas recentes que se debruçam sobre a lesbianidade ainda adotam perspectivas essencialistas sobre o sujeito lésbico, engessando as suas experiências. Acredito que as descobertas serão importantes para questionar construções que não dialogam com perspectivas do sujeito enquanto ser dinâmico e que, ao não considerar as pluralidades, caminham para o *equê* (truque, mentira) de uma suposta identidade fixa.

A proposta é pertinente também para contemporaneidade, pelo fato de intentar desenvolver uma investigação que envolve exatamente representações identitárias no contexto da produção literária, especificamente em obras da escritora contemporânea Natália Borges Polezzo. Daí, entende-se que este projeto entrelaça relevância social e ética, considerando todo o processo de silenciamento e apagamento e, portanto, moldando desigualdades e exclusões.

APARATO TEÓRICO

No âmbito da arte literária, até meados do século passado, os discursos dominantes vinham circunscrevendo espaços privilegiados de expressão e, consequentemente, silenciando as produções ditas “menores”, provenientes de segmentos sociais “desautorizados”, como as das minorias e dos/as marginalizados/as. O quadro comportava, de um lado, a visibilidade das obras canônicas, a chamada “alta cultura”; de outro, o apagamento da diversidade proveniente das perspectivas sociais marginais, que incluem mulheres, negros/as, homossexuais, não-católicos, operários, desempregados. As representações das sexualidades eram, portanto, restritas a um binarismo construído a partir de discursos sociais em que o desejo masculino era privilegiado dentro de um

sistema dominante e excludente.

Na literatura brasileira contemporânea, há a expressão da homoafetividade lésbica com discursos transgressores que põem em questão os padrões de gênero. Textos literários de escritoras, tais como Cíntia Moscovich, Márcia Denser, Natália Borges Polezzo tratam de temáticas homoafetivas entre mulheres. O processo criativo da Natália Borges Polezzo, inclusive, é atravessado pelas suas vivências, experiências, por marcadores da diferença que compõem as suas subjetividades. Conforme Marcelo de Jesus de Oliveira e Alexandre de Oliveira Fernandes (2023, p. 83):

Entendemos que a literatura de Natália Borges Polezzo se faz marcada pela sua condição de mulher, sapatão e, principalmente, de criança que um dia fora vítima dos discursos de controle e anulação de corpos e experiências transgressoras e, portanto, as proposições de temas socialmente complexos e personagens que desafiam a lógica da heteronormatividade imposta

Essas representações, sem dúvida, questionam as formas de controles em relação à sexualidade. Daí a importância de pensar sobre esses modos de representação, e de um olhar para a formação das subjetividades de mulheres lésbicas na literatura, a partir da construção das personagens.

Dito isso, salienta-se a importância de produções literárias com protagonismos dissidentes, como é o caso das literaturas que trazem o protagonismo de mulheres lésbicas. Estudos recentes versam sobre essas produções, dentre os quais é possível destacar a pesquisa de Eliane Santos da Silva (2021), a qual defende que “ao trazerem à cena literária representatividades que antes foram invisibilizadas e/ou estereotipadas pela tradição canônica, fazem emergir existências que tomam para si suas narrativas”. A autora discorre sobre outro aspecto que, inclusive, dialoga com as perspectivas pensadas para esta proposta de pesquisa, que é o fato de perceber, a partir da leitura de produções literárias de mulheres lésbicas a diversidade dessas identidades.

Essa perspectiva traduz, portanto, a necessidade de se questionar: o que estamos chamando de representação de identidade lésbica? Quais ideias sobre representação de identidade lésbica evocamos ao adentrar nessas reflexões? Quais sujeitos estamos empoderando com as perspectivas que adotamos para pensar sobre esses elementos? Conforme Pollianna de Fátima Santos Freire (2020, p. 230) “a representação do desejo de mulheres lésbicas na literatura de autoria feminina serve para problematizar e questionar o controle sobre a sexualidade e os corpos femininos”. O olhar para essa afirmação nos permite pensar que a literatura pode criar possibilidades que borram sistemas excludentes, os quais marginalizam determinados corpos. Assim, entende-se a

literatura como um espaço de resistência e de existência, uma vez que as personagens são as próprias protagonistas das suas vivências enquanto mulheres lésbicas, vozes que foram socialmente silenciadas por ordens excludentes.

Esta pesquisa tem sido pensada em consonância com perspectivas que problematizam essencialismos, considerando a ideia de que o sujeito está sempre em *devir* e a sua constituição se dá nos encontros. Sobre este aspecto, é válido mencionar as discussões realizadas por Carolinne Taveira de Melo (2021) em que a autora apresenta, com ênfase no sujeito lésbico, certa compreensão sobre essa perspectiva da formação de subjetividade, do sujeito em *devir*, questionando noções que engessam o sujeito e suas experiências. A autora desenvolve uma análise da representação da lesbianidade na literatura brasileira, passeando por obras desde as primeiras aparições de personagens lésbicas até obras contemporâneas. Neste sentido, se debruça sobre o que chama de *devir*-lésbico, entendendo a multiplicidade de formas de subjetividades do sujeito lésbico, ao passo que também problematiza o modo como o senso comum reduz a experiência lésbica, e como isso é representado na literatura brasileira contemporânea, dando ênfase à escrita da Natália Borges Polezzo. Saliento, portanto, a possibilidade de estabelecer um diálogo entre esta pesquisa e a minha proposta, visto que problematizam essencialismos identitários e caminham pela perspectiva da formação da subjetividade. Contudo, chamo a atenção para o fato de a pesquisa mencionada insistir na categoria identidade. A partir da leitura comecei a me questionar em que medida é possível pensar em subjetividades, em processos múltiplos e em sujeito em *devir*, sem cair nas armadilhas da identidade fixa, ainda mais quando se usa a identidade propriamente dita como categoria de análise.

É válido ainda mencionar as perspectivas apresentadas por Natália Borges Polezzo (2020) ao desenvolver uma discussão sobre o que chama de “geografias lésbicas”. Tais discussões possibilitam caminhos para pensar além da ideia de identidade fixa, universal, generalizada, ou seja, permite refutar a noção do sujeito que se diz pronto, fechado em categorias muitas vezes essencialistas, redutoras. Se nossas subjetividades são construções culturais, é um equívoco pensar, por exemplo, que conceitos fechados definem os sujeitos.

METODOLOGIA

A proposta metodológica dialoga com perspectivas que questionam metodologias reducionistas. Na contramão de um pensamento universal, a pretensão é desenvolver a

pesquisa a partir de uma metodologia fora do armário, capaz de problematizar colonialidades, epistemicídio lésbico, evocando as manas sapatonas que produzem conhecimentos sobre lesbianidades, sobre as suas experiências, a fim de nos ajudar a desenvolver as análises das figurações das personagens lésbicas nas obras tomadas como *corpus*. Assim, o olhar metodológico intenciona aproximar-se de uma submetodologia, “[...] que vasculhe indisciplinarmente as sombras e os subterrâneos da produção teórica, hackeando os tímpanos da escuta científica para fazer passar, por eles, ruídos até então ignorados” (Mombaça, 2016, n/p).

O caminho possível para orientar as análises são os Estudos Transviados (2014), por problematizar normatividades de gênero, questionar as caixinhas redutoras em relação às experiências do ser.

Na teia dos Estudos Transviados, considerando que o olhar para o processo de formação de subjetividades de mulheres lésbicas se desenvolverá a partir da criação literária, pretende-se estabelecer diálogo com a ideia de “Configurações Transviadas”, perspectivas propostas por André Luís Mitidieri, Fábio Figueiredo Camargo e Marcus Assis (2020). Do ponto de vista epistemológico, as configurações transviadas possibilitam o enfrentamento de perspectivas tradicionais da formação do campo literário. Sendo assim, a proposta é rasurar fronteiras dos saberes e mergulhar num espaço literário desestabilizador, que faça sentir “cheiro de couro”, espaço de resignificação da condição de abjeto, atribuído aos sujeitos dissidentes sexuais na formação do cânone literário.

Com a inter-relação desses aportes teóricos e com a discussão sobre categorias como representação, formação de subjetividades, lesbianidades, a presente proposta de pesquisa tem caráter qualitativo e abordagem bibliográfica, entrelaçando as análises dos textos teóricos e literários.

Dito isso, os procedimentos analíticos que pretendo fazer envolve leitura, compreensão e investigação da escrita dos contos, com ênfase nas personagens lésbicas e no modo como as mesmas foram construídas, como se movimentam dentro das narrativas, suas vivências, as inter-relações, ou seja, baseia-se numa análise literária.

Mas ao dizer isso, saliento que a pretensão é a elaboração de uma análise literária que utilize uma lupa dissidente, que se encontre com as singularidades dos processos de produções subjetivas, trazendo um olhar de deslocamento, questionando a heteronorma, especialmente no que diz respeito às normatividades de gênero e sexualidade dentro do contexto das produções literárias.

DISCUSSÃO (resultados esperados)

O levantamento bibliográfico inicial envolvendo literatura e lesbianidade, tornou perceptível que algumas categorias como corpo, sexualidade, identidade ainda são lidas de modo essencialistas, devido a uma aproximação com perspectivas teórico-metodológicas redutoras, que fazem leituras do sujeito a partir de olhares universalizantes, além é claro do contexto social heteronormativo no qual todos nós estamos inseridos. Digo isso para salientar que um dos resultados esperados com o desenvolvimento dessa investigação é exatamente a problematização deste aspecto, construindo diálogo com pesquisas anteriores, e elaborando um espaço desestabilizador, que entenda a fluidez dos sujeitos, dos corpos, das identificações lésbicas.

À luz dos objetivos elaborados, espero também produzir (ou dialogar com conceitos já existentes) conhecimentos sobre uma literatura sapatônica, uma compreensão do texto literário enquanto corpo sapatão, lésbico, caminhoneiro, espaço de subjetivação, um texto-sapatão. Espera-se tecer rasuras, fissuras, e que essas sejam capazes de consolidar avanços nas discussões da área, evoluindo dissidências sexuais e literatura.

Considerando o processo de formação do cânone literário brasileiro, é sabido que as narrativas produzidas pela figura masculina sempre foram mais predominantes, e isso está longe de significar que nesse processo não haviam produções literárias de mulheres. Ocorre que só muito tempo depois essas produções começaram a ter certa visibilidade. E no que diz respeito às produções de mulheres lésbicas? E a literatura empenhada em narrar experiências lésbicas? A falta de protagonismos tanto de personagens quanto de escritoras lésbicas realça a importância das produções como as de Natália Borges Polezzo, mulher lésbica, que tem alcançado lugares importantes no contexto da literatura brasileira contemporânea.

Os contos que compõem *Amora* (2015) são construídos a partir de temáticas lésbicas, com personagens que contestam, portanto, perspectivas hegemônicas no contexto da sexualidade. No primeiro contato com *Amora*, chamou a minha atenção o modo como Natália Borges Polezzo escreveu os contos, todos envolvendo homossexualidade feminina, contudo, adotando perspectivas diversas para a construção dos enredos, como por exemplo, a idade das personagens lésbicas. Nessa diversidade, posso exemplificar a terceira idade, em contos nas quais mulheres idosas vivenciam seus relacionamentos homoafetivos, em contos como “Vó, a senhora é lésbica?” e “Marília, acorda”.

Portanto, “Sapatonizar o cânone” é um convite para que possamos olhar para as produções de mulheres lésbicas, e para o modo como personagens que perturbam normatividades de gênero e sexualidade são representados na literatura. Essa chamada é importante tendo em vista que, pensar produções literárias que subvertem padrões sociais normativos, significa ainda considerar a formação do cânone literário, sua constituição, o modo como identificações dissidentes foram excluídas desse processo.

Dito isso, em relação aos textos apresentados a partir de levantamento bibliográfico, observou-se pontos de aproximação, mas, também, momentos de distanciamento de elementos pensados até então para a minha proposta de pesquisa. Assim, molda-se o fazer pesquisa, em que conhecimentos diversos se conectam e forma uma teia, elaborando novas perspectivas.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. *Queer o quê? Ativismo e estudos transviados*. **Revista Cult**, São Paulo, ago. 2014.

FREIRE, Pollianna de Fátima Santos. **Afetos possíveis**: a representação de diferentes tipos de arranjos familiares na literatura brasileira contemporânea / Pollianna de Fátima Santos Freire; orientador Virgínia Maria Vasconcelos Leal. -- Brasília, 2020.

MELO, Carolinne Taveira de. **O devir lésbico na literatura brasileira [manuscrito]**: entre a tradição e a ruptura / Carolinne Taveira de Melo. – 2021.

MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; LIMA, Marcus Antonio Assis. Das configurações homoeróticas às (re)configurações transviadas. In: MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra (Org). **Revisões do cânone**: estudos literários e teorias contra-hegemônicas. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020. p. 293- 316.

DE OLIVEIRA, Marcelo de Jesus; FERNANDES, Alexandre de Oliveira. “Esse é o homem, e essa é a mulher”: gênero, sexualidade e infância em “Flor, flores, ferro retorcido”. **Revista Espaço Acadêmico (242)** – out./nov./dez. 2023

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.

POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015.

POLESSO, Natalia Borges. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, p. e611, 2020.

VIEIRA, Leonardo Silva. **Encruzilhadas de gênero, raça e religião**: (des)construções identitárias de uma travesti no terreiro / Leonardo Silva Vieira.- Jequié, 2021.

Palavras-chave: Lesbianidades. Literatura lésbica. Formação de subjetividades. Natália

Borges Polesso.

DISPOSITIVOS ARTIVISTAS FEMINISTAS COMO PRÁCTICAS ESTÉTICAS RITUALES EN EPISTEMOLOGIAS DEL SUR GLOBAL: DIÁLOGO DE RELATOS ALTERNATIVOS A LOS RELATOS DOMINANTES DESDOBLADOS DE LA VIOLENCIA COLONIAL CONTRA LAS MUJERES

Ligeya Daza Hernández¹
Ricardo Freitas (orientador)²

PRESENTACIÓN

Este proyecto tiene como objetivo general Colaborar en procesos relacionales para el diálogo de relatos alternativos a los relatos dominantes desdoblados de la violencia colonial contra las mujeres, con base en una experiencia transdisciplinar en la activación de prácticas estéticas rituales, personales y colectivas, que buscan, pasar de “la desindividualización y la comprensión de una subjetividad comunal, a una comunalidad como forma de lo colectivo”, (GARAVITO, 2021).

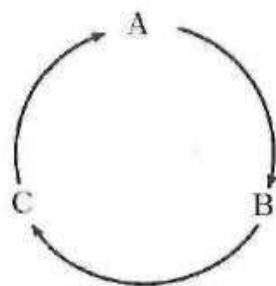
Para ello, propongo inicialmente describir dos dispositivos artivistas feministas creados colaborativamente para conmemorar el “*día de la no violencia contra las mujeres y el día internacional de las mujeres trabajadoras*” (25N e 8M), activados en la periferia bogotana como desdoblamiento de la metodología “Microuniversos” que son pequeños relatos que se construyen con plantas y objetos dentro de una maceta (GARAVITO, 2018) propuestos por la escultora colombiana Elizabeth Garavito López.

Un segundo momento de la investigación propone transcribir dos narrativas desdobladas de (25N e 8M) como parte del proceso de retroalimentación de los dispositivos, buscando el retorno de la información a un punto de origen, donde, de acuerdo con Arfuch, el “yo es uno en relación con otros y la comprensión de ese “sí mismo” sólo es posible a través de la narrativa” (ARFUCH, 2005, p. 244). Se espera el retorno en forma de “bucle de retroalimentación”, que para la cibernética, desde una perspectiva sistémica, es consecuencia de una disposición circular, donde un primer eslabón es afectado por el último, lo que implica la autorregulación del sistema y modifica el estímulo inicial a lo largo de cada recorrido por el circuito, así:

Una disposición circular de elementos conectados causalmente, en la que una causa inicial se propaga alrededor de los eslabones sucesivos del bucle, de tal modo que cada elemento tiene un efecto sobre el siguiente, hasta que el último «retroalimenta» el efecto sobre el primer eslabón en que se inició el proceso (CAPRA, 1998, p. 35).

¹ ligeyadazah@gmail.com Bolsista Capes

² ricofrei@gmail.com



Causalidade circular em um bucle de retroalimentación

Posteriormente me propongo realizar la revisión documental de tres dispositivos latinoamericanos de abordaje a las violencias basadas en género (*VBG*) a partir de narrativas auto-biográficas: (*En los zapatos de Catalina* MX, *Teatro Foro Manes a la obra -MAO-* CO y *Teatro da Oprimida* BR) siendo estos, los tres países latino-americanos con mayor índice de feminicidios y transfeminicidios, dos de ellos en procesos de reparación y en la búsqueda de acciones conducentes a la no repetición de procesos de dictadura y conflicto armado a partir de la reconstrucción de memorias, desde testimonios, relatos de violencias, y violencias basadas en género.

Uno de los resultados esperados de la investigación es activar un dispositivo contextual³, que pueda colaborar en el dialogo de relatos alternativos a los relatos dominantes en circunstancias desdobladas de violencias coloniales contra las mujeres, a partir de la metodología "Microuniversos"; que desde el bagaje de unas prácticas artísticas colaborativas, conectivas, dialógicas y relacionales, de acuerdo con Garavito, pueden entenderse como formas de arte arraigadas en un “yo” atento que cultiva el entretejido del “yo” y el “otro”, y, resultando en propuestas “que se ubican más en el campo de la acción que en los objetos artísticos, por ello, denominadas prácticas estéticas” (GARAVITO, 2021), integrar e incorporar elementos rituales para la transformación de una herida colonial, que pretendo abordar como “prácticas estéticas rituales”.

Propongo un abordaje desde el paradigma transdisciplinar o sistémico, pues encuentro afinidad en el dialogo inter-epistémico sin la exclusión o supervaloración de algunos enfoques en detrimento de otros, desde el reconocimiento de la relatividad de nociones como "definición" y "objetividad". Así, como parte del proceso de reconocimiento de un lugar de enunciación o punto de partida, las epistemologías

³ Para Paul Ardenne, en el marco del arte contextual, artistas y animadores culturales se convierten en agentes productores de eventos, donde artistas y animadores más que creadores, serían activadores de circunstancias. (Ardenne, 2006 *apud* Garavito, 2024, p. 221).

feministas del sur global soportan que el reconocimiento y la legitimación de los saberes subalternizados se tratan de:

“Identificar conceptos, categorías, teorías que surgen a partir de experiencias subalternizadas que son generalmente producidas colectivamente, que tienen la posibilidad de generalizar sin universalizar, de explicar diferentes realidades para romper el imaginario de que esos conocimientos son locales, individuales y sin posibilidad de ser comunicados” (CURIEL, 2014, p. 57).

A partir de la activación de dispositivos desdoblados de la metodología “Microuniversos”, se evidencian unos recorridos cercanos a propuestas biográfico-narrativas, donde percibo que los propios relatos dominantes han generado otros desdoblamientos, relatos autobiográficos alternativos, que por su vez, han sido relevantes en el transcurrir de las posibilidades de mi existencia. Por esto espero realizar una aproximación a la arquitectura general de la investigación y del texto a partir de una exploración al método biográfico-narrativo⁴ en investigación cualitativa, la forma del texto está pautada entonces a partir de unas narrativas o relatos autobiográficos propios, que van generando relaciones orgánicas entre categorías, que desde una comprensión sistémica, nos aboca a establecer la naturaleza de las relaciones, colocarlas en un contexto, para (CAPRA, 1998) El gran shock para la ciencia del siglo XX ha sido:

La constatación de que los sistemas no pueden ser comprendidos por medio del análisis. El pensamiento sistémico es «contextual», en contrapartida al analítico. Análisis significa aislar algo para estudiarlo y comprenderlo, mientras que el pensamiento sistémico encuadra este algo dentro del contexto de un todo superior. (CAPRA, 1998, p. 17).

¿Que estrategias de afrontamiento encontramos en los lugares que pasan por nosotros, para re-crearnos a partir de la transformación de una herida colonial en Latinoamérica? ¿Como estas estrategias están siendo constituidas en practicas estéticas rituales de/en los territorios en dirección a procesos de transformación? ¿Es posible la transformación de un relato dominante a través del dialogo de relatos alternativos en la integración de una práctica estética ritual?

⁴ Para Leonor Arfuch, la "forma adecuada" para la aparición pública es narrativa (en sus diferentes acepciones) pues para ella no hay otro modo de poner en forma, dar cuenta o sentido a la propia experiencia que no sea a través del relato, visual, audiovisual, oral, escrito “de lo que se tratará siempre, más allá de los eventuales rasgos moralizantes, ejemplarizadores, disruptivos y aún, escandalosos, es de encontrar justamente un sentido, el famoso sentido de la vida” (ARFUCH, 2005, p. 242).

OBJETIVOS

Objetivo general

Colaborar en procesos relacionales para el diálogo de relatos alternativos a los relatos dominantes desdoblados de la violencia colonial contra las mujeres, con base en una experiencia transdisciplinar en la activación de prácticas estéticas rituales, personales y colectivas

Objetivos específicos

- Describir dos dispositivos artivistas feministas creados colaborativamente para conmemorar el “*día de la no violencia contra las mujeres y el día internacional de las mujeres trabajadoras*” (25N e 8M) activados en la periferia bogotana como desdoblamiento de la propuesta "Microuniversos"
- Realizar la revisión documental de tres dispositivos latinoamericanos de abordaje a las violencias basadas en género (VBG) a partir de narrativas auto-biográficas: (*En los zapatos de Catalina* MX, *Teatro Foro Manes a la obra -MAO-* CO, *Teatro da Oprimida* BR)

JUSTIFICACIÓN

Hace 20 años fui interpelada por dos educadores populares, estudiantes de la universidad nacional de Colombia, legado de la más sofisticada inteligencia homosexual de la localidad de Usme en la periferia bogotana. Uno de ellos, el psicólogo, me instigó a narrar por primera vez mi historia de vida frente a un grupo selecto de marginalizados, donde las prácticas comunitarias y las prácticas artísticas comunitarias implicaban, de acuerdo con Garavito:

Una ambición política y cultural de largo plazo, como herramienta social y objeto de enseñanza, generalmente con grupos sociales marginales y sus necesidades, Las propuestas comunitarias están en la perspectiva de ser conectoras de presencias y transformadoras de las realidades más cercanas, en perspectiva de la construcción de otros mundos posibles. (Palacios, 2009 *apud* Garavito, 2024, p. 224).

Tuve que establecer una línea de tiempo entre fotos y relatos (profane el álbum de fotos de la familia por primer vez). Mi madre, cómplice como siempre, llevó a la mitad de la sesión de trabajo mi comida favorita preparada por ella, *arepas* calientes para todes, la memoria emotiva vinculada al recuerdo de la comida, enfatizada en un ritual ancestral. *Ver-juzgar-actuar-celebrar*

fue una de las metodologías propuestas dentro del esquema de *autoconocimiento-concientización-compromiso* en el Centro de Expresión Cultural (CEC);

Desde las metodologías feministas decoloniales, la experiencia en las historias de vida es entendida como fuente geopolítica de conocimiento; pues la clase, el “género”, la procedencia campesina, el capital social, tímidamente sugeridos en los relatos, constituyen un potente entramado de consubstancialidades no *“únicamente categorías analíticas o descriptivas que no nos permiten hacer una relación entre esas realidades con un orden mundial capitalista moderno/colonial”* (Lugones, 2008 *apud* Curiel 2014, p. 54). sino realidades vividas que exigen un profundo entendimiento de las historias de vida, aquí de acuerdo con (HILL COLLINS, 2008) quien puede mejor interpretar (yo diría interpelar) su realidad, o historicizar un lugar de enunciación desde el entramado de las experiencias vividas como fuente de conocimiento.

Para (HARAWAY, 1991) la reflexividad desde una visión descolonial implica necesariamente historicizar a quien hace búsquedas e investigaciones, ya que esto evidentemente afecta las interpretaciones, para Haraway no se trata solamente de autodefinirnos en la producción de conocimiento (aunque punto de partida ético fundamental) y si de asumir una postura en la construcción del conocimiento. En nuestro caso, relatos de vida fueron el material hacia una acción-reflexión-acción, que llegaba a un barrio periférico de la capital colombiana, desdoblada de otras periferias, las revolucionarias ideas del brasileiro Paulo Freire y del colombiano Orlando Fals Borda.

Luego Jaime, el artista plástico, evidenció relaciones posibles entre arte y vida, a partir del arte de la *performance*, y lo más importante, mostró que cualquiera podía crear. Influenciado por las ideas revolucionarias del artista plástico alemán Joseph Beuys, Jaime tarareaba una tal plástica social: *“Las acciones creativas de las personas modelan la historia y la(s) cultura(s), la historia entonces, también podría entenderse como un proceso escultórico”* (Barragán 2004, *apud* Daza 2019, p. 30).

La fórmula “Cada ser humano es un artista” de Beuys, se trata de la transformación del cuerpo social en la que el ser humano puede y debería tomar parte. Ésta para Barragán sería entonces una sociedad donde las personas además de transformarse son capaces de autodeterminarse⁵. Según Garavito las artes comunitarias “pueden ser prácticas institucionales que apoyan a diferentes grupos humanos llamados comunidades, y también puede tratarse de un proyecto artístico que involucre a grupos de personas” (GARAVITO, 2024, p. 224) donde en todo caso, la creatividad funge como fuerza transformadora de la sociedad y los artistas o

⁵ Para Garavito, en las prácticas artísticas comunitarias el artista debe apoyarse en la comunidad de manera efectiva, además, tampoco es posible separar las prácticas del arte comunitario de una perspectiva alineada con el desarrollo humano, la educación y la emancipación social, porque “si algo es el arte comunitario, es la manifestación de una ideología” (Morgan, 1995 *apud* Garavito 2024, p. 224).

animadores culturales en dichos procesos, buscan comprometerse interesándose directamente por el contexto social en el que se desenvuelven.

Una primera *performance* entonces motivada por Jaime y una historia de vida con algunas marcas de violencia en común, resultó en la realización de una potente y transformadora acción. “En el arte de la performance, artistas y animadores culturales utilizan su cuerpo como soporte y como obra, exploran las capacidades del cuerpo y sus acciones” (GARAVITO, 2024, p. 220). las performances se presentaron como estéticas efímeras, pautadas mas por el proceso de la acción que por un objeto museable como resultado, requieren fotografía y video para su registro. La performance fue la forma que encontré de abordar las violencias contra las mujeres, en/desde mi experiencia vital, legado de “*la mala educación*” de la mas sofisticada inteligencia *Gay* de Usme, posibilidad a mi *desvío*.

Durante el pregrado en la universidad distrital de Bogotá, circulaban correos con mensajes homofóbicos, y había denuncias de varias estudiantes de la universidad abusadas sexualmente en los alrededores, una necesidad palpitante y ancestral de dignificar la rabia, activar una vez más el dispositivo del arte como grito de denuncia, algo no parece estar bien y nos interpela a actuar al respecto, de acuerdo con las estéticas conectivas propuestas por (GABLIK, 1995) el mundo se ve como un paciente que necesita atención, una sociedad que necesita sanar, “*convierte el arte en un modelo de conectividad y sanación*” (Gablik, 1995 *apud* Garavito, 2024, p. 222).

Una necesidad imperativa de poner en diálogo arte y vida una vez más, al proceso orgánico que llamamos “digna rabia” le llamaban activismo, y al hacerlo ritualizando prácticas estéticas grupales, le llamaban Artivismo, para (CECCOLI Y MENOYO, 2022), unas políticas aRtivistas feministas como estrategias estéticas para la circulación de afectos y afectaciones colocan el uso del cuerpo a disposición de un hacer político colectivizado en la producción de acciones artísticas y culturales, desde las cuales se generan y disputan sentidos.

Orgánicamente nació y creció por ello desde la universidad la colectiva UDiversia otros modos, pautada por una práctica artística política, no dirigida hacia el objeto o al museo, sino donde cobraba mayor importancia el proceso que el resultado, así como el empoderamiento de las personas que creamos colectivamente. Ya no obra de autor, ahora grito de denuncia, menos singular, más colectivo y popular, en suma, un diálogo menos especializado y más interdisciplinar; un tipo de práctica que pretende generar un diálogo entre iguales y modificar la vida social más allá de la idea abstracta de sociedad, buscando actuar en ella, para Garavito, “contribuye a mejorar nuestra forma de habitar el planeta” (GARAVITO, 2024, p. 222)

METODOLOGIA

Durante la maestría en Brasil participé de una parte de la propuesta de la tesis doctoral de la artista plástica y escultora colombiana Elizabeth Garavito López, “microuniversos”, que son “pequeños relatos que se construyen con plantas y objetos dentro de una maceta” (GARAVITO, 2018, p.3). en un espacio convocado por la artista pero en el que la selección de las temáticas a abordar sucede de manera dialógica y relacional; Elizabeth dispone una serie de diversos objetos de uso cotidiano, así como materiales para ensamblarlos, y propone a las participantes un contacto con los objetos a partir de los sentidos, a veces el color, la textura, el olor, tamaño o forma detonan algún recuerdo o imagen inicial que permite iniciar la construcción de los microuniversos de cada una, lo que sucede después de la selección del primer objeto es un dialogo continuo también con la materia a partir de asociaciones, terminado e instalado en el espacio cada uno de los microuniversos de las participantes, se generan rondas de intervenciones donde se perciben retroalimentaciones, relatos alternativos a los propios relatos dominantes, en suma la posibilidad de una perspectiva diferente desde unas memorias colectivas.

Elizabeth nos invita a las participantes a identificar historias fundantes en nuestra vida, las cuales se van presentando a lo largo de mi investigación: a) a manera de recuerdos, algunos traumáticos b) En los sueños, a manera de relatos alternativos a los relatos dominantes, durante las elevaciones de nivel en la formación en Reiki del Sistema Único de salud (SUS) en Brasil c) A manera de sueños lúcidos o (*mirações*) durante las concentraciones de toma de ayahuasca en Brasil como prácticas de lugar.

Aquí, de acuerdo con Garavito, un enfoque sistémico parte del reconocimiento de la existencia de diferentes niveles de realidad, gobernados por distintos tipos de lógica, multirreferencial y multidimensional, permite reconocer otros enfoques relativos al tiempo y la historia, pues no excluye panoramas transhistóricos y se pauta en el reconocimiento de la doble pertenencia a una nación y a la Tierra de cada ser humano. Implica al tiempo una actitud abierta hacia el mito, la religión y hacia quienes respetan dichas creencias con espíritu transdisciplinario.

Para Garavito, los recuerdos son solo una selección de todo lo que sucedió en nuestra historia; son relatos dominantes que surgen de acuerdos sociales, y son, todavía, solo una fracción de lo que vivimos A pesar de eso “aspectos de la experiencia vivida que quedan por fuera del relato dominante constituyen una fuente llena de riqueza y fertilidad para la creación o re-creación de relatos alternativos” (Garavito, 2018 *apud* Daza, 2019, p. 16). Algunas reflexiones desdobladas de los relatos dominantes durante la escritura de la disertación aparecen para señalar una especial atención a los vacíos, quiebras donde el metarrelato no está contando o se desvía, que posteriormente van a dar cabida a relatos alternativos, sueños y *mirações* que propongo incorporar en el texto de la tesis.

APARATO TEÓRICO

En el horto forestal donde sedaba el SUS, en Cuiabá MT, con la posibilidad de ser tratada de manera holística, dadas las prácticas integrativas y complementarias en salud (PICS), inicié unos movimientos sistémicos con mis dos hijos no nacidos, pues ya se había manifestado en una sesión de trabajo con ayahuasca la necesidad de tratar los abortos inducidos, tratamiento éste que se extendió y fue posible ¿concluir? o tramitar, hasta el primer año de doctorado, en una tercera sesión de trabajo con ayahuasca y primera con el Santo Daime en la casa de la Paz, Ilhéus BA/BR.

Las narrativas autobiográficas, situadas como historias locales, desdobladas de unas “prácticas de lugar”, lo que desde la perspectiva de las fuerzas epistémicas que han sido convertidas en subalternas formas de conocimiento tradicional, folclórico, religioso, emocional, etc. (Escobar, 2003 *apud* Daza 2019, p. 85). resulta central en los términos del proyecto descrito por Mignolo, entendido como “el propósito de conducir una genealogía de las historias locales dirigidas a designios globales, posibilitando así otros designios desde otras historias locales que emergen del pensamiento de frontera y la diferencia colonial” (ESCOBAR, 2003, p. 61) aquí el lugar del cuerpo en lo político como practicas de lugar, donde según el colombiano Arturo Escobar, entendidas como políticas de producción de sujetos, para la cuestión feminista, “la categoría de identidad mujer ha tenido un abordaje de contextualización o lugarización y no en relación a una política de la categoría o la identidad per se”. (Escobar, 2003 *apud* DAZA, 2019 p.14).

DISCUSIÓN

En otra localidad periférica de la capital colombiana, ciudad bolívar, nos reunimos para planear conjuntamente con mujeres lideresas de la localidad la conmemoración del 25N “día de la no violencia contra las mujeres”, Una de ellas confeccionaba y vendía ropa interior para mujeres, y dentro de las propuestas de su organización, hacían pasarelas temáticas, por donde desfilaban cuerpos diversos de mujeres; la ropa interior y la pasarela de “*Mundos diversos*” fueron la primera referencia para el dispositivo que activamos en ciudad bolívar. La idea de colocar los cuerpos de mujeres sin censura en un dispositivo históricamente sexista y patriarcal como una pasarela, nos pareció en suma revolucionaria y potente, pues el dispositivo 25N buscaba una apropiación similar del espacio público. Utilizando una de las estrategias activistas más recurrentes, aprovechar el posicionamiento de un mensaje ya instaurado y subvertir el orden generando una pequeña alteración en su forma para ajustar el contenido a los intereses colectivos y difundirlo, nos valimos entonces de la más sofisticada sabiduría popular contenida en algunos dichos, combinamos desvíos a los mismos y reapropiaciones de imágenes ya posicionadas vía redes sociales virtuales.

Si el dicho popular rezaba “*la ropa sucia se lava en casa*” para sugerir el silenciamiento o confinamiento de las históricas violencias perpetradas contra niñas y mujeres (incluso después de que dejaron de tipificarse como “violencias domésticas” lo que comúnmente las mantenía en el plano íntimo de la casa, bajo el dominio privado y la voluntad de un patriarca) propusimos una desviación llamada “*calzonatón contra las violencias feminicidas*”, la cual fue convocada inicialmente vía subversión satírica y humorística de contenidos simbólicos instaurados y reproducidos de manera masiva por redes sociales a través de memes diseñados colaborativamente, donde cada una de las participantes colocaba una experiencia personal como objeto de violencia (especialmente violencias simbólicas y micromachismos) y ya en el meme subvertido se colocaban la agresión y una respuesta satírica a la misma, buscado evidenciar las violencias machistas camufladas e intentando sumar hacia su desnaturalización, instalándoles luego en el espacio público (virtual y físico).



“*A calzón quitao*” otro adagio popular indicaba por lo menos la intención de una manifestación honesta y directa, decir o hacer algo *a “calzón quitao”* indicaba desenmascarar una verdad oculta. Las acciones llevadas al espacio público durante el 25N circularon alrededor de *lavar calzones y ropa sucia* fuera de la casa; la conmemoración fue abierta con un ritual de sanación cuidadosamente activado por *Lila Belu*, quien dio apertura al círculo de mujeres con plantas amargas y dulces, velas, rezos, inciensos y un centro de fuego que tuvimos que cuidar encendido durante la apertura y el cierre de la conmemoración Leidy y yo.

Acabando el ritual de apertura, las mujeres del círculo nos pusimos sobre los pantalones o faldas los calzones extra que cada una llevaba, con estos a la altura de las rodillas y en coro recitamos en digna rabia, *¡las violencias no nos cogerán de nuevo con los calzones abajo!*; en el adagio popular, que algo o alguien te cogiera *¡con los calzones abajo!*, indicaba que algo nos tomaba desprevenidas o por sorpresa, y no una grata sorpresa, toda vez que *los calzones abajo* señalan una condición de absoluta vulnerabilidad. Dicha acción pretendía sellar un pacto entre las presentes, afirmar y firmar un compromiso personal y colectivo de atención a las violencias contra

las mujeres y las niñas, estar siempre alerta y atentas, en suma un compromiso de cuidado y autocuidado.



El tapabocas, (en pandemia las violencias contra las mujeres se incrementaron drásticamente al interior de sus viviendas) que no tenía por intención taparles la boca, con forma de *calzón* había sido confeccionado en masa por Oriana, de familia costurera también, cuidadosamente bordada la frase “No me gustas cuando callas porque...” invitando a las mujeres a subvertir una vez más el orden simbólico instaurado por la popular frase “me gusta cuando callas porque estás como ausente” del poema de Pablo Neruda: cada una de las mujeres se posiciona mínimamente dos veces, una con su respuesta escrita sobre la frase del tapabocas, y otra con su voz a micrófono abierto.

En el contexto pandémico, muchas niñas y mujeres tuvieron que quedarse encerradas con sus agresores, esto desató para muchas una fuerte necesidad de salir de casa, del encierro, para huir del ambiente tóxico. Los tapabocas en forma de *calzones*, ofrecieron entonces la posibilidad de contestar, aun por encima del tapabocas, relatos cortos de las consecuencias en la experiencia de haber tenido que quedarse calladas frente a las violencias que atravesaron.

Por encima del tapabocas, una adulta mayor que transitaba por el espacio⁶, se reconoce en los relatos de otras mujeres, entre lagrimas, ella pide lavar los *calzones* prestados de alguien mas, pues quitarse los suyos la dejarían tan desnuda en el cuerpo como en el alma, en su relato, ella manifiesta no haber tenido antes la posibilidad de identificar y decir que sus primos abusaron sexualmente de ella cuando era una niña, muchas nos reconocimos en su relato⁷, amplificadas así

⁶ El Happening - evento, ocurrencia, éxito - es una experiencia que parte de una provocación, participación, improvisación, tiene su origen en la década de 1950 y se trata de una manifestación artística multidisciplinar. “El acontecimiento artístico fue un intento de producir una obra de arte que contara con la participación de los «espectadores» (abandonando así su posición de *sujetos pasivos* y para que se liberaran a través de la expresión emocional y la representación colectiva). Pretende la participación espontánea del público y, por tanto, suele ser efímera. Por eso, los acontecimientos se presentan en lugares públicos, irrumpiendo en la cotidianidad. (GARAVITO, 2024)

⁷ Las Estéticas Conectivas presentadas por la artista y crítica estadounidense Suzy Gablik se centran en la idea de crear comunidades estéticas que buscan la descentralización del yo, dando paso a las voces de los

las voces atoradas de tantas mujeres del linaje, silenciadas por el dolor del grito interno antes de llegar a ser sonido.



Para Garavito las prácticas colaborativas se enfocan en las relaciones y el diálogo en tiempo presente, lo cual tiene la posibilidad de alterar las ideas que tenemos sobre nuestro pasado y futuro, podríamos decir que funcionan como posibles puertas para la permanente re-creación de lo que imaginamos que somos y de nuestro papel relacional en el mundo que habitamos.

Inspiradas por la anterior, o cualquier otra, una a una las mujeres al micrófono narraban algún relato de violencia que había marcado sus historias de vida, al tiempo que *lavaban sus calzones* en baldes con agua en el centro de la cancha de baloncesto del parque vecinal mas cercano a los últimos dos feminicidios ocurridos en el sector, para después colgarlos a secar en un tendedero improvisado, un desfile de diversos tipos, colores y formas de calzones *¡trapitos al sol! ¡La ropa sucia no se lava en casa!, ¿se ventilaba algo más al tiempo con los calzones de las mujeres?* ¿Qué implicaciones tenía relatar en público estas violencias autobiográficas?

otros, y en ellas “la interacción se convierte en un medio de expresión, una forma empática de ver a través de los ojos de los demás” (Gablik, 1995 *apud* Garavito, 2024, p. 7).



Para la planeación de la conmemoración del **8M** “*día internacional de las mujeres trabajadoras*” nos reunimos⁸ en la casa de la señora María. Una a una las mujeres reunidas fueron narrando relatos alrededor de sus experiencias con el derecho al trabajo y las múltiples vulneraciones al mismo; En cada relato, es posible percibir de manera relacional⁹ por lo menos un atisbo de relato dominante, al abstraer y ampliar un fragmento de la narrativa de la otra (*retrato ampliado*¹⁰), cada mujer prioriza una acción corporal y por lo menos uno o varios objetos que dialogan en dicha acción dando forma al relato (cuerpo, acción, lugar y objeto en relación¹¹), devolvemos entonces una especie de relato alternativo a cada mujer al finalizar su narrativa, y proponemos la posibilidad de re-narrar cada relato en espacio público, con especial atención en el diálogo de cada una con el relato alternativo¹², (el dialogo con la otra¹³) es decir, cada activista responde al retrato con otra propuesta de imagen, una acción relatada verbal y corporalmente en espacio público en tiempo real, con los objetos propuestos y reunidos por la colectiva de mujeres, para Garavito, unas prácticas artísticas colaborativas implican al tiempo sumergirse en posibilidades de participación, abriéndose a las ideas y colaboraciones de otras personas,

⁸ Las prácticas dialógicas implican proyectos que tienen una dimensión pedagógica “desarrollan talleres como espacios de mediación, que se multiplican a través de gestos, procesos y trabajo compartido2 (GARAVITO, 2024, p. 222)

⁹ El filósofo Nicolás Bourriaud define como “Estéticas Relacionales” a las prácticas artísticas que apuntan a la participación colectiva, así como a la generación de redes y lazos, siendo un “conjunto de prácticas, obras artísticas que toman como punto de partida teórico y práctico el conjunto de las relaciones humanas y su contexto social (GARAVITO, 2024, p. 221)

¹⁰ Las prácticas artísticas colaborativas que se introducen en el paisaje para modificarlo y no retratarlo. Ponen énfasis en la experiencia y los procesos de colaboración colectiva (GARAVITO, 2024)

¹¹ Para Leonor Arfuch, temporalidad es también espacialidad: geografías, lugares, moradas, “*escenas donde los cuerpos se dibujan en un ámbito que es a menudo la marca más consistente de la cronología, el anclaje más nítido de la afectividad*” (ARFUCH, 2005, p. 248). el espacio físico, geográfico se transforma en espacio biográfico.

¹² Las prácticas artísticas colaborativas se enfocan en los procesos de transformación intersubjetivos

¹³ Las Prácticas Dialógicas, prácticas como espacios de diálogo que serían definidos por las participantes, “el espacio estético se basa en generar nuevas formas discursivas más allá de la experiencia individual y las subjetividades de las participantes. En este caso, la subjetividad es lo que se forma a partir del nuevo diálogo” (Kester, 2004 *apud* Garavito, 2024, p. 222) interacciones entre diferencias culturales e identitarias capaces de generar nuevas estructuras dialógicas.

proyectos que se alejan de la producción de objetos museables para centrarse en la acción de colaborar (GARAVITO, 2024)

Otra cosa tenían en común las mujeres que disponían en consonancia sus relatos en microuniversos autobiográficos, eran mujeres que se *ganaban el pan* limpiando y cuidando de las casas y de las familias de las otras, de todo y de todes quienes precisaban de cuidado. Así en el momento de relatar sus microuniversos en la ronda, manifestaban cuanto las fragilizaba la dependencia económica, con frecuencia maltratadas por sus maridos, con la excusa de la traición siempre rondando sus cabezas, además eran explotadas por los patrones y patronas.

Las habían convencido de lo afortunadas que eran al estar por ellos empleadas, al punto de persuadirlas de que las estaban favoreciendo, pues nadie mas las emplearía sin estudios, analfabetas, campesinas y pobres. Cuando rechazadas las insinuaciones sexuales de los patrones, quienes les amedrentaban aun mas agregando “*ni para eso sirve*”, algunas cederían ante la amenaza de ser despedidas y lanzadas a la calle, llegando a creer que debían obediencia incuestionable a *sus señores*, a veces con el conocimiento y aprobación de sus esposas.

Para la conmemoración del 8M, además de dialogar las acciones en casa de la señora María, ya en el territorio desdoblamos el dispositivo “Construcción de microuniversos autobiográficos” dispusimos sobre una gran mandala en tela una suerte de objetos de uso cotidiano, así como baterías de juguetes diseñados para niños y niñas, destinados a ser distribuidos en piñatas de cumpleaños; pues encuentro que el dispositivo propuesto por la escultora me resulta tan familiar y potente porque me llevaba de vuelta a la infancia, a horas y horas sumergida en la silenciosa meditación de los objetos, deslizada o empujada a solitarias y largas reflexiones en huecos, rincones o armarios, como dice Mercedes Sosa en la canción de las simples cosas “*uno vuelve siempre a los viejos sitios donde amo la vida*”

En este relato narrado con objetos y con el cuerpo, la mujer diseñó su microuniverso, y se deslizó desde el agigantándose en su relato, utilizó un cucharón para defenderse de las agresiones sexuales del patrón, narra como quien revive el momento, muy nerviosa, pero con fuerza y contundencia, como lo golpeo en la cabeza tan fuerte como le fue posible, tomo las llaves ya habiendo identificado previamente el lugar donde las escondían, pues la puerta estaba siempre cerrada con llave, y huyó para siempre, sin saber el destino del cucharón de madera ni del cabeza dura del patrón¹⁴.

¹⁴ Para Gablik, en las estéticas conectivas, “la obra logra una metáfora sobre la relación, que tiene un poder restaurador (Gablik, 1995 *apud* Garavito, 2024 p. 222). así, el artista o activador de circunstancias, de acuerdo con Ardenne, entra en el territorio del otro y se convierte en un medio para sus experiencias.



La idea de colocarse la capucha color violeta fue propuesta por doña María, remite a la idea de clandestinidad y respaldo a las voces que no pueden ni deben ser identificadas, que anuncian y denuncian verdades incómodas, que pueden instar a otras a actuar y hablar de la misma forma, a levantarse.



Para el abordaje de los dispositivos *8M* y *25N*, la creación como paradigma investigativo se orienta hacia unos saberes/haceres capaces de crear permanentemente otras formas de existencia, con conciencia plena de la necesidad de superar dimensiones estéticas que configuran el contexto social, las cuales han producido un tipo de prácticas (GARAVITO, 2018) en el caso colombiano, de violencia, desigualdad y discriminación; para posicionar otras prácticas estéticas

que deriven en existencias plenas, conscientes, responsables y tendientes a mejorar la vida en el planeta.

REFERENCIAS

ARFUCH, Leonor. Cronotopías de la Intimidad. *In*: ARFUCH, Leonor. **PENSAR ESTE TIEMPO**. Espacios afectos, pertenencias. Buenos Aires – Barcelona – México: Paídos, 2005. p. 239-290.

CAPRA, Fritjof. **La trama de la vida**. Una nueva perspectiva de los sistemas vivos. Barcelona: Anagrama, 1998.

CCECOLI, Pamela y MENOYO, Sofia. COGER Y ABORTAR EN CUALQUIER LUGAR. *Políticas feministas aRtivistas de la AfectAcción*. **Derecho y Ciencias Sociales**, La Plata, n. 26 noviembre 2021- abril 2022. Disponible en: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/134467> Acceso en: 19 may. 2024.

CURIEL, Ochy. Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. *In*: LUXAN, Marta. **OTRAS FORMAS DE (RE) CONOCER**. Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista. Bilbao: Hegoa, 2014. p. 45-60.

DAZA, N. L. **O pessoal é poético**: historias locais para a identificação de práticas de gênero e sexualidade colonizadas. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Faculdade de Comunicação e Artes (FCA), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo. **Tabula Rasa**, Bogotá n 1, p. 51 86, octubre 2003. Disponible en: <https://www.revistatabularasa.org/numero-1/escobar.pdf> Acceso en: 20 may. 2024

GARAVITO, Elizabeth. Comunidades estéticas soñadas. Prácticas estéticas en comunidad y sus encrucijadas. **Calle 14 revista de investigación en el campo del arte**, Bogotá, v. 19, n. 36, p. 212-227, mayo 2024. Disponible en: <https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/c14/article/view/20900> Acceso en: 5 jul. 2024.

GARAVITO, Elizabeth. Ecología en prácticas cotidianas. **Calle 14 revista de investigación en el campo del arte**, Bogotá, v. 13, n. 24, p. 310-424, julio 2018. Disponible en: <https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/c14/article/view/13535> Acceso en: 14 may. 2024.

GARAVITO, Elizabeth. El “Otro” de las artes colaborativas. *In*: ARTE Y ALTERIDAD, La obra de arte como objeto ecosófico. [7], 2021, Cauca. Disponible en: <https://facartes.unicauca.edu.co/arte&alteridad/node/229>. Acceso em: 05 jul. 2024.

Palabras-clave: Epistemologías feministas del Sur Global. Narrativas autobiográficas.



**NOSSOS AGRADECIMENTOS: COMUNIDADE
ACADÊMICA DA UESC E PROFESSORES DEBATEDORES**

ppg!